



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – PROPUR/UFRGS

Dissertação de Mestrado

**TURISMO E CAPITAL SOCIAL:
A experiência de desenvolvimento local sustentável
no Distrito de Morro Azul, Litoral Norte do R.S.**

Orientador
Dr. Enaldo Nunes Marques

Autora
Ana Caroline Teixeira da Silva Colodzeiski

Porto Alegre, maio de 2007

ANA CAROLINE TEIXEIRA DA SILVA COLODZEISKI

TURISMO E CAPITAL SOCIAL
A experiência de desenvolvimento local sustentável
no Distrito de Morro Azul, Litoral Norte do R.S.

Dissertação de mestrado submetida ao PROPUR como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional, inserida na linha de pesquisa: *A distribuição espacial das atividades e âmbitos de suas determinações.*

Orientador
Dr. Enaldo Nunes Marques

Porto Alegre, maio de 2007.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Enaldo Nunes Marques pelo incentivo e confiança;

Ao PROPUR;

À toda a minha família, em especial à minha mãe, Celina, minha irmã, Ana Consuelo e à minha prima Miriam pelo apoio incondicional durante toda a minha vida;

Ao meu marido Gustavo pelo amor e compreensão nos momentos em que estive ausente.

Dedicatória

Dedico este trabalho à Deus e à minha família.

RESUMO

O tema dessa investigação trata do capital social como prática de incentivo ao desenvolvimento do turismo. Dentro desta perspectiva são consideradas para o estudo variáveis associadas à oferta e demanda turística e aos impactos na comunidade-anfitriã. O objetivo principal é contribuir com reflexões que aproximem o fenômeno do turismo das práticas de capital social. Foi selecionado como objeto de estudo o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, tendo como recorte o Distrito de Morro Azul, município de Três Cachoeiras. O estudo caracteriza-se pelo caráter exploratório do tema em questão, utilizando-se como métodos de coleta de dados o levantamento de arquivo e de campo. Dentro deste último foi realizada observação participante, aplicação de questionários nos visitantes e entrevistas com a comunidade residente, além de levantamento fotográfico dos atrativos turísticos. Os resultados revelam que o capital social parece consolidado na localidade pesquisada, indicando que há uma grande vocação da comunidade-anfitriã para o desenvolvimento do turismo com vistas à sustentabilidade. Tais resultados evidenciam a importância da participação da população local no processo decisório o que conseqüentemente favorece o êxito das atividades relacionadas ao turismo.

Palavras-chave: turismo – capital social – comunidade-anfitriã

ABSTRACT

The theme of this investigation treats of the social capital as incentivization practical to the tourism growing. Into this perspective, variables associated to the offering and touristic demand and to the impacts in the host-community are considered to the study. The main objective is to contribute with reflections that approach the tourism phenomenon to the social capital practicals. It was selected as object of study the North Seaside of Rio Grande do Sul, it having like delimitation the District of Morro Azul, Municipality of Três Cachoeiras. The study characterize itself by the exploratory character of the matter in question, it using like method of data collection, the research of file and field research. Into this last one, it was fulfilled participant observation, questionnaire application to the visitors and interviews with the resident community, beside the photographic research of the touristic atractives. The results reveal that de social capital seems consolidated in the searched locality, it indicating that there is a great vocation in the host community to the tourism development with the objective to get sustentability. These results evidence the importance of the local people's participation in the decisory process, which consequently it favours the outcome of the activities related to the tourism.

Key-Words: tourism – social capital - host-community

SUMÁRIO

| | |
|--|--------------|
| AGRADECIMENTOS..... | III |
| RESUMO..... | V |
| ABSTRACT..... | VI |
| LISTA DE FIGURAS..... | XI |
| LISTA DE TABELAS..... | XIII |
| LISTA DE QUADROS..... | XVI |
| LISTA DE GRÁFICOS..... | XVII |
| LISTA DE ABREVIATURAS..... | XVIII |
| CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO..... | 19 |
| 1.1 Apresentação do tema de pesquisa..... | 19 |
| 1.2 Problema de pesquisa..... | 20 |
| 1.3 Justificativa..... | 21 |
| 1.4 Definições de termos..... | 22 |
| 1.4.1 Turismo..... | 23 |
| 1.4.2 Visitante..... | 23 |
| 1.4.3 Turista..... | 23 |
| 1.4.4 Excursionista..... | 23 |
| 1.4.5 Oferta..... | 24 |
| 1.4.6 Demanda..... | 24 |
| 1.5 Estrutura dos capítulos..... | 24 |
| CAPÍTULO II : PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO..... | 27 |
| 2.1 Objetivos..... | 27 |
| 2.1.1 Geral..... | 27 |
| 2.1.2 Específicos..... | 27 |

| | |
|--|----|
| 2.2 Variáveis | 28 |
| 2.3 Hipóteses | 29 |
| 2.4 Objeto de estudo | 30 |
| 2.5 Metodologia | 30 |
| 2.5.1 Definição das variáveis | 31 |
| 2.5.2 Variáveis associadas à oferta turística | 31 |
| 2.5.2.1 Atrativos..... | 32 |
| 2.5.2.1.1 Naturais..... | 32 |
| 2.5.2.1.2 Culturais..... | 33 |
| 2.5.2.1.3 Manifestações e usos tradicionais e populares..... | 33 |
| 2.5.2.2 Acessos..... | 33 |
| 2.5.2.3 Estabelecimentos de Hospedagem..... | 33 |
| 2.5.2.4 Qualidade dos serviços prestados..... | 34 |
| 2.5.3 Variáveis associadas à comunidade receptora | 34 |
| 2.5.3.1 Características pessoais..... | 34 |
| 2.5.3.2 Atividade econômica..... | 34 |
| 2.5.3.3 Qualificação para o turismo..... | 35 |
| 2.5.3.4 Nível de tolerância em relação ao turismo..... | 35 |
| 2.5.3.5 Grau de afinidade entre a comunidade..... | 35 |
| 2.5.4 Variáveis associadas à demanda turística | 36 |
| 2.5.4.1 Determinantes Sociológicos..... | 36 |
| 2.5.4.2 Determinantes da Viagem..... | 36 |
| 2.5.4.2.1 Período da Visita..... | 37 |
| 2.5.4.2.2 Primeira visita ou repetição..... | 37 |
| 2.5.4.2.3 Meio de transporte..... | 37 |
| 2.5.4.3 Gasto Turístico..... | 38 |
| 2.5.5 Métodos de coleta de dados | 38 |
| 2.5.5.1 Levantamento de arquivo..... | 38 |
| 2.5.5.2 Levantamento de campo..... | 39 |
| 2.5.5.2.1 Levantamento fotográfico..... | 40 |
| 2.5.5.2.2 Entrevistas..... | 40 |
| 2.5.5.2.3 Questionários..... | 41 |
| 2.5.5.2.4 Observação participante..... | 41 |
| 2.5.6 Seleção das amostras | 42 |
| 2.5.6.1 Definição dos grupos de participantes..... | 42 |
| 2.5.7 Técnicas de análise dos dados | 42 |

CAPÍTULO III: O FENÔMENO DO TURISMO E AS TEORIAS DE CAPITAL SOCIAL

| | |
|--|----|
| 3.1 Apresentação | 44 |
| 3.2 Teorias do capital social | 45 |
| 3.2.1 Debates teóricos sobre capital social | 45 |
| 3.2.2 Comunidades Cívicas | 47 |

| | |
|---|-----------|
| 3.2.3 Capital social e crescimento do turismo..... | 51 |
| 3.3 O FENÔMENO DO TURISMO E SUAS CONCEPÇÕES..... | 53 |
| 3.3.1 Turismo e crescimento econômico..... | 54 |
| 3.3.2 Modalidades alternativas de turismo..... | 57 |
| 3.3.2.1 Ecoturismo..... | 57 |
| 3.3.2.2 Turismo Rural..... | 57 |
| 3.3.2.3 Agroturismo..... | 58 |
| 3.3.3 Turismo e Comunidade Receptora..... | 58 |
| 3.3.4 Turismo e desenvolvimento local sustentável..... | 62 |

CAPÍTULO IV: DISTRITO MORRO AZUL: CARACTERIZAÇÃO

| | |
|---|----|
| 4.1 Apresentação..... | 66 |
| 4.2 Justificativa para seleção do objeto de estudo..... | 66 |
| 4.3 Delimitação do objeto de estudo..... | 69 |
| 4.3.1 Caracterização do Objeto de estudo..... | 69 |
| 4.3.1.1 Aspectos Históricos..... | 69 |
| 4.3.1.2 Aspectos Sociais..... | 70 |
| 4.3.1.3 Aspectos Econômicos..... | 70 |
| 4.3.1.4 Aspectos Climáticos..... | 71 |
| 4.3.1.5 Recursos Naturais..... | 71 |
| 4.3.2 Projetos Turísticos..... | 71 |
| 4.3.2.10 Roteiro Vale do Paraíso..... | 71 |

CAPÍTULO V: INVESTIGAÇÃO DE CAMPO: PESQUISA E RESULTADOS

| | |
|---|----|
| 5.1 Apresentação..... | 74 |
| 5.2 Avaliação da oferta turística..... | 74 |
| 5.2.1 Levantamento dos atrativos turísticos..... | 74 |
| 5.2.1.1 Atrativos naturais..... | 76 |
| 5.2.1.2 Atrativos culturais..... | 78 |
| 5.2.1.3 Manifestações culturais..... | 79 |
| 5.2.2 Avaliação dos acessos..... | 80 |
| 5.2.3 Avaliação dos estabelecimentos de hospedagem..... | 82 |
| 5.2.4 Avaliação da qualidade dos serviços prestados..... | 83 |
| 5.2.5 Avaliação dos serviços relacionadas à alimentação..... | 84 |
| 5.3 Avaliação dos impactos na comunidade receptora..... | 84 |
| 5.3.1 Análise das características pessoais..... | 85 |
| 5.3.2 Análise da atividade econômica..... | 86 |
| 5.3.3 Avaliação dos cursos de qualificação..... | 88 |
| 5.3.4 Análise do nível de tolerância em relação ao turismo..... | 89 |
| 5.3.5 Análise do grau de afinidade entre a comunidade..... | 90 |

| | |
|--|------------|
| 5.4 Avaliação da demanda turística..... | 94 |
| 5.4.1 Levantamento dos principais emissores da demanda..... | 94 |
| 5.4.2 Análise do período de visitação..... | 95 |
| 5.4.3 Análise da fidelidade da demanda..... | 95 |
| 5.4.4 Levantamento dos meios de transporte utilizados..... | 96 |
| 5.4.5 Análise do gasto turístico..... | 97 |
| | |
| CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS | |
| | |
| 6.1 Principais resultados obtidos..... | 99 |
| 6.2 Limitações da Pesquisa..... | 103 |
| 6.3 Sugestões para futuras investigações..... | 104 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 106 |
| | |
| ANEXOS..... | 111 |
| | |
| ANEXO A..... | 112 |
| ANEXO B..... | 114 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Classificação dos viajantes para fins de estatística de Turismo..... | 24 |
| Figura 2: Receita Cambial turística..... | 55 |
| Figura 3: Corrente Cambial Turística 2003 – 2007..... | 55 |
| Figura 4: Localização da área de estudo..... | 69 |
| Figura 5: Trilha ecológica..... | 77 |
| Figura 6: Rio Paraíso..... | 77 |
| Figura 7: Rio Paraíso..... | 77 |
| Figura 8: Trilha ecológica..... | 77 |
| Figura 9: Área para lazer..... | 77 |
| Figura 10: Trilha ecológica..... | 77 |
| Figura 11: Visitantes participando de trilha..... | 77 |
| Figura 12: Trilha da Cachoeira..... | 77 |
| Figura 13: Casa de Colonização..... | 79 |
| Figura 14: Casa do “Filó”..... | 79 |
| Figura 15: Moinho..... | 79 |
| Figura 16: Alambique..... | 79 |
| Figura 17: Encenação de hábitos dos imigrantes italianos..... | 79 |
| Figura 18: Interior da Casa do “Filó”..... | 79 |
| Figura 19: Pousada “Casa da tia Laura”..... | 83 |

Figura 20: Fachada da casa do “Filó” 83

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Adequação da infra-estrutura das propriedades..... | 75 |
| Tabela 2: Melhorias realizadas nas propriedades..... | 75 |
| Tabela 3: Manifestações culturais no distrito de Morro Azul..... | 80 |
| Tabela 4: Avaliação dos acessos à comunidade de Morro Azul..... | 81 |
| Tabela 5: Avaliação dos acessos pelos residentes..... | 82 |
| Tabela 6: Avaliação dos meios de hospedagem pelos usuários..... | 83 |
| Tabela 7: Satisfação dos usuários em relação às propriedades visitadas..... | 83 |
| Tabela 8: Satisfação dos usuários em relação ao roteiro como um todo..... | 84 |
| Tabela 9: Avaliação dos serviços de alimentação..... | 84 |
| Tabela 10: Faixa etária dos residentes..... | 85 |
| Tabela 11: Grau de instrução dos residentes..... | 86 |
| Tabela 12: Representatividade do turismo na renda familiar..... | 87 |
| Tabela 13: Avaliação dos cursos pelos residentes..... | 89 |
| Tabela 14: Impactos positivos gerados pelo turismo..... | 89 |
| Tabela 15: Impactos negativos gerados pelo turismo..... | 90 |
| Tabela 16: Benefícios do roteiro..... | 91 |
| Tabela 17: Participação em reuniões..... | 91 |
| Tabela 18: Influência do turismo nas relações da comunidade..... | 92 |
| Tabela 19: Concorrência entre as propriedades..... | 92 |
| Tabela 20: Concorrência direta com a propriedade do respondente..... | 93 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 21: Participação de outras propriedades no roteiro..... | 93 |
| Tabela 22: União da comunidade para desenvolvimento do turismo..... | 94 |
| Tabela 23: Local de origem dos visitantes..... | 94 |
| Tabela 24: Período da visita..... | 95 |
| Tabela 25: Fidelidade da demanda..... | 95 |
| Tabela 26: Participação em outros roteiros de turismo rural..... | 96 |
| Tabela 27: Consumo de produtos típicos da região..... | 97 |
| Tabela 28: Idade dos entrevistados..... | 114 |
| Tabela 29:Escolaridade dos entrevistado..... | 114 |
| Tabela 30: Tempo de moradia..... | 115 |
| Tabela 31: Atividade econômica..... | 115 |
| Tabela 32:Infra-estrutura das propriedades..... | 116 |
| Tabela 33:Atrativos turísticos das propriedades conforme a comunidade..... | 117 |
| Tabela 34: Melhorias realizadas..... | 119 |
| Tabela 35: Retorno financeiro..... | 120 |
| Tabela 36:Acessibilidade..... | 121 |
| Tabela 37: Produtos comercializados..... | 122 |
| Tabela 38:Cursos na área de turismo..... | 122 |
| Tabela 39:Importância dos cursos..... | 123 |
| Tabela 40: Incentivos financeiros..... | 124 |
| Tabela 41: Participação na elaboração do roteiro..... | 125 |
| Tabela 42: Relações sociais na comunidade..... | 125 |
| Tabela 43:Realização de reuniões..... | 126 |
| Tabela 44: Participação nas decisões..... | 127 |
| Tabela 45: Impactos sociais do turismo na comunidade..... | 127 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 46: Concorrência entre a comunidade..... | 128 |
| Tabela 47: Concorrência direta com os interesses dos entrevistado..... | 129 |
| Tabela 48: Elaboração do roteiro..... | 129 |
| Tabela 49: Inclusão de outros membros da comunidade no roteiro..... | 130 |
| Tabela 50: Benefícios do turismo para a comunidade..... | 131 |
| Tabela 51: Principais impactos negativos do turismo na comunidade... | 132 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Aspectos considerados no levantamento de arquivo..... | 39 |
| Quadro 2: Descrição dos níveis do processo de cancelamento..... | 52 |
| Quadro 3: Índice de irritação da comunidade anfitriã..... | 59 |
| Quadro 4: Resumo dos impactos gerados pela atividade turística..... | 61 |
| Quadro 5: Distribuição populacional do município de Três Cachoeiras..... | 70 |
| Quadro 6: Seleção de atrativos naturais..... | 77 |
| Quadro 7: Seleção dos atrativos culturais..... | 79 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Atrativos identificados nas propriedades..... | 76 |
| Gráfico 2: Principais atividades econômicas dos residentes..... | 86 |
| Gráfico 3: Produtos consumidos pelos visitantes..... | 87 |
| Gráfico 4: Participação em cursos de qualificação..... | 88 |
| Gráfico 5: Meio de transporte utilizado..... | 96 |
| Gráfico 6: Produtos consumidos pelos visitantes..... | 97 |

LISTA DE ABREVIATURAS

COREDE – Conselho Regional de Desenvolvimento

EMATER/RS – Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

EUROSTAT – Departamento Estatístico da União Europeia

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FEPAM – Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler RS

OMT – Organização Mundial de Turismo

WTTC – World Travel and Tourism Council – Conselho Mundial de viagens e turismo

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO

1.1 Apresentação do tema de pesquisa

Avaliações realizadas pelo World Travel and Tourism Council (WTTC) revelam que o turismo é uma das atividades que mais geram crescimento econômico e empregos no mundo. Em vários países, é o principal produto no mercado internacional. Em outros, está entre os três maiores setores, o que confirma a tendência de intensificação de sua representatividade no mercado global. Os impactos econômicos provocados pelo turismo vêm despertando interesses em pesquisadores de diversas áreas, preocupados em compreender e discutir questões ligadas a este fenômeno. Ao mesmo tempo, somadas a estas questões, intensificam-se as pesquisas voltadas às relações sociais e os impactos da atividade nas comunidades-anfitriãs.

Tendo em vista a relevância de tais aspectos para o cotidiano das comunidades envolvidas procura-se abordar o tema turismo, enfocando fundamentalmente os impactos gerados nos residentes. Dentro deste contexto, o estudo pretende investigar as relações entre o fenômeno do turismo e o capital social e sua importância para o crescimento econômico local. A Encosta da Serra do Litoral Norte do Rio Grande do sul, constitui-se no objeto empírico desta investigação sendo delimitado como recorte deste, o distrito de Morro Azul, município de Três Cachoeiras, onde são examinadas as relações de cooperativismo existentes na comunidade, suas experiências e contribuições para a constituição de um organismo turístico. O local de estudo apresenta características de especial interesse para pesquisadores da área de turismo, como por exemplo a investigação de Pereira (2005) que analisa a atividade na perspectiva da preservação da cultura e do Meio Ambiente evidenciando o potencial turístico da região.

Neste primeiro capítulo apresenta-se o tema da pesquisa, identificando-se o problema e a justificativa para a investigação. Na seqüência, são descritas algumas definições de termos próprios da área de turismo, estabelecidos pela OMT (Organização Mundial do Turismo) e por teóricos da área, que oferecerão suporte para a correta compreensão desta dissertação. Por fim, realiza-se uma breve exposição da estrutura dos capítulos.

1.2 Problema de pesquisa

O problema central desta investigação aborda as dificuldades de implementação do turismo em regiões voltadas à agricultura familiar e a representatividade do capital social dentro destas comunidades. Alguns especialistas entendem que o turismo inevitavelmente ocasiona transformações sociais, ambientais e culturais. Estudos realizados em Las Alpujarras, Granada apontam que a posição dominante do setor turístico tem suprimido outros setores, como o agrícola, por exemplo, provocando mudanças na paisagem e na vida da população local. (Gallardo,2004 p.43).

Estudos recentes revelam que o turismo vem sendo considerado uma oportunidade de crescimento econômico em diversas regiões do país e do mundo (OMT,2003). Ruschmann (2002, p.16), referindo-se às perspectivas de crescimento deste fenômeno, menciona que, em países desenvolvidos, as atividades turísticas já consolidaram seu valor econômico, o que passou a determinar o “direito ao lazer”. Sobre este aspecto, a autora adverte acerca dos efeitos negativos provocados pelo fluxo massivo de visitantes nas comunidades receptoras. Tais efeitos também têm tomado atenção especial de outros pesquisadores da área (como por exemplo,Beni, 2006 e Lemos 2005), que vêm criticando ações de implementação do turismo sem o prévio estudo da capacidade de carga ambiental e das variáveis sociais envolvidas.

Ross (2001, p.136) referindo-se aos estudos de Allen *et al* (1988) lembra da necessidade de monitoramento e participação da população local nos impactos gerados pelo turismo para minimizar futuros problemas advindos

desta atividade. Neste mesmo estudo o autor discute outras questões relevantes presentes nas pesquisas de Allen, Long, Perdue e Kieselbach (1998) que afirmam que é essencial compreender as relações entre turistas e comunidade local, as percepções dos anfitriões e satisfação destes perante o desenvolvimento do turismo dentro de sua comunidade.

No litoral Norte do Rio Grande do Sul, objeto empírico desta pesquisa, o processo de ocupação territorial inadequado vem, ao longo dos anos, comprometendo a preservação dos bens naturais. Conforme a FEPAM (2000), esse crescimento desordenado ocorreu, principalmente, pela ausência de diretrizes para a ocupação do território, e conseqüente inadequação de infraestrutura e saneamento básico. A região também sofre com a questão da sazonalidade, durante o veraneio é registrado considerável aumento populacional, gerando lucros para economia, situação oposta à que ocorre nos meses de inverno, quando a procura por esses locais é praticamente inexistente. No meio rural a situação é semelhante, já que a agricultura, principal fonte de renda, também passa por períodos sazonais em decorrência dos efeitos climáticos. Este cenário econômico e social reflete a instabilidade regional e a necessidade urgente de práticas alternativas que possam reverter esse quadro.

No entanto, esta investigação não tem a pretensão de apresentar soluções para o crescimento econômico da região, mas colaborar reunindo elementos teóricos, através da verificação empírica, relacionados às práticas de capital social e às ações de incremento do turismo, considerando os fatores que se opõem a este fenômeno. Portanto, o problema central desta pesquisa situar-se-à na seguinte questão: Como o capital social pode contribuir para o desenvolvimento do turismo?

1.3 Justificativa

A busca pela dinamização do turismo através de práticas de associativismo, ao mesmo tempo em que gera benefícios econômicos para as

regiões envolvidas, pode acarretar no declínio de algumas destinações. A *roteirização regionalizada*¹ vem oferecendo resultados em curto prazo, favorecendo o marketing e o fluxo turístico de alguns destinos, opondo-se à *regionalização sustentável*, que prima pela consolidação do turismo como instrumento de desenvolvimento sustentável. (Beni, 2006 p. 32)

Estudos evidenciam a possibilidade de desenvolvimento local através de práticas de associativismo situações capazes de reverter estágios de declínio na economia, tendo como principal motivação o capital social, através da mobilização comunitária e criação de cooperativas. (Putman,2000). Da mesma forma, na área de turismo alguns autores apontam este fenômeno como fator determinante na reestruturação de áreas rurais que possuam potencial para o desenvolvimento desta atividade (como por exemplo,Santos,2004)

Diante deste cenário, considera-se esta investigação importante porque busca avaliar se as relações caracterizadas pelo capital social podem favorecer o desenvolvimento do turismo com vistas à regionalização sustentável sendo, este, um instrumento de integração dos atores sociais na busca pelo bem coletivo. A pesquisa também deverá contribuir para um maior entendimento conceitual, envolvendo o tema, possibilitando ampliar as discussões sobre os estudos relacionados às teorias de capital social e sua relação com o desenvolvimento sustentável do turismo.

1.4 Definições de termos

Considera-se necessária a exposição de algumas definições conceituais para melhor compreensão dos termos empregados no desenvolvimento desta dissertação. Os significados de tais termos foram definidos pela OMT (Organização Mundial do Turismo) com o objetivo de adotar uma terminologia comum em todos os países para possibilitar o desenvolvimento de estatísticas confiáveis de turismo em nível mundial.

¹ BENI,Mário Carlos. Política e Planejamento de Turismo no Brasil.p.32

1.4.1 Turismo: *“compreende todas as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu ambiente habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com a finalidade de ócio, negócios e outros motivos”.* (OMT 1998 apud Sancho Pérez,2005 p.19)

Quando mencionado “ambiente habitual” considere-se, este, o lugar geográfico onde os indivíduos vivem ou trabalham, não se deve confundir, portanto, com o conceito de residência. Enquanto o primeiro refere-se ao ambiente das pessoas, este último remete especificamente ao lar (Sancho Pérez,2005 p.19).

1.4.2 Visitante: *“Todos os que se deslocam por qualquer motivo de seu ambiente habitual, havendo ou não pernoite. Portanto ,inclui-se no âmbito do turismo não somente os visitantes que pernoitam no destino, como também os que fazem a viagem de ida e volta no mesmo dia”.* (Sancho Pérez, 2005 p.20)

É considerado como visitante interno *“qualquer pessoa que viaja por um período inferior a um ano a algum lugar dentro do país, mas fora de seu ambiente habitual, e cujo motivo principal da viagem não seja exercer uma atividade remunerada no lugar visitado”* (Sancho Pérez,2005 p. 22)

1.4.3 Turista: A OMT considera como turistas, os visitantes que pernoitam no destino.

1.4.4 Excursionista: A OMT considera como excursionista o visitante de um dia. Para fins específicos desta investigação, adotar-se-á este termo para todos os visitantes, pois a pesquisa será realizada em um roteiro de duração de um dia. A figura 1 apresenta e resume a classificação dos viajantes definida pela OMT,1995 e EUROSTAT,1998.

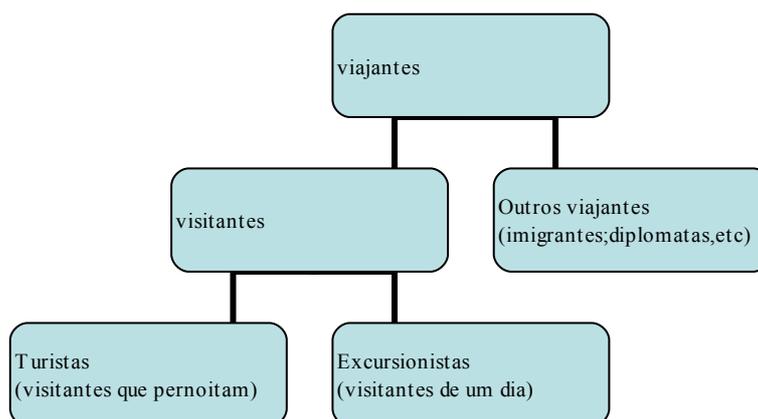


FIGURA 1: Classificação dos viajantes para fins de estatísticas de turismo
 FONTE: Sancho,2005 p.21.

1.4.5 Oferta: *“conjunto de produtos turísticos e serviços, colocados a disposição do usuário turístico em um destino determinado para seu desfrute e consumo”* (OMT,1998 *apud* Sancho Pérez,2005 p.27).

1.4.6 Demanda: Pessoas que participam da atividade turística como compradoras dos serviços. Lemos (2005 p.203) define que a demanda por valores turísticos² *“é representada pelo volume de atributos de determinada localidade validados por pessoas ou instituições que se mobilizam para disponibilizar parte de sua renda e de seu tempo para a realização de uma viagem para interagir com esses atributos, suprimindo necessidades individuais e coletivas, concretas e abstratas”*.

1.5 Estrutura dos capítulos

Este trabalho foi estruturado em seis capítulos compreendendo os seguintes conteúdos:

- **CAPÍTULO I: CAPITAL SOCIAL, TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL** – No primeiro capítulo da dissertação realizou-se a exposição do tema de pesquisa, a identificação do problema e justificativa para a investigação. Também foram mencionados alguns

² “O valor turístico é o conjunto da produção humana material e imaterial, individual e coletiva, fruto de relações sociais historicamente estabelecidas por uma comunidade em sua localidade, as quais são capazes de gerar um sistema organizado que agregue um composto de bens e serviços (...)Esse conjunto tem por unidade a força de atração que mobiliza o deslocamento e a permanência nesta localidade de pessoas residentes em espaços sociais distintos, chancelando seu valor e estabelecendo uma nova relação social: a hospitalidade”. Lemos (2005 p.207).

conceitos básicos de termos da área do turismo, para facilitar a leitura e correto entendimento do trabalho.

- **CAPÍTULO II: PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO** - No segundo capítulo apresenta-se a proposta de investigação, os objetivos (geral e específicos), variáveis, hipóteses da pesquisa e o objeto de estudo. Também são descritos os métodos empregados na pesquisa, as variáveis utilizadas, a seleção das amostras, onde são definidos os grupos de participantes, e finalmente as técnicas de análise dos dados.
- **CAPÍTULO III: AS TEORIAS DE CAPITAL SOCIAL E O FENÔMENO DO TURISMO** – Este capítulo consta da a revisão da literatura, relacionando as principais contribuições teóricas relevantes ao tema. Para uma melhor organização o capítulo divide-se em duas partes: a primeira abordando as principais teorias relacionadas ao capital social e a segunda tratando mais especificamente das discussões e conceituações pertinentes à área do turismo e desenvolvimento local sustentável. Neste mesmo capítulo, procura-se estabelecer uma relação direta destas contribuições teóricas com as variáveis abordadas nesta investigação.
- **CAPÍTULO IV: DISTRITO DE MORRO AZUL -CARACTERIZAÇÃO –** Este capítulo apresenta informações relevantes sobre o objeto empírico da pesquisa, como histórico local, relações socioeconômicas, aspectos climáticos, recursos naturais e identificação das principais atividades relacionadas ao turismo praticadas na localidade.
- **CAPÍTULO V: INVESTIGAÇÃO DE CAMPO: PESQUISA E RESULTADOS** – Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos através da pesquisa de campo, onde é realizada análise dos dados apurados, para verificar se há sustentação ou não das hipóteses definidas para o estudo.
- **CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS** – Este capítulo consta da síntese dos resultados obtidos através da pesquisa, evidenciando os

dados de maior relevância, as limitações e as contribuições do estudo, além de apresentar algumas sugestões de tópicos para pesquisas futuras.

CAPÍTULO II: PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Objetivos

2.1.1 Geral

O presente estudo tem por objetivo verificar como o capital social pode contribuir para o desenvolvimento turístico através da análise das ações coletivas da comunidade de Morro Azul, Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Desta forma, por meio desta investigação, pretende-se contribuir com futuras reflexões envolvendo as relações entre o turismo e as práticas de capital social. Buscar-se-á um entendimento que ultrapasse o âmbito local, ou seja, pretende-se agregar conhecimentos que possam vir a favorecer posteriores estudos em outras regiões com semelhante potencial turístico.

2.1.2 Específicos

- (1)** Ampliar as discussões sobre capital social na tentativa de estabelecer relações com o fenômeno do turismo;
- (2)** Investigar o processo de ocupação da região de estudo, as principais atividades econômicas e o potencial turístico local, considerando, dentro deste contexto, se há vocação da comunidade para o desenvolvimento desta atividade;
- (3)** Verificar como as relações sociais são organizadas e o significado da estruturação destes arranjos para o fenômeno do turismo;
- (4)** Avaliar o nível das relações sociais entre turistas e residentes;
- (5)** Verificar o nível de tolerância da população local em relação ao turismo;

- (6) Verificar o grau de crescimento do turismo e sua representatividade no desenvolvimento regional.

2.2 Variáveis

A atividade turística tem forte repercussão sobre as variáveis econômicas quantitativas (renda, empregos, etc) e qualitativas (nível de vida, bem estar, etc) das regiões e países onde atua e, portanto, é importante avaliar seus aspectos positivos que contribuem para o desenvolvimento dos países e destinos turísticos. (Sancho Pérez, 2006 p.212). O enfoque quantitativo permite acompanhar o desempenho econômico do turismo, enquanto a análise qualitativa contempla aspectos voltados às necessidades humanas e os impactos naturais e sociais gerados pelo turismo (Dencker, 2000 p. 267-268).

Em geral, nos estudos relacionados aos determinantes da demanda, são consideradas as seguintes variáveis: **determinantes sociológicos** (como cidade de origem dos visitantes); **relativos à viagem**: o período da visita (para determinar a sazonalidade do produto); primeira visita ou repetição (variável utilizada para determinar a fidelidade da demanda turística); meio de transporte (utilizado para deslocar-se até o local de visitação); **gasto turístico** (determina todo gasto efetuado pelo visitante durante seu deslocamento e estada no destino turístico (Sancho Pérez, 2005, p.26;32). Na abordagem das variáveis referentes à oferta turística, geralmente consideram-se aspectos relacionados à **tipologia do produto turístico**: os atrativos; os acessos para destinação; estabelecimentos de hospedagem e qualidade dos serviços prestados. Nesta pesquisa, estas variáveis são abordadas através da aplicação de questionários em grupos de participantes do roteiro “Vale do Paraíso”, no distrito Morro Azul, município de Três Cachoeiras.

Da mesma forma, também são realizadas entrevistas com membros da comunidade cujas propriedades fazem parte do roteiro, totalizando 7 (sete). Nesta etapa, analisam-se aspectos relativos ao nível de envolvimento da comunidade para o desenvolvimento do turismo, os impactos sociais e

econômicos gerados por este fenômeno e o limite de tolerância em relação aos visitantes conforme recomenda Doxey (1976) *apud* Sancho Pérez, 2006 p. 216. Dentro desta perspectiva, o estudo examina as seguintes variáveis: **características pessoais** (idade; escolaridade); **Situação econômica** (atividade econômica predominante; oportunidades no turismo); **Atrativos** (naturais; culturais); **Acessos** (condições de acesso); **qualificação** (cursos na área de turismo); **características sociais** (grau de afinidade, união, concorrência) **Nível de tolerância** (aspectos positivos e negativos do turismo).

A construção das perguntas contempla alguns aspectos recomendados por Beni, (2001 p. 264) sobre os efeitos do turismo na população residente: (1) grau de participação da população residente nas iniciativas turísticas da área receptora; (2) nível de absorção da mão-de-obra e oportunidades de emprego da população residente nos equipamentos, instalações e serviços turísticos do núcleo receptor; (3) nível de relacionamento social entre a população residente e os visitantes; (4) preparação de mão-de-obra da população residente para absorção no mercado de trabalho de turismo.

Morley *apud* Ross (2001, p.19) sustenta que os fatores sociais têm influência sobre a demanda e esta, por sua vez possui influência sobre a oferta. Portanto, para atingir os objetivos propostos para esta investigação, faz-se necessário a análise das variáveis apresentadas. Em seguida, são expostas as hipóteses definidas para a pesquisa.

2.3 Hipóteses

A partir da identificação do problema de pesquisa e definição dos objetivos, considerando também o referencial teórico referente ao tema de pesquisa, que será apresentado no próximo capítulo, delinearam-se as seguintes hipóteses para esta investigação:

(1) Quanto maior for a herança cultural da comunidade maior será a tendência a desenvolver o capital social;

(2) A atuação da comunidade na reestruturação do sistema econômico, e do território, pode influenciar diretamente no êxito das atividades voltadas ao turismo. Portanto, na medida em que os atores sociais sustentarem normas de confiança e reciprocidade, o desenvolvimento da atividade, provavelmente, obterá êxito;

(3) O sucesso na implementação do turismo está diretamente relacionado às motivações da população local, bem como ao seu interesse em colaborar para o desenvolvimento desta atividade;

(4) O turismo influencia positivamente no desenvolvimento local e regional, se pensado e praticado com vistas à sustentabilidade.

2.4 Objeto de Estudo

A comunidade de Morro Azul, município de Três Cachoeiras, R.S. foi selecionada como objeto empírico desta pesquisa (descrição melhor detalhada no capítulo IV) por apresentar algumas peculiaridades no incremento do turismo como fonte geradora de renda local. A forma de organização desta atividade, idealizada pela população local apresenta algumas características próprias de capital social, ou seja, as ações de cooperação comunitária voltadas para o bem comum. Portanto, tais características motivaram a seleção deste objeto de estudo.

2.5 Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se pelo caráter exploratório do tema em questão, utilizando-se como método o estudo de caso. A seleção deste método justifica-se pela possibilidade de investigação das relações sociais e também por este admitir o emprego de diversas técnicas de coleta de dados o que permite ampliar a base de informações tornando-a mais completa e confiável. Portanto, esta pesquisa, ao mesmo tempo em que é,

predominantemente qualitativa, necessita de um suporte quantitativo para alcançar os objetivos propostos. Na seqüência, são definidas as variáveis relevantes para o estudo e os critérios de avaliação de cada uma delas. Em seguida, são abordados os métodos utilizados para a coleta de dados, seleção das amostras e, finalmente, as técnicas utilizadas para análise destes dados.

2.5.1 Definição das variáveis

Esta investigação caracteriza-se pelo caráter quanti-qualitativo, uma vez que determinados levantamentos quantitativos são indispensáveis para que se possa construir, de forma mais objetiva e confiável o perfil qualitativo do objeto desta pesquisa. Assim, a análise quantitativa terá como função apenas a mensuração do grau de satisfação dos usuários em relação à qualidade dos serviços ofertados, bem como a avaliação dos impactos gerados pelo turismo na comunidade receptora e a caracterização da demanda turística. Os dados relativos à demanda e oferta não serão passíveis de cruzamento uma vez que tais resultados não interferem nos objetivos traçados para esta pesquisa, cujo foco está em verificar a relação entre o fenômeno do turismo e as práticas de capital social. Neste tópico, apresenta-se uma definição mais completa das variáveis envolvidas na pesquisa (mencionadas no início deste capítulo), bem como uma breve justificativa da escolha de cada uma delas.

2.5.2 Variáveis associadas à oferta turística

Para a OMT (2003,p.219,) a análise da oferta examina o destino investigado, as atrações, acomodações e instalações. Considerando, portanto que a oferta turística de uma localidade é representada pelos produtos e serviços consumidos pelos visitantes³, a avaliação de suas variáveis individualmente e como um todo permite identificar a qualidade destes produtos e serviços oferecidos e, por conseguinte verificar se há atuação cooperada entre os agentes empreendedores do turismo. Por isso, estes agentes – no caso específico desta investigação, a comunidade de Morro Azul– merece

³ Robert Laquar *apud* Vaz (2001,p.52) afirma que “ a oferta não é móvel nem estocável, os serviços turísticos são consumíveis no local(...)”

destaque nesta etapa da investigação, uma vez que os objetivos desta pesquisa concentram-se exatamente na relação entre os agentes e destes com a demanda.

2.5.2.1 Atrativos

Para alguns autores, os atrativos podem ser considerados como os principais motivadores do turismo, também como as razões pelas quais as pessoas viajam. (Goeldner;Ritchie;McIntosh,2002 p.151). Beni (2001,p.297) colabora com uma definição clara objetiva sobre este conceito. O autor afirma que os atrativos são: *“todo o lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los”*. Existem diversas classificações em relação aos atrativos. Para fins desta investigação, convém analisar apenas três tipos: (1) naturais;(2) culturais;(3) manifestações e usos tradicionais e populares.⁴

2.5.2.1.1 Naturais

Para Swarbrooke (2002,p.76) o uso dos recursos naturais, podem caracterizar-se como principais atrativos das destinações. O autor menciona como exemplo: (1) o ar limpo e puro de montanhas;(2)as terras; (3) as águas minerais com propriedades terapêuticas que são o foco de desenvolvimento de spas;(3) a água de lagos e mares, se ela for relativamente morna e limpa, adequada ao banho. Ignarra (2003,p.163) considera que a paisagem também é um forte atrativo para o turismo, principalmente quando apresenta aspectos diferenciados que, conseqüentemente tornam-se atrativos mais valorizados. Em geral, os atrativos naturais são identificados e classificados através de inventários turísticos. Portanto, levam-se em consideração os atrativos previamente relacionados no estudo das potencialidades da região. Como critério, verifica-se o tipo de atrativo, o número de vezes e em quantas propriedades ele existe.

⁴ Classificação conforme Beni (2001, p.297)

2.5.2.1.2 Culturais

Os atrativos culturais são “*manifestações sustentadas por elementos materiais que se apresentam sob a forma de bens imóveis ou móveis*”. (Beni,2001, p. 302). Da mesma forma que os atrativos naturais, utiliza-se como referência, os atrativos culturais já identificados pela comunidade e que já estão sendo aproveitados para fins turísticos. Os critérios de avaliação são: (1) o valor atribuído ao atrativo pela comunidade; (2) o número de atrativos deste gênero na localidade pesquisada.

2.5.2.1.3 Manifestações e usos tradicionais e populares

As manifestações e usos tradicionais e populares referem-se às práticas culturais específicas do próprio local ou região, de caráter popular e folclórico, consideradas objeto de participação ou apenas apreciação turística (Beni, 2001 p.305). Utilizam-se como critérios de avaliação nesta pesquisa, a natureza das práticas culturais e frequência com que ocorrem. Quanto à natureza, as manifestações poderão ser: (1) Festa, comemorações e atividades; (2) Religiosas; (3) Gastronômicas; (4) Populares e folclóricas; (5) Cívicas. Quanto à frequência com que ocorrem, será contabilizado o número de vezes no ano em que se realizam, de acordo com a tipologia dos eventos.

2.5.2.2 Acessos (condições de acesso)

As condições de acesso à localidade são fatores importantes para determinar o seu êxito no mercado turístico (Vaz,2001 p. 135). Portanto é relevante avaliar se a região é de fácil ou difícil acesso sob a ótica dos visitantes, considerando-se também a opinião da comunidade local. Sobre este último, relacionam-se também as sugestões de melhorias apontadas pelos residentes durante as entrevistas.

2.5.2.3 Estabelecimentos de Hospedagem

Essa variável compreende o levantamento dos tipos de meios de hospedagem existentes no local e avalia-se a infra-estrutura destes estabelecimentos, ou seja, se estão adequadas ou não, na opinião dos

visitantes. Da mesma forma, é perguntado aos respondentes sobre a possibilidade de retorno para ocupar estes equipamentos.

2.5.2.4 Qualidade dos serviços prestados

A qualidade dos serviços prestados é um fator que se impõe para o êxito da atividade turística. Beni (2001, p.157) salienta que *“a qualidade, refere-se ao serviço aliado ao produto, que tal como a oferta é intangível, embora mensurável”*. Considerando o exposto, analisa-se a satisfação dos visitantes em relação ao roteiro como um todo e em relação a alguns aspectos mais pontuais como receptividade, alimentação, qualificação.

2.5.3 Variáveis associadas aos impactos na comunidades receptora

A população residente, apesar de ocupar importante papel no desenvolvimento do turismo, em geral aparece em segundo plano nos estudos sobre o tema. No entanto, alguns autores, como Beni (2006) e Ross (2001) sugerem pesquisas que valorizem os aspectos relacionados à população residente, como envolvimento e participação da comunidade na atividade turística, os impactos sociais gerados por este fenômeno, os fatores positivos e negativos apontados pela população. Nesta pesquisa avalia-se cuidadosamente o papel destes atores no processo de desenvolvimento do turismo. Para tanto, é necessário considerar as variáveis descritas a seguir.

2.5.3.1 Características pessoais

A análise dos aspectos pessoais é importante para identificar as principais características da população local. Desta forma, faz-se necessário avaliar as variáveis idade (16-24;25-34;35-44;45-54;55 ou mais) e grau de instrução dos atores sociais engajados na atividade turística (fundamental;médio;superior).

2.5.3.2 Atividade econômica

Esta variável trata da verificação da principal atividade econômica praticada em cada uma das propriedades estudadas e das oportunidades de renda e emprego gerados pelo turismo. É uma variável importante para identificar o nível de dependência das famílias entrevistadas com relação ao

turismo bem como avaliar a expectativa dos residentes em relação ao retorno financeiro proporcionado por esta atividade.

2.5.3.3 Qualificação para o turismo (cursos na área de turismo)

Identifica-se aqui se há ou não preparo da população residente para atuar em atividades ligadas ao turismo. É analisado se a comunidade realizou cursos de capacitação e os principais benefícios e aprendizados adquiridos nesses cursos. Da mesma forma, pretende-se verificar se há um reconhecimento, por parte dos residentes da importância da qualificação para desenvolver o turismo na região.

2.5.3.4 Nível de tolerância em relação ao turismo

A avaliação do nível de tolerância dos residentes em relação ao turismo é muito importante para a sustentabilidade do destino, (como será apresentado no capítulo III) uma vez que, a cultura e os costumes locais destacam-se como atrativos e, inevitavelmente sofrem algum tipo de transformação. Por esse motivo, é indispensável analisar os impactos positivos e negativos gerados pelo turismo na população local. O estudo destes impactos na comunidade facilita na verificação do nível de tolerância dos residentes em relação à atividade. Nesta pesquisa, analisam-se os principais impactos positivos do turismo mencionados pelos respondentes e as contribuições que esta atividade proporciona para a comunidade. Também são relacionados, pelos residentes, os principais impactos negativos que o turismo oferece no momento ou a nível de futuro.

2.5.3.5 Grau de afinidade entre a comunidade (união/ concorrência)

Analisa-se o grau de participação da população residente nas iniciativas turísticas da área receptora (como por exemplo, se estes participaram da elaboração do roteiro em questão) e o nível de relacionamento social entre a população residente. Esta variável será avaliada tanto pelos respondentes visitantes, através da aplicação do questionário, quanto pela comunidade, por meio de entrevista.

2.5.4 Variáveis associadas à demanda turística

A análise da demanda turística fornece dados importantes para o estudo deste mercado, sendo fundamental para o êxito de qualquer atividade ligada a este fenômeno. Ruschmann (2002) entende que *“para as ações do planejamento de núcleos receptores de turistas, o conhecimento da demanda é fundamental para o dimensionamento atual e as projeções para o futuro, a fim de realizar os ajustes necessários ao bom desempenho do turismo nas localidades”*.(Ruschmann,2002 p. 150).Conforme a OMT (2003,p.219), a análise da demanda *“examina os mercados existente e pretendido de visitantes para o destino”* . Portanto, quanto mais aprofundados os estudos considerando seus diversos fatores, maior será o conhecimento sobre a demanda. No entanto, nesta pesquisa, o estudo da demanda ocupa um papel secundário, servindo apenas de auxílio no alcance dos objetivos propostos, por isso, não há um maior aprofundamento de suas variáveis.

2.5.4.1 Determinantes sociológicos

Os fatores sociológicos referem-se às características pessoais das unidades demandantes (Sancho Pérez, 2006 p. 25). Em geral, em estudos mais específicos da demanda turística, são analisados a idade, grau de instrução, sexo, estado civil e local de origem. Nesta investigação, como mencionado anteriormente, não cabe uma investigação profunda de todos estes aspectos, uma vez que os objetivos da pesquisa não ensejam tal análise. Portanto, convém aqui verificar apenas o local de origem dos visitantes (lugar geográfico onde a demanda é formada).Tomam-se como critérios para avaliação do local de origem os seguintes: (1) Visitante estrangeiro; (2) Visitante de outros estados; (3) Visitantes da capital do Rio Grande do Sul; (4) Visitantes do Interior do Rio Grande do Sul; (5) Visitantes da mesma região do destino.

2.5.4.2 Determinantes da Viagem

São aspectos relacionados às características próprias da viagem. Nesta pesquisa relaciona-se o período do ano em que se dá a visita; se os

excursionistas realizam a visita pela primeira vez ou se já participaram do roteiro mais de uma vez. Verifica-se também o meio de transporte utilizado para realização da viagem. Apesar da análise do período do ano da visita possibilitar uma avaliação sobre a sazonalidade da destinação, nesta pesquisa ela ocupará um papel secundário, ou seja, não se pretende identificar os períodos sazonais, uma vez que não houve possibilidade de acompanhar todos os grupos de participantes do roteiro no período de um ano inteiro. Ao mesmo tempo, mesmo se fosse possível tal avaliação, estes dados não seriam de alta relevância para os objetivos propostos para esta investigação.

2.5.4.2.1 Período da visita

Como critério de avaliação, considera-se a época do ano em que se realiza a visita. Esta variável servirá apenas para mencionar o período de visita dos grupos que responderam o questionário. Para identificação do período da visita, os meses são reunidos conforme a seguinte classificação: (1) dezembro, janeiro, fevereiro, março; (2) março, abril, maio, (3) junho, julho, agosto;(4) setembro, outubro, novembro.

2.5.4.2.2 Primeira Visita ou repetição

Nesta variável, avalia-se a fidelidade da demanda turística (Sancho Pérez, 2006 p.27). Utiliza-se como critérios de avaliação, se os visitantes já participaram deste roteiro ou se é a primeira vez que visitam a região.

2.5.4.2.3 Meio de transporte

Denomina-se meio de transporte àquele utilizado pelos visitantes para realização da viagem. A OMT adota como categorias: Aéreas (vôos regulares; vôos fretados, outros serviços aéreos), Linhas marítimas (de passageiro e balsa, cruzeiros), Trens, Veículos coletivos (ônibus regulares, ônibus fretados), veículos privados (carro próprio, carro alugado, carro com *trailer*, *Motor home* e outros meios de transporte terrestre. Todavia, nesta investigação não são divididas as categorias em sub-categorias, como faz a OMT, entendendo-se que convém adotar critérios que mais se adequam a realidade local, ou seja, não são mencionadas as linhas marítimas nem as áreas, uma vez que a região não possui qualquer infra-estrutura compatível com esses meios de

transportes. Os critérios adotados são: (1) Ônibus de linha regular; (2) ônibus ou vans de excursão; (3) carro particular; (4) carro alugado; (5) outros.

2.5.4.3 Gasto Turístico

É considerado todo o gasto e consumo realizado pelo visitante durante seu deslocamento e sua estada no destino turístico. Nesta pesquisa, serão avaliados apenas os tipos de gastos efetuados pelos visitantes durante a realização do roteiro, pois convém identificar a representatividade desta receita na localidade. Serão consideradas as as categorias de gastos com aquisição de produtos cultivados e/ou produzidos na região.

2.5.5 Métodos de coleta de dados

Para a realização desta investigação, utilizaram-se como métodos de coleta de dados, o levantamento de arquivo e o levantamento de campo. Em seguida, realiza-se a descrição destes métodos, bem como algumas fontes utilizadas para obtenção dos dados.

2.5.5.1 Levantamento de Arquivo

Esta etapa da pesquisa dedica-se à seleção e análise de documentos e informações referentes ao objeto de estudo, possibilitando descrever o panorama econômico e social do local de investigação. O levantamento de arquivo foi realizado através de pesquisas documentais na Casa de Colonização de Morro Azul, e Acervos particulares de Moradores do Distrito de Morro Azul, além de pesquisa em fontes bibliográficas referentes à localidade. Esta ferramenta serviu de suporte para compreensão do processo de ocupação local, o que permitiu um melhor entendimento do fenômeno turístico contribuindo, conseqüentemente, na pesquisa de campo. Foram considerados os seguintes fatores para o levantamento de arquivo:

| Fatores | FONTE |
|---|--|
| (1) Histórico; | COREDE – Litoral Norte; Documentos “Casa de Colonização”; Fontes Bibliográficas. |
| (2) sociais; demografia; Concentração–urbana/rural; | COREDE – Litoral Norte; EMATER. |
| (3) Econômicos – Comércio e serviços (inclusive turismo); | COREDE – Litoral Norte; EMATER |
| (4) climáticos; | Fontes Bibliográficas. |
| (5) Recursos naturais; | Fontes Bibliográficas. |
| (6) Infra-estrutura Básica: de acesso; distâncias a partir dos pólos econômicos; regionais e núcleos emissores; | Fontes Bibliográficas |

Quadro 1: Aspectos considerados no levantamento de arquivo
FONTE: elaboração própria

2.5.5.2 Levantamento de Campo

O levantamento de campo foi realizado através de três etapas: o levantamento fotográfico, as entrevistas, os questionários e a observação participante. A aplicação das entrevistas foi realizada nas famílias cujas propriedades estão engajadas no projeto turístico e os questionários aplicados nos grupos de excursionistas no término da realização do roteiro de turismo rural "Vale do Paraíso", abordando variáveis determinantes da oferta turística, variáveis associadas aos impactos na comunidade anfitriã e variáveis relacionadas à da demanda. O número de participantes do roteiro variou conforme o tamanho dos grupos, chegando ao máximo de sessenta pessoas por grupo de visitação (como determina o estudo da capacidade de carga local), sendo excluídos da amostra menores de 18 anos. (Seleção da amostra e definição dos grupos de participantes nos itens 2.5.6 e 2.5.6.1). De posse dos resultados obtidos através das respostas coletadas na aplicação dos questionários, foi possível verificar realidade do turismo local o que facilitou a articulação entre as perspectivas dos usuários (turistas) e dos atores sociais envolvidos na atividade (comunidade-anfitriã), possibilitando atingir os objetivos propostos para esta pesquisa.

2.5.5.2.1 Levantamento Fotográfico

Foi realizado levantamento fotográfico das propriedades envolvidas no roteiro de turismo Rural de Morro Azul, para avaliação dos potenciais turísticos das mesmas, apontados pelos residentes e que já estão sendo utilizados como atrativos durante as visitas.

| Propriedade | Potenciais identificados |
|--|---|
| Filó – Zilá | Casa do Filó |
| Sítio Dona Lucia – Lucia | Café rural;Trilha no mato |
| Moinho de Pedra – Leonor | Moinho de Pedra |
| Artesanato Paraíso das artes – Margarete | |
| Sítio Dona Cenira | Café Rural;Trilha da Cachoeira. |
| Alambique Terceiro Gole –Nelson | Alambique |
| Pousada Tia Laura – Zilda | Casa centenária;Rio Paraíso;Trilha das Grutas |
| Casa de Colonização(propriedade do Clube Vera Cruz | Casa de Colonização |

Quadro 4: Lista de propriedades e potencialidades turística de Morro Azul

2.5.5.2.2 Entrevistas

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, desempenhando importante papel nas atividades científicas e humanas. Existe na entrevista um caráter de interação, onde a relação entre o entrevistador e quem responde transforma-se em uma atmosfera de influência recíproca. A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada. Este método torna-se particularmente útil por atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito tornar-se-ia muito complexa.

Nesta investigação, adota-se a entrevista semi-estruturada que parte de questionamentos básicos com base nas teorias e hipóteses (para a pesquisa), de onde surgirão novos questionamentos e hipóteses que partirão das respostas fornecidas pelos informantes ao pesquisador. A construção das perguntas, como mencionado no capítulo II, no item 2.5.1 (variáveis) contempla

alguns aspectos recomendados por Beni, (2001 p. 264) sobre os efeitos do turismo na população residente: (1) grau de participação da população residente nas iniciativas turísticas da área receptora; (2) nível de absorção da mão- de- obra e oportunidades de emprego da população residente nos equipamentos, instalações e serviços turísticos do núcleo receptor; (3) nível de relacionamento social entre a população residente e os visitantes;(4) preparação de mão-de-obra da população residente para absorção no mercado de trabalho de turismo, além de outras questões pertinentes à pesquisa, apresentadas no anexo B.

2.5.5.2.3 Questionários

Os questionários, conforme Dencker (2000 p.146) *“têm por finalidade obter, de maneira sistemática e ordenada, informações sobre as variáveis que intervêm em uma investigação, em relação a uma população ou amostra determinada”*. Lewis e Pizam (1981) *apud* Ross,2001 p.126 comentam que o questionário é um instrumento adequado para identificar a satisfação ou insatisfação dos turistas, além de apresentar-se como um método válido para avaliação do desempenho dos administradores do serviço prestado. Nesta pesquisa, são elaborados questionários de avaliação de satisfação da demanda turística (usuários), aplicados em pequenos grupos participantes do roteiro Morro Azul. O questionário constitui-se em vinte questões fechadas e abertas, contendo questões que abordam as variáveis definidas para a investigação. Esta ferramenta servirá como complemento das entrevistas, para uma melhor fundamentação da pesquisa.

2.5.5.2.4 Observação participante

Também foi utilizada a observação participante, que permitiu uma aproximação maior com o objeto de estudo, o que colaborou para compreensão das relações da comunidade e os impactos provocados pelo turismo na comunidade residente. Este método permitiu também que fosse estabelecida uma proximidade maior com os sujeitos pesquisados e contribuindo para analisar de forma mais confiável os resultados obtidos através das entrevistas e dos questionários.

2.5.6 Seleção das amostras

2.5.6.1 Definição dos grupos de participantes

A aplicação dos questionários na demanda turística foi desenvolvida com grupos de visitantes da região. Para seleção dos respondentes dos questionários utilizou-se a amostragem probabilística, baseada na escolha aleatória dos pesquisados, onde cada membro possui a mesma probabilidade de ser escolhido. (Lakatos;Marconi2003,p.224). O número total de respondentes é de quarenta pessoas de grupos distintos de visitação. A pesquisa com os agentes de desenvolvimento do turismo, comunidade de Morro Azul, foi realizada em todas as propriedades (oito no total) envolvidas no roteiro, sendo um total de sete respondentes (donos de propriedades participantes do roteiro) e uma guia, representante da comunidade e coordenadora dos trabalhos de desenvolvimento do “Roteiro de Turismo Rural Vale do Paraíso”.

2.5.7 Técnicas da análise dos dados

A análise dos dados quantitativos foi realizada através da utilização de programa estatístico aplicado nos dados referentes aos questionários. Por tratar-se de pesquisa de caráter exploratório e predominantemente qualitativo, a análise de tais dados foi realizada baseada nos resultados das freqüências obtidas nos questionários, dispensando-se, portanto um tratamento estatístico de maior complexidade, já que um possível cruzamento entre as variáveis não ofereceria resultados relevantes para os objetivos propostos para esta investigação. Para a interpretação das respostas obtidas através das aplicações das entrevistas, foram indexados os comentários de maior relevância apontados pelos sujeitos entrevistados conforme cada pergunta. Em seguida, extraiu-se as frases-chave indexadas para apresentação em forma de tabela, seguindo a sugestão de Sancho Pérez,2006 p.190, o qual argumenta que este processo facilita a interpretação dos dados como um todo. Como foi

utilizado o método de gravação das entrevistas (autorizado pelos respondentes), optou-se pela transcrição *ipicis literis* destas para facilitar a análise do conteúdo obtido. No entanto, conforme acordo com os entrevistados, não são identificados os respondentes e, por este motivo, a transcrição é realizada sem obedecer uma ordem de respostas, apresentando apenas como entrevistados “A”; “B”; “C”; “D”; “E”; “F”; “G” (conforme anexo B).

CAPÍTULO III: O FENÔMENO DO TURISMO E AS TEORIAS DE CAPITAL SOCIAL

3.1 Apresentação

À capacidade que os indivíduos têm de se organizar em prol de uma maior otimização de suas ações, coordenando-as de forma cooperativa dá-se o nome de capital social, manifestação cuja ocorrência poderá ser determinante do êxito de diversas atividades, dentre elas o turismo. Dada a sua importância para os contextos em que se verifica, buscar-se-á, através de uma revisão de literatura, explorar o tema em questão. Da mesma forma busca-se uma aproximação destes conceitos com o fenômeno do turismo, importante atividade responsável por transformações econômicas, sociais e ambientais nas diversas regiões onde ocorre.

Este capítulo, inicialmente, apresenta algumas contribuições teóricas referentes ao capital social e sua importância para o crescimento e reestruturação de regiões economicamente frágeis, relacionando-se estas concepções ao fenômeno do turismo. Em seguida, são expostas algumas conceituações próprias da atividade turística, através da revisão de contribuições teóricas pertinentes ao tema.

No capítulo abordam-se ainda, a importância do turismo para o crescimento econômico, as principais características do desenvolvimento sustentável e os impactos do turismo na comunidade receptora. A revisão destas teorias inclui aspectos fundamentais para a elaboração das variáveis que descritas no capítulo II, referente à metodologia da pesquisa. Por fim, a partir do referencial teórico exposto, são elaboradas as hipóteses para esta investigação.

3.2 Teorias do Capital Social

Dentre os estudos sobre capital social, Maratelo (2004 p. 44), destaca as contribuições dos teóricos: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putman, cujas obras introduzem o tema, estabelecendo as primeiras discussões acerca do assunto. Além destes autores, Ab-El-Haj, (1999) aponta uma importante colaboração nos estudos de Peter Evans (1995) e Jonathan Fox (1994;1995;1996). Pode-se inferir desta literatura duas correntes interpretativas sobre o capital social: uma neo-institucionalista defendida por Evans e Fox e outra culturalista, sustentada pelos estudos de Putman. Toma-se como principal fonte de referência nessa investigação, a tese defendida por Robert Putman (2000) sobre as condições para o êxito da democracia. Através de um estudo empírico na Itália durante duas décadas, o autor realiza importantes reflexões sobre o capital social e sua importância para o desempenho institucional. Da mesma forma, considera-se fundamental a abordagem de reflexões teóricas de outros pesquisadores como Ab-El-Haj (1999); Lahorgue (2004); Maratelo (2004); Moraes (2003), que a partir da obra de Putman ampliaram as discussões sobre o tema, levando-o para outros contextos, demonstrando, assim, a complexidade e a abrangência com que o capital social pode ser tratado.

3.2.1 Debates teóricos sobre capital social

O conceito de “capital Social”, sustentado pelo sociólogo James Coleman, foi introduzido nos debates teóricos dos pesquisadores Robert Putman e Peter Evans na década de noventa. Esses debates versavam fundamentalmente sobre interpretação dos processos de mobilização social e das condições oferecidas pelas instituições públicas para o desenvolvimento destas ações (Abu-El-Haj,1999 p.680). Em outras palavras, o capital social pode ser entendido como a capacidade que os atores desenvolvem em garantir

benefícios através de relações sociais de associações que facilitam ações coordenadas.

Para tanto, faz-se necessária uma grande parcela de confiança e reciprocidade entre os atores envolvidos. Desta forma, além de ser um bem coletivo, se apresenta no plano individual, através da integração social, da rede de contatos sociais do indivíduo, envolvendo, portanto, expectativas de reciprocidade e de comportamentos confiáveis que melhoram a eficácia privada. Coleman (1990) *apud* Abu-El-Haj (1999 p.68), menciona que o capital social é complementado pelo capital físico-econômico (insumos, infra-estrutura e financiamentos) e pelo capital humano (educação e preparação técnica). Maratelo,(2004) contribui para o esclarecimento destes conceitos, observando que:

o capital humano engloba as habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, em conjunto com outras características pessoais e esforço despendido, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar pessoal, social e econômico (...).A infra-estrutura refere-se ao conjunto fundamental de instalações e meios para que a produção se realize e se distribua. Maratelo,(2004,p.43)

Estes autores sugerem, portanto, que a capacidade de desempenho e otimização dos recursos econômicos e humanos dos membros de uma comunidade está profundamente relacionada ao grau de confiança estabelecido entre os atores sociais, ou seja, quanto maior a intensidade de integração entre os atores, melhor será a utilização dos recursos sócio-econômicos. Para Coleman, assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse (...) *“Numa comunidade rural, onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar o seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamentos”*.(Coleman *apud* Putman p.177)

Em relação ao capital social, Moraes (2003 p.20) faz referência a três definições envolvendo o tema. A primeira delas é determinada como “Capital Social Institucional” e refere-se às relações sociais e ações conjuntas

existentes entre a sociedade civil e o Estado. A segunda é chamada de “Capital Social extra-comunitário” e é determinada pelas relações entre comunidade e grupos sociais e econômicos externos. Por fim, o “capital social comunitário”, relacionado às normas de confiança comunitária.

Em todas as definições do autor, o que fica clara é a necessidade de organização, cooperação e confiança entre as partes envolvidas, criando assim a possibilidade de chegar-se a resultados positivos para ambas as partes. Como esta pesquisa está voltada para um contexto das relações dentro da comunidade “Morro Azul”, dar-se-á ênfase à categoria denominada “capital social comunitário”, presumindo-se que esta modalidade pode ser identificada nas relações existentes entre os membros do local investigado.

3.2.2 Comunidades Cívicas

O comportamento cooperativo resulta de certos contratos, formais ou informais entre os envolvidos. É a partir destes contratos que se vão estabelecendo os objetivos e as metas para atingi-los. Desta forma, os indivíduos que se queiram associados devem estar envolvidos por um espírito de respeito aos direitos e cumprimento dos deveres pertinentes à ação coletiva. A partir desta base o processo produtivo tornar-se-á mais eficiente e inovador.

O capital social está conseqüentemente, associado às comunidades cívicas⁵, redes informais que sustentam normas de confiança e reciprocidade que se fazem necessárias para o sucesso do comportamento cooperativo. Na comunidade cívica, a cidadania implica em direitos e deveres iguais para todos. Putman (2000, p.182) observa que tal comunidade caracteriza-se por relações horizontais de reciprocidade⁶ e cooperação, opondo-se às relações verticais de autoridade e dependência. O autor verificou, em seus estudos empíricos, que

⁵ Putman define comunidade cívica como padrões de participação cívica e solidariedade social.

⁶ “*num sistema de reciprocidade, todo ato individual geralmente se caracteriza por uma combinação do que se poderia chamar de altruísmo a curto prazo e interesse próprio a longo prazo: eu te ajudo agora na expectativa (possivelmente vaga, incerta e impremeditada) de que me ajudarás futuramente. A reciprocidade é feita de uma série de atos que isoladamente são altruísticos a curto prazo (beneficiam outrem à custa altruísta), mas que tomados em conjunto normalmente beneficiam todos os participantes.*” (Putman, 2000 p.182)

nas relações horizontais “os cidadãos interagem como iguais, e não como patronos e clientes ou como governantes e requerentes”. Em regiões da Itália onde, durante os séculos XIX e XX, nas comunidades que mantinham cooperativas, os cidadãos eram mais preparados e interessados em exercer o direito de voto, quando adquirido. Por outro lado, as relações verticais encontradas em outras regiões deste país foram responsáveis pela restrição da participação cívica, diminuindo a capacidade dos indivíduos de manifestações voluntárias o que colaborou para dificultar as organizações fundamentadas na solidariedade social justamente porque prevaleciam tais vínculos verticais. (Putman 2000.p.159)

A virtude cívica também apresenta outros traços marcantes, enfatizados na literatura como a honestidade, confiança e observância da lei, de modo que as ações corretas dos cidadãos baseiam-se na crença em receber do seu próximo o mesmo tratamento justo a si oferecido . Do contrário, conseqüentemente, em comunidades menos cívicas, observa-se uma oposição a estas ações, uma vez que a insegurança presente no cotidiano dos indivíduos torna-os mais desconfiados e contrários às leis estabelecidas pelas elites. Portanto, os sistemas de participação cívica são, essencialmente fundamentados no capital social, ou seja, quanto maior o envolvimento comunitário, maior será capacidade de cooperação entre os atores sociais. Os estudos empíricos de Putman, revelam alguns efeitos exercidos pelos sistemas de participação cívica nas comunidades italianas:

- Eles aumentam os custos potenciais para o transgressor em qualquer transação individual; o oportunismo põe em risco os benefícios que ele espera obter em todas as demais transações em que está envolvido , bem como os benéficos de futuras transações. (...)
- Eles promovem sólidas regras de reciprocidade. Os compatriotas que interagem em muitos contextos sociais “têm a faculdade de estabelecer sólidas regras de comportamento e transmitir uns aos outros suas mútuas expectativas em múltiplos contatos estimulantes”. (...)
- Eles facilitam a comunicação e melhoram o fluxo de informações sobre a confiabilidade dos indivíduos. Os

sistemas de participação cívica permitem que boas reputações sejam difundidas e consolidadas (...);

- Eles corporificam o êxito alcançado em colaborações anteriores, criando assim um modelo culturalmente definido para futuras colaborações. (...) (Putman, 2000, p. 183)

Os sistemas de participação cívica, como as associações comunitárias, representam, portanto, uma intensa interação horizontal, constituindo-se em forma essencial de capital social. Estes sistemas promovem regras de reciprocidade, melhoram a informação sobre confiabilidade dos indivíduos criando modelos para futuras colaborações. (Vasconcellos, 2002 p.33).

Putman (2000) relaciona, portanto, o capital social à riqueza e à força do tecido social, isto é, ao grau de confiança existente entre os atores sociais, às normas de comportamento cívico praticadas a ao nível de associativismo, concluindo que o capital social depende da cooperação voluntária, de efeito cumulativo, solidificado pelas relações de reciprocidade e bem-estar coletivo, o que mantém a sociedade unida e colabora para a eficiência no desempenho institucional. Em consonância com esse autor, Lahorgue (2004 p.23) complementa que, *“mesmo entre sociedades que vêm construindo um projeto coletivo de desenvolvimento, haverá diferenças entre aquelas em que este processo esta inserido no longo prazo, sustentado pelas gerações anteriores e que pode ser durável e aquelas em que o processo é recente e pode ser solapado”*. A autora salienta, ainda, que as desigualdades podem ser obstáculos no trabalho pelo bem comum, e que um compromisso durável com este bem comum, depende, principalmente, da solidariedade.

As peculiaridades culturais, para os autores acima, são determinantes do sucesso ou fracasso de uma relação, comprometendo o estabelecimento dos objetivos comuns, bem como das estratégias para seu alcance. Essa opinião, porém, não é unânime entre os autores que abordam o tema.

Se, por um lado, Putman (2000), em suas concepções teóricas em relação a este tema, sustenta que há dificuldade de formação de capital social em locais onde não existam práticas culturais acumuladas, por outro lado,

autores como Castilhos (2001) *apud* Moraes,2003 p.200, defendem a possibilidade de mudanças onde os agentes sociais possam apresentar alternativas para o desenvolvimento e institucionalização de novos códigos de confiança culturais capazes de auxiliar na formação do capital social, mesmo em comunidades onde este esteja ausente. Da mesma forma, Fox e Evans *apud* Ab-El-Haj (1999,p. 71-72) apontam objeções ao determinismo cultural de Putman, argumentando que esta teoria de causalidade entre herança cultural e relações horizontalidade, excluem a possibilidade de países em desenvolvimento alcançarem a civilidade, uma vez que a maioria vem de uma realidade de regimes políticos autoritários. Estes autores defendem, portanto, que as instituições públicas detêm o poder de mobilização social. Tais argumentos surgiram de estudos realizados por Fox (1994;1995;1996) no México, onde o autor verificou que, apesar da vasta riqueza de associações horizontais, a repressão destas iniciativas individuais pelo poder autoritário foram capazes de inibir a mobilização coletiva, suprimindo, portanto o capital social. (Abu-El-Haj, 1999). Em outras palavras, de acordo com esta teoria, as instituições públicas têm o poder de valorizar ou destituir as o capital social acumulado nas localidades.

Apesar de existirem diferenças conceituais entre as definições de capital social sustentadas pelas duas correntes teóricas aqui expostas: a neo-institucionalista de Evans e Fox e, principalmente a culturalista de Putman (teoria que mereceu maior atenção nessa investigação) cada uma delas apresenta resultados empíricos de alta relevância para as discussões envolvendo o tema. Abu-El-Haj resume as características das comunidades cívicas, mencionando que:

a confiança, a cooperação e a solidariedade brotam sob relativas condições de igualdade e de ausência de hierarquias impostas. A reconciliação da ação coletiva com interesses individuais, num quadro de horizontalidade, encoraja e generaliza a confiança, permitindo a multiplicação das redes cívicas e a valorização do capital social (Abu-el-Haj,1999. p. 76).

Considerando-se o exposto sobre o assunto, esta investigação segue a linha teórica sustentada por Robert Putnam e, a partir da revisão teórica dos estudos realizados pelo autor e por demais pesquisadores que apresentam

estudos que confirmam esta tendência, a primeira hipótese desta pesquisa sugere que: *Quanto maior for a herança cultural da comunidade maior será a tendência a desenvolver o capital social.*

3.2.3 Capital social e crescimento do turismo

As noções teóricas de capital social colaboram para novas configurações de desenvolvimento territorial endógeno, que pode ser implementado através de organizações das comunidades priorizando estratégias de desenvolvimento, que podem surgir tanto de fatores internos como de fatores externos, transformados em oportunidades internas. (Moraes, 2003 p. 2003). A origem da concepção de desenvolvimento *endógeno* surgiu a partir das opiniões de observadores que identificaram o crescimento de determinadas regiões industriais que surgiram a partir de forças locais do próprio território, opondo-se às características das antigas regiões industriais. Outra característica deste desenvolvimento passou a ser sustentada baseando-se na descentralização política. As elaborações iniciais deste conceito partiram de Friedman-wehaver(1979) e Stöhr(1984).(Tavares,1999 p.7)

Para Beni (2006 p. 36) a formação deste paradigma surgiu a partir da convergência de duas linhas de pesquisa, uma teórica e outra empírica. A primeira delas relacionava-se a investigação sobre o desenvolvimento considerando efeitos de ações públicas voltadas ao progresso de regiões atrasadas. A segunda linha referia-se a interpretação de processos de desenvolvimento industriais em localidades do sul europeu. Nas palavras do autor o desenvolvimento endógeno

visa atender às necessidades e demandas da população local por meio da participação ativa da comunidade envolvida. Mais do que obter ganhos em relação à posição do sistema produtivo local na divisão nacional ou internacional do trabalho, o objetivo é buscar o bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local, o que leva a diferentes caminhos de desenvolvimentos, conforme as características e capacidades da comunidade local.(Beni,2006 p.36)

Em uma comunidade em fase de estruturação do incremento do turismo, percebe-se que a capacidade de interação entre os atores sociais pode ser um fator favorável ao alcance de seus objetivos, o que é um ponto de partida para o processo de desenvolvimento endógeno, que é algo bem mais complexo e abrangente.

Lemos, (2005 p.174) em seu estudo - O valor Turístico na economia da sustentabilidade - indica que o processo de chancelamento de uma comunidade deve evoluir através de ações coordenadas, o que resulta em maior grau de participação agregativa e, conseqüentemente, maior será a sustentabilidade do valor turístico. Os níveis do processo de chancelamento indicados pelo autor são: conceitual; condutas; ações e desempenhos. As descrição dos níveis é exposta no quadro 2:

| Níveis | Definição |
|---------------|---|
| Conceitual | A equalização dos conceitos passa por etapas que envolvem a mobilização da comunidade, o conhecimento do turismo e seu processo, o levantamento de pontos fortes e fracos, de oportunidades e riscos, bem como de cenários, balizamentos e tipologias do turismo. |
| Condutas | Neste nível a comunidade passa a definir códigos de conduta, regulamentações, estratégias, fontes de financiamento, viabilidade, políticas e sistemas de monitoramento e controle. Trata-se do nível de chancela legal, da gestão pública, das ONGS, do meio acadêmico, dos sindicatos e demais representantes da sociedade organizada. |
| Ações | A comunidade passa a definir a implementação das ações para a constituição de um processo de agregação. |
| Desempenhos | A avaliação dos desempenhos e a necessidade de aperfeiçoamentos fazem parte da construção do ciclo de chancelamento. |

Quadro 2: Descrição dos níveis do processo de chancelamento

Fonte: Lemos (2005 p.175)

Os níveis de chancelamento, descritos pelo autor sustentam as teorias que defendem o crescimento econômico através de práticas cooperativas, ou seja, ações essencialmente fundamentadas pelo do capital social. Portanto, tais práticas colaboram para uma evolução sustentável do processo de desenvolvimento do turismo nas localidades. A partir do exposto, elabora-se a segunda hipótese para a pesquisa: *O papel do social na reestruturação do*

sistema econômico, e do território, pode influenciar diretamente no êxito das atividades voltadas ao turismo. Portanto, na medida em que as comunidades sustentarem normas de confiança e reciprocidade, o desenvolvimento da atividade, provavelmente, obterá êxito;

3.3 O fenômeno do turismo e suas concepções

A expansão do turismo, por muito tempo vinha sendo analisada do ponto de vista econômico, através de pesquisas estatísticas que interessavam, principalmente, aos órgãos oficiais de diversos países e regiões turísticas. É inegável que tal expansão surgiu em decorrência do capitalismo o que conseqüentemente levou o turismo a ser considerado um fenômeno econômico de extrema relevância no mercado financeiro internacional, como aponta Moesch (2002). Durante muito tempo as discussões sobre o assunto referiam-se ao turismo como uma indústria, no entanto, autores como Lemos, discordam desta determinação, sustentando que *“a indústria do turismo não existe. O setor industrial é representado por um conjunto de atividades produtivas que se caracterizam pela transformação de matérias – primas, manualmente ou com o auxílio de máquinas e ferramentas, em mercadorias”*. (Lemos,2000 p. 82).Em outras palavras, a idéia principal salientada pelo autor é que o turismo não pode ser considerado como uma indústria porque não existe um tipo específico de industrialização baseada em turismo. Trata-se, portanto de atividade econômica própria do terceiro setor, cujas características são, definitivamente, bastante distintas das do setor industrial. Ao mesmo tempo em que o turismo passa a ocupar importante papel na economia, desenvolvem-se outros estudos acadêmicos que buscam aprimorar as teorias conceituais tratando do tema, considerando-o como um fenômeno muito mais complexo e cheio de particularidades. (como por exemplo, os estudos de Beni (2001;2003;2006) Lemos (2005);Moesch (2002)).Dos estudos desta última autora mencionada, é possível extrair uma importante colaboração a este respeito, quando a autora diz que:

a base material da produção econômica turística transforma-se num saber científico, traduzível em linguagens informacionais, portanto,entendida como uma tecnologia intelectual mundial de

alto valor de troca. A economia, como categoria do fenômeno turístico deve transcender o campo do valor apenas monetário, de troca, para avançar no entendimento do turismo como um valor de uso, que em sua produção acarreta trocas, mas não se limita ao determinismo da própria produção e consumo econômico. (Moesch, 2002 p.128)

Estas considerações sustentam, portanto, que o turismo não deve ser tratado apenas como um fenômeno de impactos meramente econômicos. Thomasi (2006, p.21) salienta que o turismo possui uma ampla gama de atuação e, por isso, torna-se um instrumento de coletividade, sociabilidade e sustentabilidade. Na análise de Lemos (2005 p.81), o turismo tem sua essência nas relações sociais e, ao mesmo tempo, é realizado através de uma série de interações entre as pessoas e também entre o mercado, daí a importância de pesquisas que colaborem para a construção teórica do turismo considerando as transformações nas diversas esferas em que este fenômeno se faz presente. Diferentemente dos estudos de Lemos, em geral, as abordagens teóricas que relacionam o turismo e crescimento econômico, limitam-se a levantamentos quantitativos, deixando de considerar variáveis qualitativas importantes para o entendimento do fenômeno considerando suas mais diversas particularidades.

Embora os objetivos desta investigação sejam direcionados para as relações entre comunidade-anfitriã e o turismo, realiza-se uma pequena caracterização do crescimento econômico do turismo no Brasil, apresentando, inicialmente, alguns dados de pesquisas recentes realizadas pelo MinTur que evidenciam a realidade econômica gerada por este fenômeno no país. A abordagem destes aspectos se faz necessária para um melhor entendimento relacionado aos impactos econômicos gerados nas destinações e ao surgimento de políticas de incentivo do desenvolvimento do turismo.

3.3.1 Turismo e crescimento econômico

A figura 2 ilustra a receita cambial dos gastos dos turistas, em milhões, no mês de março, dos anos de 2005, 2006, 2007 no país. Os dados foram disponibilizados pelo Banco Central do Brasil e refletem o aumento dos gastos

de turistas estrangeiros no decorrer do período, com pequena queda no ano de 2007 em relação a 2006. Estes números reforçam a tendência de aumento dos ganhos com o turismo no Brasil.

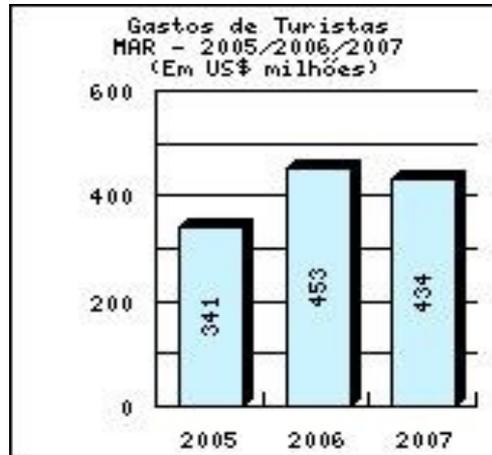


Figura 2: Receita Cambial turística
Fonte: Banco Central do Brasil. Disponível em:
<http://institucional.turismo.gov.br/>

No boletim de desenvolvimento econômico divulgado pelo Ministério do Turismo em fevereiro de 2007, é apresentado o resultado da conjuntura econômica do país. Na figura 3, é apresentada a evolução da corrente cambial do país (que significa receita mais a despesa cambial turística, do ano de 2003 a 2007). Os resultados desta pesquisa apontam para uma valorização cambial que, segundo a pesquisa também refletiu no aumento dos gastos dos brasileiros em viagens ao exterior.

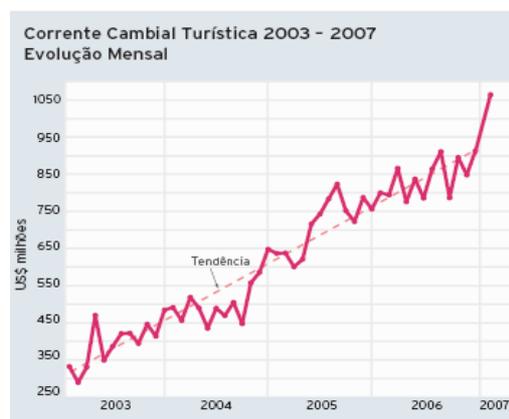


Figura 3: Corrente Cambial Turística 2003 – 2007
Fonte: Ministério do Turismo

Ainda conforme relatório fornecido pelo MinTur, este deverá receber, no ano de 2007, cerca de R\$ 368,74 milhões do Orçamento Geral da União e,

por volta R\$1,8 bilhão para investimentos em infra-estrutura e capacitação turística, além de emendas parlamentares. A descrição destes dados nesta pesquisa dá-se pelo fato de que o turismo configura-se como atividade representativa dentro do setor econômico do país, refletindo uma tendência de crescimento impulsionado por esta atividade o que,conseqüentemente, termina por gerar expectativas de aumento da rentabilidade em locais com potencial turístico.

Em algumas regiões do Rio Grande do Sul, seguindo a tendência mundial, o turismo vem sendo considerado uma atividade em potencial para o desenvolvimento ou revitalização de áreas onde os principais meios de subsistência enfrentam dificuldades, como em pequenas propriedades rurais. Nestes casos, esta atividade pode fornecer uma receita complementar às famílias sem que elas deixem, necessariamente, de investir no setor primário. Sanchez (2006,p.212) lembra que, da mesma forma que o turismo, a agricultura também enfrenta sazonalidade, ou seja, o acúmulo destas duas atividades contribui para manter uma fonte constante de receita. A pesquisa realizada por Santos(2004)⁷ na Metade Sul do estado apresentam resultados motivadores para as demais regiões, pois revelam a possibilidade de integração entre o turismo e as atividades agropecuárias, evitando o êxodo rural. No Litoral Norte do Rio Grande do Sul, o desenvolvimento desta atividade também é de grande interesse da população local. Desta forma, algumas comunidades têm dinamizado o incremento do turismo através em ações coletivas baseadas em normas de reciprocidade e cooperativismo, práticas que caracterizam o capital social.

Hall (2001 *apud* Beni,2003 p. 147) atribui alguns fatores para o surgimento das novas estruturas de regionalização do turismo, destacando que estas formações vêm ocorrendo não apenas para responder às demandas turísticas, mas em função dos problemas econômicos ocasionados pela globalização. Outra abordagem de regionalização do turismo refere-se às novas tendências na prática de modalidades alternativas de turismo, tais como: turismo rural, agroturismo, turismo ecológico ou ambiental e ecoturismo,

⁷ Santos,Eurico de Oliveira.*O agroturismo eo turismo rural em propriedades da metade sul do estado do Rio Grande do Sul*.Porto Alegre: Pallotti,2004.

difundidos em cenários propícios a estas práticas. (Beni,2003 p. 147) Considera-se relevante para esta pesquisa, apresentar conceitos referentes a algumas destas modalidades para uma vez que, será de grande utilidade para a compreensão das características do turismo na comunidade objeto desta pesquisa.

3.3.2 Modalidade alternativas de turismo

3.3.2.1 Ecoturismo

Para Kinker *apud* Pereira (2005 p.34) o ecoturismo trata-se de uma atividade econômica que agrega a capacitação de renda ao envolvimento socioeconômico e cultural, através do uso sustentável dos recursos naturais. Zimermann (1996) considera o ecoturismo com uma modalidade de turismo cujo objetivo é a integração entre visitantes e meio ambiente, por isso, trata-se de uma modalidade desenvolvida em áreas rurais e naturais. Os principais atrativos são a contemplação da paisagem, biodiversidade e os recursos naturais.

3.3.2.2 Turismo Rural

O turismo rural tem como principal público alvo a população urbana, que busca a fuga do cotidiano das grandes cidades, aproximação com a natureza e práticas de lazer alternativas. Assim, o planejador do espaço deve estar atento às necessidades dos usuários, criando atrativos capazes de despertar a curiosidade e o interesse do turista. O turismo rural é considerado por Zimermann, 2005⁸ como *“todas as atividades turísticas endógenas desenvolvidas no meio ambiente natural e humano”*. Trata-se, portanto de uma abordagem abrangente, uma vez que em um mesmo espaço podem ser realizadas diversas atividades, como: turismo ecológico, turismo cultural, turismo de aventura, entre outros. O mesmo autor complementa que:

é um segmento do turismo desenvolvido em áreas rurais produtivas, relacionado com o alojamento na sede da propriedade (adaptada) ou em edificações apropriadas (pousada) nas quais, o turista, participa das diferentes atividades agropecuárias

⁸ Consulta realizada em <http://www.zimmermann.com.br/>

desenvolvidas neste espaço, quer como lazer ou aprendizado. Deve ser incluída nesta modalidade, a oferta de produtos naturais de origem local ou regional. Assim como a gastronomia típica e o conhecimento da cultura local. (Zimerman, 2005)

O turismo no espaço Rural deve apresentar características próprias, divergindo das modalidades convencionais. A intenção é reviver as práticas, os valores culturais e as tradições de cada região. Para Rodrigues (*apud* Santos, 2004 p.26) o turismo rural refere-se à relação entre local (propriedade) e modo de vida agrário, sendo que este último deve fornecer os elementos para caracterização do lugar. Desta forma, a propriedade deve manter suas características originais seu modo de vida próprio, conservando os hábitos que a tornam nitidamente rural. No entanto, deve-se salientar que esta modalidade de turismo não está necessariamente atrelada às atividades produtivas, uma vez que as práticas agrárias podem ocorrer em pequena escala, apenas como meio de subsistência e atrativos para os turistas. (Santos 2004 p. 33).

3.3.2.3 Agroturismo

O agroturismo distingue-se do Turismo rural basicamente em dois aspectos. O primeiro deles refere-se à produção agropastoril, que em escala econômica representa a maior fonte de rendimento da propriedade, sendo que turismo pode ser considerado como renda complementar. O segundo aspecto está relacionado às atividades agropastoris, que devem ser o principal diferencial turístico da localidade, oportunizando que os usuários (turistas) possam vivenciar experiências da rotina no campo. (Beni,2000)

3.3.3 Turismo e Comunidade Receptora

Hall (2001,p.226) recomenda que os mecanismos de desenvolvimento do turismo devem atender às necessidades da comunidade local,para que seja possível a estabilidade econômica a longo prazo. Embora ainda sejam poucos, são crescentes as casos de desenvolvimento integrado do turismo. Para que o planejamento turístico apresente efeitos positivos, é necessária a participação ativa, tanto quanto influente, negociadora, dos planejadores, das comunidades locais receptoras, dos membros do setor privado com interesses no turismo e

da própria demanda. Todos eles devem expressar e conciliar suas necessidades e aspirações, baseados no interesse comum. (Moesch,2005) Portanto, além de muito empenho, a interação entre estas atividades, requer integração, através de um envolvimento multidisciplinar e participação ativa da comunidade receptora.

Swarbrooke (1995 p. 26) adverte para o problema do aumento de turistas em eventos religiosos tradicionalmente consolidados, podendo gerar a descaracterização da natureza do evento, destruindo a autenticidade da experiência dos residentes locais. Por outro lado, atrativos construídos propositalmente para possíveis visitantes e eventos criados para incentivar o turismo podem também contribuir para aumentar as oportunidades de lazer da população local, principalmente em locais de acesso gratuito. Portanto o turismo exerce forte influência na população residente o que gera impactos tanto positivos quanto negativos. Conforme Pérez (2006) é possível verificar a tolerância da comunidade- anfitriã em relação ao turismo, analisando- a através do índice de irritação, desenvolvido por Doxey.

| | |
|--------------------------------|--|
| <i>1. Etapa de euforia</i> | durante as primeiras etapas de desenvolvimento turístico, os residentes costumam acolher os visitantes com entusiasmo e percebem o turismo como uma boa opção econômica. |
| <i>2. Etapa de apatia</i> | quando a atividade turística se consolida, o turismo começa a ser visto não mais como uma boa alternativa de desenvolvimento, mas como um negócio do qual se deve tirar proveito. As relações com os visitantes se desenvolvem num sentido mais comercial. |
| <i>3. Etapa de Irritação</i> | à medida que níveis de saturação vão sendo alcançado, aguça a rivalidade pelos recursos locais e os residentes retiram seu apoio inicial à atividade turística. |
| <i>4. Etapa de antagonismo</i> | os limites de tolerância são excessivamente ultrapassados e os visitantes são considerados a causa de todos os males da região. |
| <i>5. Etapa Final</i> | o destino perde todos os atrativos socioculturais e ambientais que, a princípio, o tornaram atraente para o desenvolvimento turístico, entrando numa etapa de decadência difícil de ser contornada. |

Quadro 3: Índice de irritação da comunidade anfitriã
Fonte: Doxey (1976) apud Sancho Pérez

O denominado “índice de irritação” de Doxey, identifica e descreve os possíveis efeitos do desenvolvimento do turismo sobre as comunidades receptoras. Através da análise do quadro 3, pode-se inferir que o autor estabelece uma relação direta entre o crescimento contínuo do turismo e a intolerância dos habitantes locais. Portanto, as etapas propostas pelo autor sugerem que, na medida em que cresce o volume de turistas, o contato com os residentes torna-se mais impessoal, e estes começam a ser considerados pela comunidade como principais responsáveis pelo aumento do custo de vida, congestionamento, insegurança entre outros problemas.

Apesar de autores como Belise e Hoy (1980) *apud* Ross(2001) apresentarem evidências que sustentam o modelo exposto, a autora indica que pesquisadores como Murphy(1985) verificaram limitações econômicas neste modelo, sugerindo como adequado ao turismo, o ciclo de vida de um produto apresentado por Butler (1980) que fundamenta-se numa etapa inicial lenta (onde os turistas apresentam-se em número relativamente pequeno), seguida por rápido crescimento (maior infra-estrutura e conseqüente aumento de turistas), estabilização (aumento da popularidade do destino) e finalmente, o declínio (limites da capacidade de manutenção) ou rejuvenescimento. Por fim, a autora considera que o modelo proposto por Butler, aparenta ser mais flexível e menos determinista que o de Doxey.

Nesta investigação procura-se identificar em que fase do ciclo de desenvolvimento do turismo encontra-se a comunidade pesquisada, partindo-se das referências teóricas anteriormente mencionadas. Considera-se mais adequado para este estudo, avaliar os níveis de desenvolvimento local a partir do índice de irritação da comunidade -anfitriã proposto por Doxey pois, apesar de existirem críticas sobre este, considera-se que suas fases são melhor detalhadas o que possibilita uma análise mais precisa do objeto empírico.

Para que seja possível identificar o índice de irritação da comunidade, torna-se necessário identificar alguns dos impactos que o turismo gera na comunidade receptora. O quadro 4 apresenta um resumo dos impactos positivos e negativos, conforme classificação da OMT.

| Impactos | Positivos | Negativos |
|-------------------|--|--|
| Econômicos | <ul style="list-style-type: none"> → Rápida injeção de renda, em alguns casos, complemento das procedentes da agricultura e da indústria; → Melhora no balanço de pagamentos → Estímulo ao investimento próprio e estrangeiro; → Criação de empregos; → Criação e/ou melhora de infra-estrutura; → Melhora na distribuição de renda. | <ul style="list-style-type: none"> → Aumento dos preços; → Custos de oportunidade dos recursos; → Custos derivados da excessiva dependência da atividade turística; |
| Sociais | <ul style="list-style-type: none"> → Melhora na qualidade de vida; → Aceleração das mudanças sociais. | <ul style="list-style-type: none"> → Tensão social caso haja a criação de refúgios de luxo; |
| Culturais | <ul style="list-style-type: none"> → Revitalização do interesse da comunidade local pela própria cultura; → Incentivo à reabilitação e conservação dos monumentos; → Intercâmbio cultural. | <ul style="list-style-type: none"> → Descaracterização do destino; → Difusão de imagens estereotipadas; → Neocolonialismo cultural. |
| Ambientais | <ul style="list-style-type: none"> → Estímulo à tomada de medidas de melhora e conservação ambiental. → | <ul style="list-style-type: none"> → Grande pressão sobre o meio ambiente; → Degradação do entorno. |

Quadro 4: Resumo dos impactos gerados pela atividade turística
Fonte: Sancho Pérez, 2006 p.214

Conforme mencionado na definição das variáveis, Morley *apud* Ross (2001, p. 19) afirma que, os fatores sociais podem exercer influência sobre a demanda turística, ou seja, o comportamento dos habitantes locais em relação aos visitantes pode despertar maior interesse destes em conhecer a cultura local. A partir do exposto, a terceira hipótese definida para o esta investigação sugere que: *O sucesso na implementação do turismo está diretamente relacionado às motivações da população local, bem como o interesse desta em colaborar para o desenvolvimento desta atividade;*

3.3.4 Turismo e desenvolvimento local sustentável

Os debates sobre desenvolvimento sustentável tornaram-se questões importantes no terceiro mundo a partir dos anos 60. Enquanto alguns países da África e Ásia exploravam seus recursos naturais visando lucros a curto prazo, outros já passavam a considerar a necessidade de discussão dos impactos, através de ações planejadas, visando o desenvolvimento sustentável. (Swarbrooke,2002 p.5)

O desenvolvimento sustentável é entendido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento como *“um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”*. (CMMAD,1991,p.49).Em conformidade com o conceito mencionado, o desenvolvimento sustentável pode ser definido através de três abordagens: a eficiência econômica; a sustentabilidade social; e a sustentabilidade ambiental. A primeira delas é avaliada através da análise dos processos produtivos considerando as tendências de maior geração de benefícios com o menor usos de recursos. Por outro lado, a sustentabilidade social envolve a distribuição dos impactos de políticas públicas, acesso aos recursos e serviços, a justiça dessas distribuições de impactos, os níveis de saúde da comunidade e o padrão de oportunidade das pessoas. Com relação à sustentabilidade ambiental, definem -se seus limites para evitar a exaustão dos recursos naturais e a superação da capacidade de suporte natural.

A preocupação com o turismo e seu planejamento sustentável tem sido objeto de estudo de inúmeros autores. Preocupados não só com os aspectos bucólicos, os sujeitos envolvidos com a área do turismo têm consciência de que fatores econômicos, sociais e espaciais são imprescindíveis para que qualquer projeto tenha êxito. Sabe-se que diversos aspectos interferem no que se refere à criação e utilização de áreas de voltadas para o turismo, principalmente os impactos ambientais,sociais e

econômicos gerados, impactos que afetam diretamente a população residente nestas áreas.

Se, por um lado, aumentam-se as discussões em relação aos efeitos provocados pelo turismo nas comunidades receptoras, por outro, há um avanço significativo de políticas de incentivo dos governos para o desenvolvimento do turismo, considerando-se este, como ferramenta para gerar empregos e recuperar áreas desfavorecidas. No entanto, em diversos casos, estas políticas não estão relacionadas ao planejamento sustentável, ou seja, em geral, há expectativa de retorno em curto prazo, originando situações de declínio precoce das destinações que ocorrem, principalmente em função da ausência de estudos prévios adequados. Por isso, comunidades e regiões devem estar atentas à necessidade de planejamento e gestão dos espaços turísticos para evitar ou minimizar os possíveis impactos negativos decorrentes deste fenômeno. Para Rodrigues, (1999 p.101) “ *o turismo deve orientar-se segundo critérios seguros de preservação, tanto no que se refere ao patrimônio natural, quanto ao cultural.*”

Para Lemos (2005,p.21), os altos fluxos turísticos surgidos em curto prazo, que configuram o turismo de massa, influenciam na construção de infraestrutura compatível com esse aumento de visitantes nas localidades, gerando a desconstrução dos elementos turísticos autênticos destes lugares. Da mesma forma que Ruschmann (2002) e Rodrigues (1999), o autor sugere que o desenvolvimento sustentável é alcançado em longo prazo, o que caracteriza certa oposição às políticas fundadas pelo capitalismo cujos objetivos, em geral, visam o lucro imediato.

É importante que se tenha consciência de que, para prevenir os impactos ambientais gerados pela atividade turística, devem ser concentrados esforços em um desenvolvimento sustentável não apenas do patrimônio natural, mas também dos produtos que estruturam todos os atrativos e equipamentos turísticos. Doris Ruschmann⁹ (2002) em sua obra *Turismo e Planejamento Sustentável* aconselha que o desenvolvimento do turismo deve

⁹ RUSCHMANN,Doris. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do Meio Ambiente.* 9 ed.Campinas: Papirus,2002.

ocorrer de forma equilibrada, sendo necessário estabelecer critérios para utilização dos espaços. Bound e Bovy (1977, p.164) recomendam uma distinção entre os recursos que precisam ser protegidos e aqueles que permitem vários graus e intensidades de aproveitamento turístico.

Também Paulo dos Santos Pires (2000, p.242) defende a idéia da relação positiva entre turismo e meio ambiente, enfatizando que a atividade turística pode gerar recursos e apoio efetivos para a proteção do espaço natural e estimular ações valiosas para a conservação da natureza. Um exemplo disso, são os projetos e empreendimentos ecoturísticos em várias regiões do mundo.

De acordo com Zimmermann (1996), o desenvolvimento sustentável implica na qualidade de vida para os indivíduos. Atividade Sustentável é aquela que não tem tempo definido de operação, pode continuar indefinidamente, conseqüentemente implica na sua permanência no tempo. Por outro lado, o desenvolvimento sustentável, implica, no entanto, no respeito à capacidade de suporte dos ecossistemas. Para a OMT *apud* Pereira (2005 p. 25) o desenvolvimento sustentável do turismo:

é um processo de mudanças em que as alterações na utilização dos recursos, a gestão dos investimentos e a orientação do desenvolvimento em nível institucional são coerentes com as necessidades futuras e presentes e dependem de uma política ambiental e turística coerente.

A classificação de determinada atividade como sustentável, não deve ser tratada com um processo imutável. No próprio fenômeno do turismo, diversos aspectos devem ser considerados pois, nas palavras da autora, "(...) *trata-se de um processo de mudanças em que as alterações na utilização dos recursos, a gestão dos investimentos e a orientação do desenvolvimento em nível institucional são coerentes com a necessidade futuras e presentes e dependem de uma política ambiental e turística adequadas.*" Pereira (2005, p.27)

Para Ruano (1999, p.10), o conceito de desenvolvimento sustentável pode ser uma referência nas mais diversas áreas, considerando-se como

princípio básico o acesso aos bens naturais respeitando a manutenção da vida evitando os danos ambientais. Da mesma forma, os laços sociais são um importante bem para a humanidade, uma vez que são indispensáveis para a sobrevivência da espécie. O autor defende, portanto, a criação de espaços públicos que proporcionem maior possibilidade de interação social, uma vez que a ausência destes espaços nas cidades vem causando maior individualismo e, com isso, perda da qualidade de vida.

CAPÍTULO IV: DISTRITO DE MORRO AZUL: CARACTERIZAÇÃO

4.1 Apresentação

Neste capítulo, identifica-se o objeto empírico de estudo, os fatores ponderados para a delimitação da área pesquisada, além de uma breve exposição das características do distrito de Morro Azul, tais como: aspectos históricos, econômicos, sociais, climáticos, naturais. Ainda em relação ao objeto empírico, são mencionadas as ações do desenvolvimento do turismo realizando-se uma apresentação sucinta do histórico do “Roteiro Vale do Paraíso”, considerando-se estas descrições importantes para demonstrar a relevância da seleção deste objeto de estudo.

4.2 Justificativa para seleção do objeto de estudo

Na presente investigação, adota-se como objeto de estudo o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, delimitando-se para a pesquisa o Distrito de Morro Azul, município de Três Cachoeiras. A região do Litoral é considerada ambientalmente rica, pois apresenta espaços de especial valor paisagístico, tais, como: cordão de lagoas, barreiras de dunas, banhados e contrafortes da Serra Geral. No entanto, um estudo sobre Desenvolvimento Regional e Logística de transportes no R.S. realizado pela Secretaria da Coordenação e Planejamento do Rio Grande do Sul, em 2005, classifica o COREDE¹⁰ do Litoral Norte no grupo de desenvolvimento Incerto¹¹. Neste mesmo estudo, são apontadas as principais características da região:

¹⁰ Conselho Regional de desenvolvimento.

¹¹ Apresenta baixo desenvolvimento econômico e baixo potencial, aliados a índices sociais abaixo da média; requer incentivos governamentais para desenvolver-se.

- Alto potencial turístico, fragilidade ambiental e proximidade com o Metropolitano induzem a um papel de complementaridade de atividades, que ocorre de forma não articulada e planejada;
- Possui 1,5% de PIB e 2,5% da população do R.S.;
- Economia recuperando-se (1996 a 2002) após forte retração (1990 a 1995), causada pela elevada queda da indústria, não compensada pela evolução dos serviços (3,0% a.a) e da agricultura (2,7% a.a);
- Forte dominância dos serviços (67% do PIB), com destaque para o turismo, seguido pela agropecuária (18%) tem no arroz o produto dominante (quarto produtor do RS), com alta produtividade e rendimento. A indústria, dominante em 1990, perdeu relevância;
- Forte polarização pela região metropolitana de Porto Alegre em diversos aspectos, inclusive interação comercial (comércio com outras regiões é bem menos intenso);
- Embora apresente uma densidade rodoviária superior à média do Estado, com 0,072 Km de rodovia por Km² de área, apresenta uma acessibilidade rodoviária inferior à média do Estado, com apenas 81% de sua população a menos de 10km de uma rodovia pavimentada e três municípios sem acesso pavimentado;
- Menor PIB per capita do R.S., com forte contração (1990 a 2002). maior crescimento populacional do R.S. (3,2% a.a entre 1991 e 2000) devido à imigração para as cidades balneárias, contribuindo para o baixo crescimento da renda per capita;
- Carências sociais – população de pobres próxima à mediana e crescente, segunda maior taxa de analfabetismo rural, segunda menor oferta de leito hospitalar por habitante;
- Terceiro menor índice em abastecimento de água e coleta de esgoto 50% menor que a média;
- Fortes restrições ambientais, sendo a região a mais frágil do R.S.

Embora o estudo da Secretaria de Coordenação e Planejamento do Rio Grande do Sul aponte o turismo como uma das atividades de maior representatividade econômica na região, ele deixa de contemplar o problema

da sazonalidade (alto índice de visitação nos meses de verão e baixa nos meses de inverno), contabilizando de forma generalizada as receitas geradas pelo terceiro setor. Diante deste cenário de fragilidade econômica e da instabilidade do turismo na região, algumas iniciativas de incremento desta atividade no meio rural vêm contribuindo na diversificação de renda e conseqüente crescimento econômico das localidades, muito embora ainda apareçam como ações isoladas em pequenos municípios. Tendo em vista a impossibilidade da realização de um estudo que abrangesse todas as localidades cujas ações visam o desenvolvimento do turismo, principalmente pela limitação de tempo para o estudo, foi selecionado como objeto empírico desta pesquisa a comunidade de Morro Azul, pertencente ao município de Três Cachoeiras. Justifica-se, também a escolha desta localidade por apresentar as seguintes características:

(1) Projeto voltado ao turismo iniciado no ano de 2003, através da mobilização comunitária – capital social – obedecendo a estudos prévios de capacidade de carga do ambiente;

(2) Aparente inclusão social e valorização das relações na comunidade;

(3) Exploração dos meios de subsistência como atrativos turísticos;

(4) Resgate da cultura e valorização do meio rural com vistas à sustentabilidade.

4.3 Delimitação do objeto de estudo

O distrito de Morro Azul – conforme ilustra a imagem de satélite da figura 2 – município de Três Cachoeiras situa-se na Encosta da serra no Litoral Norte do Rio Grande do Sul a uma distância de 175 km da capital, Porto Alegre.



Figura 4: Localização da área de estudo

4.3.1 Caracterização do Objeto de Estudo

Realizou-se pesquisa bibliográfica de alguns fatores relacionados às características do local de estudo, descritas neste capítulo. Tais referências foram importantes para a compreensão da realidade econômica e social da localidade, contribuindo, portanto para o estudo de campo.

4.3.1.1 Aspectos Históricos

As primeiras quinze famílias a se instalarem em Três Cachoeiras eram de origem Portuguesa e dedicavam-se à pequena agricultura, à caça e à

pesca. A partir de 1826, imigrantes alemães estabeleceram-se na Colônia São Pedro e em Três Forquilhas, colonizando, mais tarde Três Cachoeiras que passou a ser distrito de Torres em 1956, emancipando-se apenas em 1988. (COREDE,2002 p.156)

O distrito de Morro Azul foi criado em 1883, inicialmente chamado de Colônia Júlio de Castilhos. As primeiras famílias a chegarem à região eram de origem italiana, vindas da Serra gaúcha, atraídas pela promessa de prosperidade através da criação de um porto marítimo no litoral norte, que nunca chegou a ser construído. A partir de 1890 também começam a chegar os primeiros imigrantes alemães. (Pereira, 2005,p.45)

4.3.1.2 Aspectos Sociais

▪ Demografia

O município possui 10478 habitantes¹², sendo 60% imigrantes alemães, 20% italianos e 5% poloneses.

| Censo | População (IBGE) | % População Urbana | Densidade Urbana (hab/km ²) |
|-------|------------------|--------------------|---|
| 1996 | 9272 | 42,50% | 985,15 |
| 2000 | 9523 | 49,68% | 1.182,75 |

Quadro 5: Distribuição populacional do município de Três Cachoeiras

4.3.1.3 Aspectos Econômicos

O município tem na agricultura uma importante fonte de renda, sendo 860 propriedades rurais. São cerca de 3500 hectares de plantações de banana, envolvendo 1300 famílias. Além da banana, são plantados tomates (envolvendo 200 famílias) e abacaxi (com cerca de 30 hectares). Na pecuária, são estimados cerca de 9700 cabeças de rebanho bovino de leite e corte (COREDE,2002,p.158).

Através de projetos de incentivo à agricultura, a EMATER e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, auxiliam os agricultores na formação de mini-cooperativas, destacando-se as associações de produção de aguardente, que

¹² Dados fornecidos pela EMATER Três Cachoeiras.

envolvem cerca de 40 famílias. No setor industrial, as fábricas de móveis e esquadrias, apresentam representatividade em âmbito estadual.

4.3.1.4 Aspectos Climáticos

O clima é tropical, com temperaturas variando entre 25° e 29°, com mínimas no inverno me torno de 10. Por ser uma região rodeada de montanhas, em épocas de chuvas, o município fica propício a alagamentos. (EMATER,2003 *apud* Pereira,2005,p.47).

4.3.1.5 Recursos Naturais

A vegetação é predominantemente Mata Atlântica, sendo a fauna típica desta mata. Estes recursos favorecem a criação de trilhas ecológicas. (Pereira,2005,p.47)

4.3.2 Projetos Turísticos

Atualmente existe apenas um projeto de turismo envolvendo a área de estudo, denominado “Roteiro Vale do Paraíso”, sendo a primeira iniciativa de desenvolvimento deste tipo de atividade.

4.3.2.1 O Roteiro Vale do Paraíso

A iniciativa de desenvolver o turismo rural na comunidade de Morro Azul partiu de alguns moradores motivados principalmente pela possibilidade de complementar as receitas obtidas através da agricultura e de valorizar a cultura local, através do resgate da história da colonização da região. Os trabalhos iniciaram-se no ano de 2003 organizados, inicialmente, pela diretoria do Clube Vera Cruz que buscou apoio técnico da EMATER e Universidade Luterana do Brasil para realizar um diagnóstico turístico nas propriedades. Através de reuniões na comunidade e um longo processo de adaptação e estruturação das propriedades, o roteiro foi formado. Mais tarde, outros órgãos como a Prefeitura Municipal de Três Cachoeiras e Sindicato dos Trabalhadores rurais também passaram a contribuir na melhoria de acessos, divulgação do roteiro e auxílio técnico às famílias, além de outros fatores de sua competência.

A partir do levantamento das potencialidades da região, realizado pelas instituições parceiras¹³, a própria comunidade organizou um cadastro contendo os nomes das famílias interessadas em trabalhar com turismo rural e, após a realização de diversas reuniões, foi montado o primeiro roteiro de turismo rural de Morro Azul, que recebeu o nome de “Roteiro Vale do Paraíso”.

A aquisição de uma casa histórica pelo Clube Vera Cruz foi um dos marcos do início da concretização do roteiro. O imóvel foi transformado em casa de cultura recebendo o nome de “Casa de Colonização”. As famílias que demonstravam interesse em participar do projeto passaram a colaborar doando objetos antigos que possibilitavam resgatar as origens da colonização na localidade. A casa, de 80 m²¹⁴ situa-se em uma área de 1000 m² e, junto a ela também está sendo construído pela comunidade um museu ao ar livre onde serão colocados um engenho de cana-de-açúcar, pilão de socar arroz, carro de boi, pedras usadas em moinho de pedra, tachos e forno de barro, tudo com o objetivo de demonstrar ao turistas os costumes dos colonizadores da região.

Ações de incremento ao turismo no meio rural semelhantes a esta podem ser identificadas em diversas regiões do Brasil e do mundo, no entanto, raramente estas iniciativas partem da comunidade autóctone¹⁵. Em diversos casos, o turismo é muito mais produto de promessas políticas de crescimento econômico do que propriamente a realização de um ideal comunitário. Nestes casos, além de um cuidadoso planejamento, há que se levar em conta a vocação da comunidade anfitriã em desenvolver tal atividade, o que torna o processo bem mais longo e mais difícil. Portanto, o processo de desenvolvimento do turismo na comunidade de Morro Azul apresenta-se como um caso particularmente interessante para esta pesquisa uma vez que o principal diferencial está nas relações de cooperativismo entre os atores sociais. Desta forma, apesar de concorrentes, os participantes entenderam

¹³ ULBRA e EMATER.

¹⁴ Fonte: EMATER.

¹⁵ Para Beni (2001 p.82) “a comunidade autóctone é uma coletividade de pessoas que compartilha uma área territorial limitada, que lhe serve de base para realizar a maior parte de suas atividades cotidianas; participa de uma cultura comum; acha-se ordenada em uma determinada estrutura social; revela consciência de sua unicidade e identidade própria como grupo. Em poucas palavras, é um povo arraigado a sua terra, com sua história, cultura, língua, tradições, costumes, valores e contravalores.

que, somente através da união, seria possível o a concretização de um roteiro de turismo, uma vez que, por se tratarem de pequenas propriedades rurais, separadamente, não apresentariam competitividade regional. Cada vez mais essa relação se assemelha ao conceito de capital social, difundido por Putman¹⁶, uma vez que as ações baseiam-se em normas de confiança, aliadas a inexistência de contratos formais.

O próximo capítulo dedica-se a apresentação dos resultados e avaliações dos elementos da pesquisa de campo.

¹⁶ Putman, Robert. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CAPÍTULO V: INVESTIGAÇÃO DE CAMPO: PESQUISA E RESULTADOS

5.1 Apresentação

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa, através das análises dos dados obtidos na investigação. O capítulo é apresentado em três partes, na primeira delas são evidenciados os dados referentes às variáveis relacionadas à oferta turística, a segunda é dedicada à apreciação das variáveis relacionadas aos impactos do turismo na comunidade receptora e, finalmente, expõem-se os resultados relacionados às variáveis da demanda.

5.2 Avaliação da oferta turística

Na avaliação da oferta turística, são demonstrados os resultados obtidos no levantamento dos atrativos turísticos; avaliação dos acessos; avaliação dos estabelecimentos de hospedagem; avaliação da qualidade dos serviços prestados e avaliação dos serviços relacionados à alimentação.

5.2.1. Levantamento dos atrativos turísticos

Considerando que, em sua maioria, os atrativos do roteiro estão concentrados nas propriedades rurais e que estas por sua natureza, também são atrativos, avaliou-se, segundo a opinião dos residentes, a adequação da infra-estrutura destes locais. Os resultados são apresentados na tabela 1 e revelam que a maioria dos moradores (71,43%), consideram que suas propriedades estão razoavelmente adequadas para receber turistas, enquanto 28,57% dos entrevistados as consideram-nas adequadas. Analisando as

respostas obtidas em entrevista (anexo B), é possível constatar que há uma preocupação constante dos residentes em manter a boa aparência de suas propriedades e que esta motivação está diretamente associada ao turismo, uma vez que as melhorias mencionadas foram realizadas em função do desenvolvimento desta atividade. Um exemplo disso é o seguinte depoimento de um residente : *Ainda falta muita coisa, eu sinto que ainda tenho que me preparar mais para receber os turistas, melhorar a entrada, a estrada também está muito precária. E a gente sente que os turistas querem ver “coisas”(...).*”

Tabela 1: Adequação da infra-estrutura das propriedades

| Infra-estrutura | No.cit. | Freq. |
|------------------------|----------------|----------------|
| Plenamente adequada | 0 | 0.00% |
| Adequada | 2 | 28.57% |
| Razoavelmente adequada | 5 | 71.43% |
| Inadequada | 0 | 0.00% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100.00% |

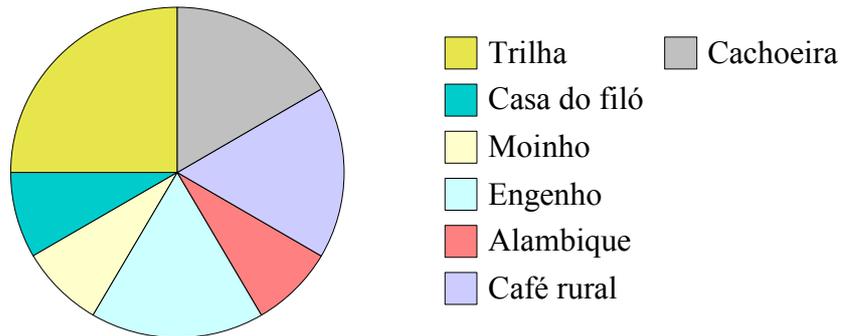
Quando perguntados sobre que melhorias foram realizadas para que a propriedade se tornasse adequada para receber turistas (tabela 2), apenas um morador respondeu não ter necessitado realizar modificações, enquanto os demais respondentes dividiram-se igualmente entre restauração ou melhoria na residência, melhoria nas áreas de recreação e construção de açudes. Este resultado indica que a maioria dos residentes está preocupado em investir em melhorias nas propriedades, de modo a torná-las adequadas para bem receber visitantes.

Tabela 2: Melhorias realizadas nas propriedades

| Melhoria na infra-estrutura | No.cit. | Freq. |
|------------------------------------|----------------|----------------|
| Não resposta | 1 | 14,29% |
| Restauração da casa | 2 | 28,57% |
| Melhoria nas áreas de recreação | 2 | 28,57% |
| Construção de açude | 2 | 28,57% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Em relação aos atrativos turísticos existentes na localidade, cada residente entrevistado mencionou os existentes em sua respectiva propriedade, conforme ilustra o gráfico1, além da Casa de Colonização, que não se encontra em nenhuma das propriedades, já que é um bem pertencente ao clube Vera Cruz. É possível verificar que tais atrativos dividem-se em duas categorias: naturais e culturais.

Gráfico 1: Atrativos identificados nas propriedades



5.2.1.1. Atrativos Naturais

Realizou-se a seleção de alguns dos atrativos naturais de Morro Azul mencionados pela comunidade anfitriã. Esta seleção é exibida no quadro 6 . As figuras 5;8;10 e11 ilustram algumas opções de trilhas no mato ou que levam até as cachoeiras. As figuras 6 e 7 mostram o rio Paraíso, muito utilizado para banhos. A figura 9 refere-se a uma área localizada ao lado da Casa de Colonização e pode ser utilizada como área de recreação.

Quadro 6: Seleção de atrativos naturais

| | |
|---|--|
|  |  |
| <p>Figura 5: Trilha ecológica</p> | <p>Figura 6: Rio Paraíso</p> |
|  |  |
| <p>Figura7: Rio Paraíso</p> | <p>Figura 8: Trilha ecológica</p> |
|  |  |
| <p>Figura 9: Área para lazer</p> | <p>Figura 10: Trilha ecológica</p> |
|  |  |
| <p>Figura 11: visitantes participando de trilha</p> | <p>Figura 12: Trilha da Cachoeira</p> |

Fonte: elaboração própria

5.2.1.2 Atrativos Culturais

Realizou-se uma seleção de atrativos culturais, exibidos no quadro 7. A casa de colonização (figura 13) é apontada como principal atrativo de valor cultural da comunidade. Já a casa do Filó é um local de encenação da vinda dos primeiros imigrantes italianos para a região (figuras 14; 17 e 18) Conforme depoimento de residente da região: “(...)no *filó* é assim...a gente revive o tempo passado, a vinda dos imigrantes pra cá, como eles viviam (...) os imigrantes italianos chegavam aqui, eles sentiam necessidade de se encontrar...eles trabalhavam na lavoura, então eles sentiam necessidade se encontrar pra terem aquele calor de onde eles vieram, matar a saudade... então aí os homens se reuniam numa casa, sem luz elétrica, tudo com lampião e aí eles rezavam, cantavam- os homens... e as mulheres faziam *filó*, faziam trança de palha, faziam bordados, tricot, crochê,mas muita reza e muito canto(...)” (anexo).. O moinho,figura 15 apresenta a forma artesanal de fabricação de farinha, recriando algumas rotinas também trazidas pelos imigrantes, que são realizadas ainda hoje. O alambique,figura 16 também pode ser considerado um atrativo cultural, uma vez que, apresenta um processo de fabricação artesanal de cachaça.

Quadro 7: Seleção dos atrativos culturais

| | |
|---|--|
|  |  |
| <p>Figura 13: Casa de Colonização</p> | <p>Figura 14: Casa do “Filó”</p> |
|  |  |
| <p>Figura 15: Moinho</p> | <p>Figura 16: Alambique</p> |
|  |  |
| <p>Figura 17: Encenação de hábitos dos imigrantes italianos</p> | <p>Figura 18: Interior da Casa do “Filó”</p> |

5.2.1.3 Manifestações culturais

As manifestações culturais referem-se às práticas culturais específicas da localidade. Para realizar o levantamento destes eventos, realizou-se entrevista com uma moradora responsável pela coordenação do roteiro de turismo rural “Vale do Paraíso”. Apesar da visitação por meio do roteiro não

incluir especificamente nenhum evento cultural da localidade, algumas manifestações já são bastante conhecidas na região e acabam atraindo muitos turistas que visitam a comunidade nas datas de ocorrência destes eventos. A partir de entrevista com morador responsável pela organização da maioria dos eventos que ocorrem na comunidade, foram verificadas as seguintes manifestações culturais:

Tabela 3: Manifestações culturais no distrito de Morro Azul

| Tipologia das manifestações | Evento - data |
|------------------------------------|--|
| Festas | Jantar dançante clube de mães (maio) |
| Religiosas | Festa de São Sebastião (abril) Festa de São Luiz Gonzaga (dezembro) |
| Gastronômicas | Feira de Páscoa (março/abril) Baile do Vinho e do Queijo (julho) Abertura da safra da cachaça /almoço típico(julho) Baile da Lasanha (agosto) Noite do Filó (setembro) |
| Populares e folclóricas | Festa junina (junho) |
| Cívicas | Desfile Cívico -Independência do Brasil (setembro) |

Fonte: Prefeitura Municipal de Três Cachoeiras – calendário de eventos

5.2.2 Avaliação dos acessos

Em relação à acessibilidade, aplicou-se questionário nos visitantes que foram perguntados se consideravam a localidade de fácil acesso. É possível verificar, através da tabela 4 que a maioria dos respondentes (72,50%) considera a região de fácil acesso, enquanto 27,50% acham-na de difícil acesso. Não houve relação entre as respostas negativas, quanto ao acesso, e a realização do trajeto em carro particular, ou seja, os respondentes que consideraram ruim o trajeto até a região, não eram os mesmos que o fizeram em seus próprios veículos. Em outras palavras, o fato de existirem trechos não pavimentados dentro do distrito, de maneira geral, não incomoda os visitantes

que utilizam veículos próprios, ao passo que os respondentes que consideram a região de difícil acesso utilizaram ônibus ou vans de excursão.

Tabela 4: Avaliação dos acessos à comunidade de Morro Azul
(conforme questionários dos visitantes)

| Acessibilidade | No. Cit. | Freq. |
|-----------------------|-----------------|----------------|
| Sim | 29 | 72,50% |
| Não | 11 | 27,50% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

Ao interpretar a avaliação do acesso realizada pelos residentes, é possível verificar que a maioria dos respondentes o consideram-no razoavelmente bom(57,14%), enquanto 28,57% responderam que está bom e 14,29% o consideram-no muito ruim (tabela 5). Ao comparar as perguntas e respostas das tabelas 4 e 5 pode-se verificar que, apesar da maioria dos visitantes julgarem que a região é de fácil acesso, na entrevista com os moradores constata-se que, para estes respondentes a qualidade dos acessos ainda deixa a desejar. Ainda em relação a esta variável, deve-se levar em consideração que a dificuldade apontada pelos moradores pode ocorrer em função destes necessitarem deslocar-se para a área urbana do município com freqüência, incluindo dias de tempo ruim, o que não ocorre com os visitantes que ,normalmente realizam o trajeto em condições climáticas favoráveis. Por outro lado, os residentes sugerem que deve haver maior atenção por parte do poder público,principalmente pelo fato de a localidade receber excursões com freqüência e,em diversas situações utilizando ônibus de grande porte que necessitam de maior espaço para realização de manobras como retorno, por exemplo. Ainda segundo depoimento dos moradores, algumas propriedades não possuem uma entrada adequada para veículos de grande porte e atribuem aos órgãos públicos a responsabilidade de melhoria dos referidos acessos.

Tabela 5: Avaliação dos acessos pelos residentes

| Acesso | No. cit. | Freq. |
|-------------------|-----------------|----------------|
| Muito bom | 0 | 0 |
| Bom | 2 | 28,57% |
| Razoavelmente bom | 4 | 57,14% |
| Ruim | 0 | 0 |
| Muito ruim | 1 | 14,29% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

5.2.3 Avaliação dos estabelecimentos de hospedagem

Na avaliação sobre os meios de hospedagem (pousadas) existentes na região, 82,50% dos respondentes acham que os estabelecimentos estão adequados para atender as suas necessidades pessoais. Por outro lado, 17,50% dos visitantes consideraram que as pousadas não estão devidamente equipadas para recebê-los (tabela 6). Apesar de o resultado apresentar-se, de certo modo, favorável, talvez seja necessário que haja um pouco mais de investimento nestes meios, uma vez que, em parte, depende dele a permanência de turistas na região. As figuras 19 e 20 ilustram os meios de hospedagem disponíveis na comunidade: a Pousada Casa da Tia Laura e o Filó.

Tabela 6: Avaliação dos meios de hospedagem pelos usuários

| Meios de hospedagem | No. Cit. | Freq. |
|----------------------------|-----------------|----------------|
| Sim | 33 | 82,50% |
| Não | 7 | 17,50% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

Quadro 7: Estabelecimentos de hospedagem



5.2.4 Avaliação da qualidade dos serviços prestados

Para verificar se os serviços prestados pela comunidade foram satisfatórios, perguntou-se a opinião dos visitantes em relação às propriedades visitadas. Dos respondentes, 95% mencionaram ter apreciado todas, enquanto apenas 5% dos respondentes não gostaram de alguma propriedade em específico (não mencionada), conforme a tabela 7. Este resultado pode ser considerado muito positivo para os residentes, uma vez que o trabalho realizado está sendo reconhecido e aprovado pelos visitantes.

Tabela 7: Satisfação dos usuários em relação às propriedades visitadas

| Satisfação/Propriedades | No. Cit. | Freq. |
|-------------------------|-----------|----------------|
| Sim | 38 | 95,00% |
| Não | 2 | 5,00% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

Quando perguntados sobre sua satisfação para com o roteiro como um todo (tabela 8) 77,50% responderam que este foi muito satisfatório, enquanto 22,50% consideraram-no apenas satisfatório, não havendo nenhuma ocorrência de resposta insatisfatória, o que indica resultados positivos em relação à qualidade do roteiro em geral (atrativos, serviços, propriedades).

Tabela 8: Satisfação dos usuários em relação ao roteiro como um todo

| Satisfação | No. Cit. | Freq. |
|----------------------|-----------|----------------|
| Muito satisfatório | 31 | 77,50% |
| Satisfatório | 9 | 22,50% |
| Insatisfatório | 0 | 0,00% |
| Muito insatisfatório | 0 | 0,00% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

5.2.5 Avaliação dos serviços relacionados à alimentação

Em relação à alimentação (café rural oferecido no roteiro), os dados da tabela 9 revelam que 85% dos respondentes acharam-se muito satisfeitos, 12,50% satisfeitos e 2,50% muito insatisfeitos. Apesar de ser um resultado bastante positivo, este último dado merece atenção especial, considerando que o mesmo não aparece nas avaliações dos itens anteriormente questionados.

Tabela 9: Avaliação dos serviços de alimentação

| Alimentação | No. Cit. | Freq. |
|----------------------|-----------|----------------|
| Muito satisfatório | 34 | 85,00% |
| Satisfatório | 5 | 12,50% |
| Insatisfatório | 0 | 0,00% |
| Muito insatisfatório | 1 | 2,50% |
| TOTAL OBS. | 49 | 100,00% |

5.3 Avaliação dos impactos na comunidade receptora

Para avaliar os impactos na comunidade receptora, analisa-se as características pessoais dos indivíduos envolvidos com o turismo; a principal atividade econômica que exercem; os cursos de qualificação realizados pelos residentes; o nível de tolerância da comunidade em relação ao turismo e o grau de afinidade entre a comunidade.

5.3.1 Análise das características pessoais

Nos resultados do levantamento das características pessoais dos residentes, em relação à faixa etária (tabela 10), fica evidente que a maioria dos entrevistados (57,14%) está na faixa etária dos 60 a 70 anos, seguidos por 28,57% que possuem entre 50 e 60 anos, enquanto 14,29% estão entre 40 e 50 anos de idade. Estes dados demonstram que mais de metade dos moradores que estão envolvidos no roteiro são idosos, por outro lado, não se verifica a participação de jovens entre 20 e 30 anos. Também lhes foi perguntado o tempo em que residem na localidade. Este resultado dispensou a elaboração de gráfico ou tabela já que foi obtido percentual de 100% dos respondentes afirmando que sempre moraram no distrito de Morro Azul. Também foi perguntado aos residentes se estes conheciam todos os demais membros da comunidade que participam do roteiro, obtendo-se, novamente o índice de 100% de respostas positivas. Com relação ao grau de instrução (tabela 11), mais da metade dos respondentes (57,14%), possui apenas o ensino fundamental completo enquanto os demais dividem-se igualmente (14,29%) em ensino médio, curso técnico profissionalizante e ensino superior. Conforme os resultados obtidos, pode-se verificar que a comunidade anfitriã é caracterizada, em geral, por pessoas de idade avançada, de baixo grau de instrução e alto nível de integração social, considerando o tempo em que vivem na comunidade e o envolvimento com os demais moradores, apontado pelos respondentes.

Tabela 10: Faixa etária dos residentes

| Faixa etária | No. Cit. | Freq. |
|---------------------|-----------------|----------------|
| 20-30 anos | 0 | 0,00% |
| 30-40 anos | 0 | 0,00% |
| 40-50 anos | 1 | 14,29% |
| 50-60 anos | 2 | 28,57% |
| 60-70 anos | 4 | 57,14% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Tabela 11: Grau de instrução dos residentes

| Grau de Instrução | No. Cit. | Freq. |
|--------------------|----------|----------------|
| Ensino fundamental | 4 | 57,14% |
| Ensino médio | 2 | 28,57% |
| Ensino superior | 1 | 14,29% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

5.3.2 Análise da atividade econômica

Analisando-se as respostas sobre a principal atividade econômica desenvolvida na localidade, (gráfico 2) verifica-se que a plantação de banana configura-se como atividade predominante nas propriedades participantes do roteiro, seguida pela criação de gado e plantação de cana-de-açúcar. As demais atividades mencionadas (professor, arrendamento de terras) aparecem em menor número. Quando perguntados sobre a representatividade do turismo na renda familiar, tabela 12, 28,57% dos moradores consideram que esta atividade proporciona um retorno financeiro muito bom. Já 14,29% consideram-no bom, enquanto os demais (57,14%) dividem-se igualmente, afirmando que o turismo oferece uma renda razoavelmente boa e ruim. Não houve ocorrências de respostas absolutamente negativas. Em outras palavras, conforme avaliação da comunidade, os ganhos com o turismo existem, embora não sejam homogêneos entre as propriedades, ou seja, existe uma diferença de lucro em função do tipo e da quantidade dos produtos comercializados em cada propriedade durante a realização do roteiro.

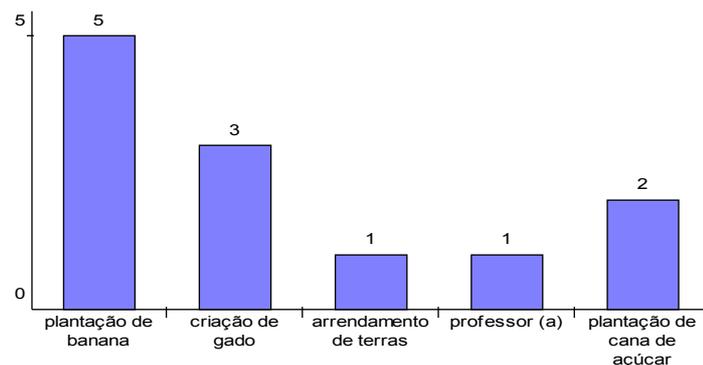
Gráfico 2: Principais atividades econômicas dos residentes

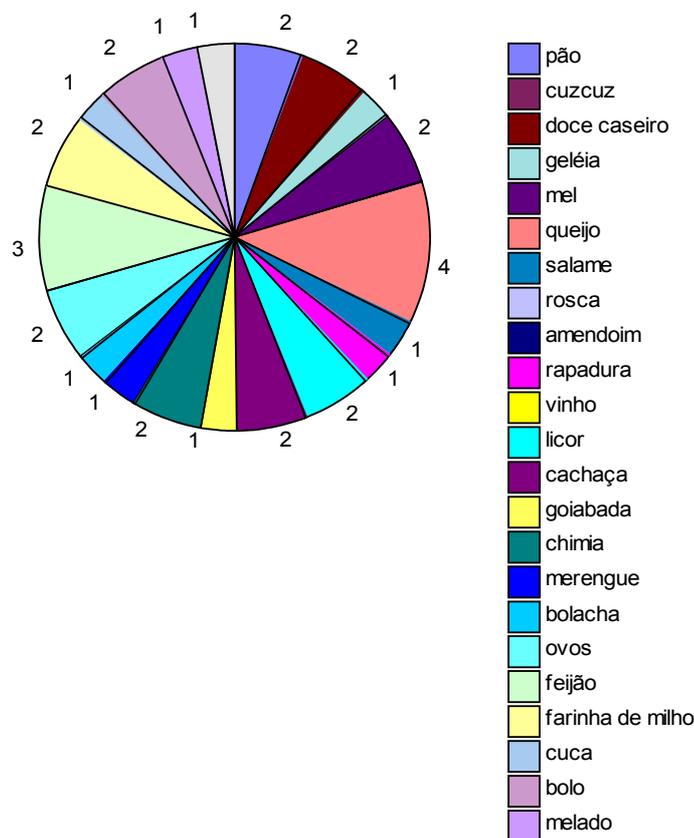
Tabela 12: Representatividade do turismo na renda familiar

| Retorno financeiro | No. Cit. | Freq. |
|--------------------|----------|----------------|
| Muito bom | 2 | 28,57% |
| Bom | 1 | 14,29% |
| Razoavelmente bom | 2 | 28,57% |
| Ruim | 2 | 28,57% |
| Muito ruim | 0 | 0,00% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Com relação ao tipo de produto comercializado nas propriedades, a partir das entrevistas, foi possível realizar um levantamento dos principais produtos que, através do turismo, oferecem renda complementar aos residentes (gráfico 3). Cabe ressaltar que todos estes produtos são produzidos na localidade.

Gráfico 3: Produtos consumidos pelos visitantes

Distribuição em setores de 'produtos'

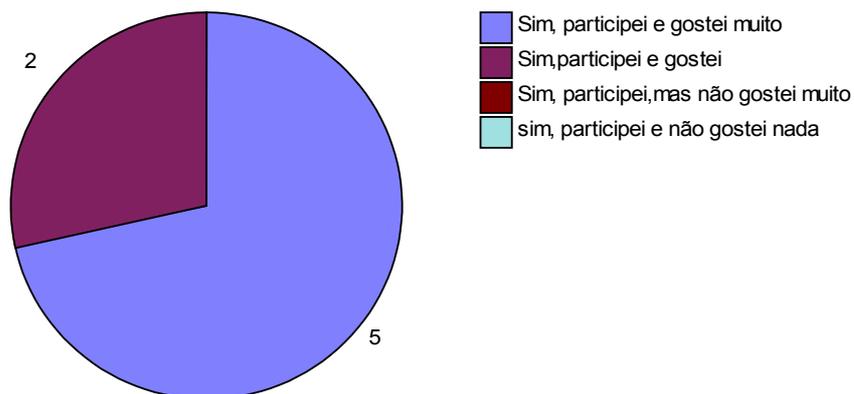


5.3.3 Avaliação dos cursos de qualificação

Foi perguntado aos residentes se estes haviam realizado algum tipo de curso voltado para o turismo, (gráfico 4) e se haviam gostado desta experiência. Analisando-se as repostas obtidas, verifica-se que a maioria dos moradores (71,42%), o que equivale a cinco pessoas, gostaram muito dos cursos de que participaram, enquanto os demais (28,57%), duas pessoas expressaram apenas ter gostado dos mesmos em que se fizeram presentes, o que indica que a comunidade responde positivamente à necessidade de qualificação para desenvolver o turismo com vistas à sustentabilidade.

Gráfico 4 : Participação em cursos de qualificação

Distribuição em setores de 'qualificação'



Quando perguntados sobre a importância dos cursos de preparação da comunidade para trabalhar com turismo, os dados da tabela 13 demonstram que 71,43% dos moradores atribuem muita importância à realização de qualificação, enquanto 28,57% consideram que estes cursos são importantes. Os resultados indicam que há um alto grau de consciência da população local em relação ao turismo. Os respondentes, demonstram, principalmente muita preocupação em receber bem os visitantes e manter os costumes da comunidade, como se pôde verificar no depoimento de um morador em relação aos cursos de qualificação para o turismo oferecidos na comunidade (anexo B):

" Sim participamos de todos que foram feitos aqui. Aprendemos a preparar a propriedade para receber os turistas."

Tabela 13: Avaliação dos cursos pelos residentes

| Cursos | No. Cit. | Freq. |
|-------------------|-----------------|----------------|
| Muito importante | 5 | 71,43% |
| Importante | 2 | 28,57% |
| Pouco importante | 0 | 0,00% |
| Nada importante | 0 | 0,00% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

5.3.4 Análise do nível de tolerância em relação ao turismo

Na tentativa de verificar o nível de tolerância da população local em relação ao turismo, foi perguntado aos residentes, quais são os principais benefícios que o turismo oferece para comunidade. Da mesma forma, também foi questionado quais os principais impactos negativos provocados pelo turismo atualmente ou a nível de futuro. O aumento da auto-estima foi o ponto positivo mais mencionado entre os respondentes (57,14%). Em segundo lugar, os residentes afirmam que a atividade ajuda a evitar o êxodo rural (28,57%) e, com esse mesmo índice, foi mencionado a troca de experiências com os visitantes. Por fim, com 14,29% (cada um) foram citados: o aumento na renda familiar, a união da comunidade e melhor atenção do poder público para com a localidade. (tabela 14)

Tabela 14: Impactos positivos gerados pelo turismo

| Benefícios da atividade turística | No. Cit. | Freq. |
|--|-----------------|----------------|
| Aumenta a renda familiar | 1 | 14,29% |
| Evita o êxodo rural | 2 | 28,57% |
| Aumenta a auto-estima | 4 | 57,14% |
| Ajuda a unir a comunidade | 1 | 14,29% |
| Há mais atenção do poder público | 1 | 14,29% |
| Divulga a localidade | 2 | 28,57% |
| Troca de experiência com os visitantes | 2 | 28,57% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Com relação aos impactos negativos que o turismo oferece ou poderá vir a oferecer (tabela 15), a maioria dos respondentes considera não existir nenhum (42,86%), enquanto outros (28,57%) acreditam que o turismo pode provocar, futuramente um aumento da criminalidade. Também foi citada por 28,57% dos entrevistados, a possibilidade de ocorrer um maior rigor na fiscalização ambiental, podendo prejudicar (na visão dos moradores) a agricultura. Por fim, 14,29% dos respondentes acreditam que o turismo pode trazer falta de liberdade, ou seja, se houver um aumento muito grande no número de visitantes, esta situação poderá prejudicar a principal atividade da maioria dos moradores (a agricultura), em função da dedicação à recepção dos visitantes e fabricação dos produtos para venda.

Tabela 15: Impactos negativos gerados pelo turismo

| Impactos negativos | No. Cit. | Freq. |
|---|-----------------|----------------|
| Atualmente nenhum | 3 | 42,86% |
| Probabilidade de aumento da criminalidade | 2 | 28,57% |
| Falta de liberdade | 1 | 14,29% |
| Maior rigor da fiscalização ambiental | 2 | 28,57% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

5.3.5 Análise do grau de afinidade entre a comunidade (união/concorrência)

Para verificar o grau de participação da população residente nas iniciativas turísticas da área receptora e o nível de relacionamento social entre a população residente, foi perguntado aos moradores se esses participaram da elaboração do roteiro e se todas as propriedades se beneficiaram igualmente com a formatação deste. Também foi questionado sobre a realização e participação destes moradores em reuniões para tratar dos assuntos referentes ao turismo na localidade. Em seguida perguntou-se sobre a possível concorrência existente entre os residentes e particularmente na propriedade do respondente. Na seqüência, questiona-se quais as principais influências do turismo nas relações da comunidade e, por último, analisa-se os dados

referentes às repostas obtidas sobre a questão da união dos residentes para o incremento do turismo na região. Sobre esse aspecto, considerou-se importante verificar também a opinião dos visitantes, para avaliar se coincide com as respostas da comunidade-anfitriã.

Com relação à participação na elaboração do roteiro, todos os residentes disseram-se engajados desde o início. Por outro lado, quando perguntados se o roteiro beneficia igualmente todas as propriedades (tabela 16), apesar da maioria considerar que sim (57,14%), houve uma parcela de respondentes (28,57%) que consideram que há privilégios para algumas propriedades. Também foi mencionado por 14,29% o equivalente a um morador que acredita que sua propriedade em específico está em desvantagem em relação às outras.

Tabela 16: Benefícios do roteiro

| Oportunidades | No. Cit. | Freq. |
|--|-----------------|----------------|
| Beneficia a todos igualmente | 4 | 57,14% |
| Algumas propriedades levam vantagens sobre as outras | 2 | 28,57% |
| A minha propriedade leva desvantagem | 1 | 14,29% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Quando perguntados sobre a frequência com que participam das reuniões (tabela 17), 57,14% dos respondentes afirmaram sempre comparecer, enquanto 28,57% disseram que quase sempre comparecem. Apenas 14,29%, o equivalente a um morador respondeu que quase nunca frequenta as reuniões.

Tabela 17: Participação em reuniões

| Participação em reuniões | No. Cit. | Freq. |
|---------------------------------|-----------------|----------------|
| Sempre | 4 | 57,14% |
| Quase sempre | 2 | 28,57% |
| Quase nunca | 1 | 14,29% |
| Nunca | 0 | 0,00% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Foi perguntado aos residentes participantes do roteiro, quais as principais mudanças que o turismo ocasionou nas relações da comunidade. A tabela 18 ilustra os dados obtidos, verificando-se que 71,43% dos respondentes acreditam que o turismo uniu a comunidade, 14,29% dizem que as amizades foram fortalecidas, enquanto 14,29% acham que a atividade gerou maior concorrência entre os moradores.

Tabela 18: Influência do turismo nas relações da comunidade

| Mudanças no convívio social | No. Cit. | Freq. |
|------------------------------------|-----------------|----------------|
| Uniu a comunidade | 5 | 71,43% |
| Fortaleceu os laços de amizade | 1 | 14,29% |
| Gerou concorrência | 1 | 14,29% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Em relação à concorrência, perguntou-se aos moradores se eles concordam que esta exista. Analisando a tabela 19 é possível constatar que 71,43% dos residentes acreditam que há concorrência entre as propriedades, enquanto 28,57% acham que não existe qualquer tipo de concorrência.

Tabela 19: Concorrência entre as propriedades

| Concorrência | No. Cit. | Freq. |
|---------------------|-----------------|----------------|
| Sim | 5 | 71,43% |
| Não | 2 | 28,57% |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Em seguida, questionou-se a possibilidade de existir concorrência, especificamente, com a propriedade do respondente. Os dados da tabela 20 mostram que 42,86% acreditam que existam concorrentes diretos aos seus interesses. Da mesma forma, também 42,86% dizem não perceber nenhum tipo de concorrência direta a sua propriedade. Por fim, 14,29% (um morador) não se manifestou claramente a este respeito.

Tabela 20: Concorrência direta com a propriedade do respondente

| Concorrência direta | No. Cit. | Freq. |
|----------------------------|-----------------|----------------|
| | | |
| Sim | 3 | 42,86% |
| Não | 3 | 42,86% |
| Não respondeu | 1 | 14,29% |
| | | |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

Quando perguntados sobre sua opinião em relação à inclusão de outras propriedades do distrito no roteiro de turismo rural, pode-se perceber, através tabela 21 que há uma certa rejeição se for considerado o mesmo roteiro, pois apenas 28,57% concordam com a participação de outras propriedades, enquanto 71,43% acham que deveria ser elaborado outro roteiro para que se possa incluir mais pessoas da comunidade. O principal argumento da maioria fundamenta-se no tempo destinado a cada propriedade, uma vez que o roteiro é de apenas um dia. Os respondentes alegam que o tempo é muito curto e que, a inclusão de outras propriedades, prejudicaria, limitando ainda mais as visitas.

Tabela 21: Participação de outras propriedades no roteiro

| Inclusão de outras propriedades no roteiro | No. Cit. | Freq. |
|---|-----------------|----------------|
| | | |
| Sim, neste mesmo roteiro | 2 | 28,57% |
| Sim, mas futuramente ou em outro roteiro | 5 | 71,43% |
| | | |
| TOTAL OBS. | 7 | 100,00% |

No questionário aplicado nos visitantes, perguntou-se a opinião desses em relação à união da comunidade para o desenvolvimento do turismo. Os resultados da tabela 22 revelam que 92,50% dos respondentes avaliaram a comunidade como unida, enquanto apenas 7,50% discordam desta resposta. Este questionamento foi feito para verificar se os visitantes percebiam a união da comunidade, ou seja, se esta demonstrava integração social.

Tabela 22: União da comunidade para desenvolvimento do turismo

| União da comunidade | No. Cit. | Freq. |
|----------------------------|-----------------|----------------|
| | | |
| Sim | 37 | 92,50% |
| Não | 3 | 7,50% |
| | | |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

5.4 Avaliação da demanda turística

Os dados obtidos na avaliação da demanda turística, apresentam os principais pólos emissores; o período de visitação; a análise da fidelidade da demanda; meio de transporte utilizado e tipo de gasto no roteiro.

5.4.1 Levantamento dos principais emissores da demanda

Na tabela 23 são apresentados os principais emissores da demanda turística. Os resultados revelam que a grande maioria dos visitantes vêm da capital do estado (52,50%), seguida por pessoas vindas da mesma região da destinação, o Litoral Norte Gaúcho (25%). Os excursionistas do interior do Rio Grande do Sul aparecem em terceiro lugar, com (12,50%), seguidos por visitantes de outros estados (10%), que ocupam o último lugar mencionado pelos respondentes. Embora nesta pesquisa não tenha sido verificada a presença de turistas estrangeiros, alguns registros de visitação das propriedades participantes do roteiro revelam que a região já recebeu tais visitantes.

Tabela 23: Local de origem dos visitantes

| Local de origem | No. Cit. | Freq. |
|--------------------------------------|-----------------|----------------|
| | | |
| Visitante estrangeiro | 0 | 0 |
| Visitante de outros Estados | 4 | 10,00% |
| Visitante da capital do RS | 21 | 52,50% |
| Visitante do interior do RS | 5 | 12,50% |
| Visitante da mesma região do destino | 10 | 25,00% |
| | | |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

5.4.2 Análise do período de visitação

Tabela 24: Período da visita

| Período do ano | Data da entrevista |
|--|---|
| (1) dezembro, janeiro, fevereiro, março; | 11/01/2007-12 pessoas 01/02/2007- 20 pessoas |
| (2) março, abril, maio, | - |
| (3) junho, julho, agosto; | 01/06/2006- 8 pessoas |
| (4) setembro, outubro, novembro. | - |

5.4.3 Análise da fidelidade da demanda

Ao analisar a fidelidade da demanda, verifica-se que a maioria dos visitantes realizou o roteiro pela primeira vez (97,50%), conforme ilustra a tabela 25. De acordo com o resultado obtido não se verifica uma fidelização da demanda em relação ao destino. Ao mesmo tempo, ao analisar a tabela 3, é possível constatar que os visitantes pretendem retornar à localidade o que pode ser um indicativo de uma demanda potencial para o futuro. Da mesma forma, quando perguntados se indicariam o roteiro para familiares e amigos, os respondentes em sua totalidade responderam que pretendem recomendar a região, resultado que confirma a satisfação dos visitantes em relação ao roteiro.

Tabela 25: Fidelidade da demanda

| Fidelidade da demanda | No. Cit. | Freq. |
|-----------------------|-----------|----------------|
| Sim | 39 | 97,50% |
| Não | 1 | 2,50% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

Em relação à participação dos visitantes em outros roteiros de turismo rural, os resultados, ilustrados na tabela 26, revelam que existe pouca diferença entre as respostas, ou seja, 55% dos respondentes disseram já ter

realizado outros roteiros de turismo rural, enquanto 45% ainda não haviam praticado esta modalidade de turismo, demonstrando que os visitantes, em sua maioria não possuem um parâmetro de comparação em relação à prática de turismo rural.

Tabela 26: Participação em outros roteiros de turismo rural

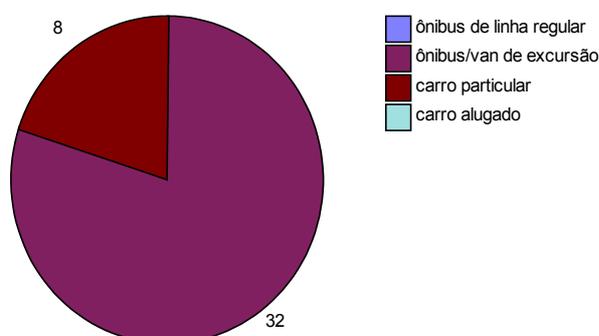
| Participação | No. Cit. | Freq. |
|-------------------|-----------|----------------|
| Sim | 18 | 45,00% |
| Não | 22 | 55,00% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

5.4.4 Levantamento dos meios de transporte utilizados

Em relação ao meio de transporte utilizado para o deslocamento até a região onde se realiza o roteiro, é possível verificar no gráfico 5 que 80% dos respondentes realizaram seu deslocamento em ônibus ou van de excursão, enquanto 20% utilizaram carro particular. Tanto os ônibus de linha regular, como carros alugados não foram mencionados nas respostas dos visitantes. Estes resultados revelam que, em sua maioria, o roteiro é realizado em ônibus ou van de excursão indicando que há ainda um número muito pequeno de pessoas que realizam o passeio por conta própria.

Gráfico 5: Meio de transporte utilizado

Distribuição em setores de 'Meio de transporte'



5.4.5 Análise do gasto turístico

A aquisição de produtos típicos da região foi mencionada por 87,50% dos respondentes, conforme mostra a tabela 27, enquanto 12,50%, afirmaram não ter efetuado nenhuma compra durante a realização do roteiro. Estas respostas confirmam a tendência de consumo de produtos cultivados no meio rural, o que colabora para o aumento da receita dos residentes.

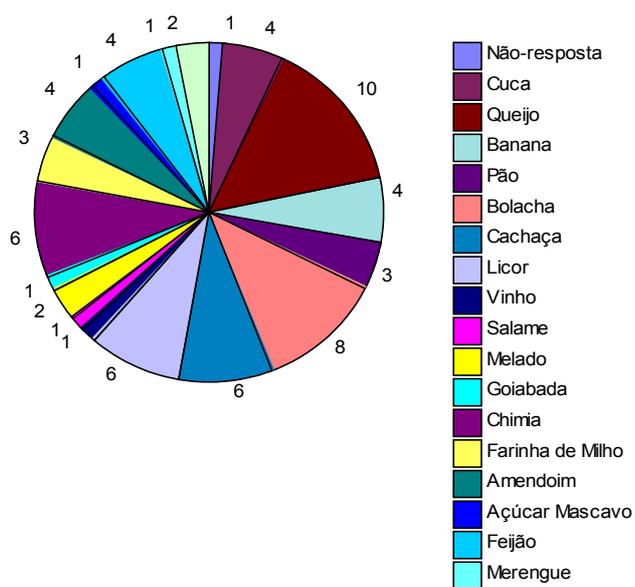
Tabela 27: Consumo de produtos típicos da região

| Consumo | No. Cit. | Freq. |
|-------------------|-----------|----------------|
| Sim | 35 | 87,50% |
| Não | 5 | 12,50% |
| TOTAL OBS. | 40 | 100,00% |

Quando perguntados sobre o tipo de produtos adquiridos, os respondentes mencionaram os ilustrados no gráfico 6. Todo consumo efetuado trata-se de produtos cultivados e produzidos na região pelos próprios moradores.

Gráfico 6: Produtos consumidos pelos visitantes

Distribuição em setores de 'Tipo de compra'



Com base nos dados até aqui apresentados, no próximo capítulo realizam-se as considerações finais, evidenciando os resultados de maior relevância, bem como a revisão dos objetivos e hipóteses propostos nessa investigação. Da mesma forma, identificam-se as principais limitações do estudo e apresentam-se algumas sugestões para futuras investigações envolvendo o tema.

CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Principais resultados obtidos

O turismo, na atualidade, passa por uma importante transição, deixando de ser considerado como mera atividade do terceiro setor, para ser reconhecido como um fenômeno social, cultural, político e econômico. À luz destas transformações, desmistificam-se algumas correntes que referem-se ao mesmo como indústria assumindo-se uma postura teórica que permite a valorização do enfoque fenomenológico no qual se insere. Ao relacionar o turismo às práticas de capital social, verifica-se que este último pode configurar-se como um elemento importante na busca pelo desenvolvimento local sustentável, uma vez que seus princípios teóricos fomentam os laços sociais estabelecidos a partir de normas baseadas na confiabilidade. Nestas ações, substituem-se os contratos formais para o estabelecimento de relações horizontais. Diante destas assertivas, a aproximação das teorias de capital social ao turismo parece relevante, em conformidade com as novas vertentes teóricas que envolvem o tema.

Os resultados obtidos nessa investigação revelam que os objetivos propostos para o estudo foram alcançados quase que totalmente, reforçando a relevância da seleção do objeto empírico, a comunidade de Morro Azul, distrito do município de Três Cachoeiras, Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Desta forma, considera-se importante salientar os principais resultados, bem como realizar uma breve análise das hipóteses definidas para esta pesquisa.

Na avaliação da oferta turística, constatou-se que a maioria dos residentes consideram que suas propriedades não estão totalmente adequadas para receber turistas, o que conseqüentemente gera uma preocupação em realizar melhorias. Com relação aos atrativos identificados em cada uma,

encontra-se uma semelhança muito grande entre elas, ou seja, a maioria possui trilhas ecológicas e cachoeiras, por exemplo, fato que também motiva os moradores a valorizar as particularidades de suas propriedades, levando-os a resgatar a sua história e cultura. Assim, a cada lugar que o visitante conhece, surpreende-se com um atrativo diferenciado. Na avaliação dos acessos à localidade, identifica-se uma oposição entre as respostas obtidas através das entrevistas com os moradores e as respostas referentes a aplicação dos questionários nos visitantes. Os últimos, em sua maioria, consideram a região de fácil acesso, enquanto os primeiros revelaram um certo descontentamento em relação a este aspecto. No que se refere à satisfação dos visitantes em relação aos estabelecimentos de hospedagem, as propriedades visitadas, qualidade dos serviços prestados, serviços de alimentação e ao roteiro como um todo, as respostas dos visitantes foram positivas indicando que a comunidade tem alcançado êxito na organização do roteiro turístico. Assim, parece se confirmar a hipótese sugerindo que “o sucesso na implementação dos turismo está diretamente relacionado às motivações da população local, bem como ao seu interesse em colaborar para o desenvolvimento desta atividade”.

Com relação aos impactos na comunidade receptora, a análise do grau de instrução e atividade econômica praticada pelos residentes confirma a tendência apontada por Putman (2000, p.123) afirmando que nas comunidades, os indivíduos de maior grau de instrução sentem-se mais eficazes, uma vez que a educação pode representar maior *status* social, capacidade pessoal e contatos. Ou seja, a partir pesquisa de campo, foi possível constatar que os mais instruídos eram os principais responsáveis pela organização e motivação do grupo, sem no entanto, prevalecer nenhum tipo de hierarquia entre os atores, ou seja, há um alto grau de confiança dentro da comunidade. Portanto, confirma-se também a hipótese de que “quanto maior for a herança cultural da comunidade, maior será a tendência em desenvolver capital social.

No levantamento da faixa etária dos residentes envolvidos na atividade turística, o resultado obtido foi, de certa forma surpreendente, uma vez que, mais da metade dos entrevistados possuem entre sessenta e setenta anos de

idade. Este fato parece contrário ao que normalmente acontece em áreas onde se pretende implementar atividades ligadas ao turismo pois, normalmente há maior resistência por parte dos residentes mais antigos. Outro aspecto relevante foi constatado nas respostas referentes ao retorno financeiro que o turismo proporciona para as propriedades. Embora exista um favorecimento maior de ganhos conforme o tipo de produto comercializados e o tipo de serviço oferecido em cada propriedade, o descontentamento em relação aos valores monetários agregados não é aparente, principalmente porque a maioria dos entrevistados não tem no turismo sua renda familiar principal.

Ainda tratando dos impactos na comunidade receptora, foi solicitado aos residentes que identificassem os principais benefícios e os principais problemas ocasionados pelo turismo. Com relação aos primeiros, o principal benefício destacado pelos entrevistados foi a aumento da auto-estima. Quanto aos possíveis problemas causados pelo turismo, a maioria dos respondentes não identifica nenhum malefício relacionado a atividade. Se analisados de acordo com o índice de irritação da comunidade- anfitriã descrito por Doxey (apresentado no capítulo III), os residentes pesquisados encontram-se na *Etapa de Euforia*, caracterizada principalmente pelo entusiasmo. No entanto conforme o índice mencionado, nesta etapa o turismo é percebido como uma boa opção econômica, o que não se encaixa nas aspirações de todos os respondentes desta pesquisa. Ou seja, enquanto para alguns o turismo pode ser uma fonte secundária de renda, outros membros da comunidade revelam-se interessados pela atividade simplesmente pela valorização da cultura local e satisfação pessoal.

Ao analisar o grau de participação, envolvimento e união da comunidade, verificou-se que a maioria os residentes consideram que o roteiro beneficia igualmente todos os participantes sugerindo que há harmonia nas relações sociais. Por outro lado, grande parte dos entrevistados acreditam que há concorrência entre as propriedades, mas consideram este fato positivo, pois contribui para motivar os moradores a melhorar cada vez mais as suas propriedades. Da mesma forma, mais da metade dos respondentes afirmam participar sempre de reuniões na comunidade, o que confirma o fortalecimento

dos laços entre os atores, uma vez que todos os membros têm a possibilidade de participar dos atos decisórios. Deste modo, mais uma hipótese se confirma: “ o papel do social na reestruturação do sistema econômico, e do território, pode influenciar diretamente no êxito das atividades voltadas ao turismo. Portanto, na medida em que as comunidades sustentarem normas de confiança e reciprocidade, o desenvolvimento da atividade, provavelmente obterá êxito”.

Ao verificar a avaliação da demanda turística, identifica-se como principais emissores de visitantes a capital do estado e cidades da mesma região do destino. Este fato pode ser positivo no sentido de que a localidade tem atraído pessoas da região, mas ao mesmo tempo pode indicar deficiência na divulgação do roteiro em outras regiões. Outro fato relevante reflete-se nos meios de transporte utilizados, uma vez que a grande maioria dos visitantes dirige-se até a região através de ônibus de excursão e, em sua maioria, comentaram não ter conhecimento do local antes da visita, ou seja, alguns consumidores em potencial podem deixar de visitar o local por falta de informação sobre a existência do roteiro. Com relação ao gasto dos visitantes, os resultados demonstram que a grande maioria realiza mais de um tipo de aquisição de produtos típicos da região, favorecendo os ganhos da comunidade-anfitriã.

Finalmente a última hipótese sugerida para o estudo parece se confirmar, indicando que “o turismo influencia positivamente no desenvolvimento local e regional, se pensado e praticado com vistas à sustentabilidade”. Ao afirmar que o turismo pode favorecer o crescimento de uma localidade ou região deve-se considerar o contexto em que este fenômeno se insere. Em muitas regiões, existe um forte potencial natural e até mesmo cultural, considerados como alavancas para o crescimento econômico baseado no turismo, no entanto, em alguns casos, não há vocação da população local para desempenhar atividade ligadas a este fenômeno, o que pode comprometer o sucesso de algumas destinações ou levá-las ao declínio antes mesmo de obter algum retorno. Quando mencionado que o turismo deve ser pensado com vistas á sustentabilidade, deve-se considerar não apenas a

sustentabilidade ambiental e econômica, é imprescindível o comprometimento com a sustentabilidade social, principalmente considerando as aspirações da comunidade- anfitriã.

O estudo de caso possibilitou identificar algumas particularidades que refletem o êxito da atividade turística da localidade. A herança cultural, os laços de confiança e a iniciativa de um novo desafio partindo da comunidade, definitivamente configuram-se como um exemplo de capital social bem organizado. O fato de o cidadão comum participar do processo decisório e ajudar a nortear o futuro da comunidade, além da vocação dos residentes também indicam que o capital social pode ser um importante elemento dentro do fenômeno do turismo.

6.2 Limitações da pesquisa

Apesar de entender-se que os objetivos traçados para esta investigação tenham sido alcançados, se não em sua totalidade, mas de certa forma satisfatoriamente ao que se propôs para a pesquisa, foi inevitável que se deixassem algumas lacunas por motivos alheios à vontade da pesquisadora. Optou-se por descrever estas limitações obedecendo à seqüência em que se produziu esta dissertação. Em primeiro lugar, serão apontadas algumas limitações relacionadas à revisão da literatura, seguida das dificuldades dos trabalhos de levantamento de arquivo e de campo.

Primeiramente, em relação ao referencial teórico, apesar ter-se realizada uma seleção detalhada das obras de maior pertinência ao tema, alguns autores de fundamental importância (como James Coleman; Peter Evans) foram citados através das colaborações de outros pesquisadores, pela impossibilidade de acesso às obras originais destes teóricos. Por outro lado, considera-se que este fato não tenha causado prejuízo maior à investigação, mesmo assim, deve ser considerado como um limitante.

No que se refere ao levantamento de arquivo, houve dificuldade na obtenção de dados sobre o distrito estudado, principalmente pela falta de

documentos históricos. Para a efetivação da pesquisa foi necessário contar com o apoio da comunidade, que através de seus acervos particulares colaborou para que se pudesse realizar a caracterização dos dados referentes ao objeto de estudo. Com relação à pesquisa de campo, encontrou-se dificuldade na aplicação dos questionários, uma vez que havia necessidade de deslocamento da pesquisadora até a localidade para acompanhar os grupos, dependendo ainda de informações da comunidade sobre as datas em que ocorreriam essas visitas, o que nem sempre acontecia pela dificuldade de contato. Ainda em relação aos questionários, foi necessário que se elaborasse um número reduzido de perguntas o mais diretas possível e de respostas rápidas, já que se tratava de visitação de um dia, havendo uma limitação de tempo para o preenchimento dessa ferramenta de pesquisa. Por outro lado, no que diz respeito às entrevistas, foi necessário obter a confiança dos respondentes para que estes expressassem sem receio a sua opinião em relação às diversas questões abordadas. Em função disso, levou-se mais tempo que o previsto para concluir esta etapa da investigação.

Por fim, deve-se considerar que as variáveis associadas à demanda turística não foram aprofundadas em função do tempo dispensado para a realização da pesquisa (um ano). Embora o objetivo principal desta investigação não fosse realizar uma caracterização detalhada da demanda (como por exemplo a análise da sazonalidade do produto), entende-se que este estudo sempre vem a somar no que se refere às pesquisas realizadas em áreas de interesse turístico, uma vez que fornecem dados importantes relacionados aos turistas ou aos visitantes em potencial. Com relação às variáveis associadas aos impactos do turismo na comunidade receptora, outro limitante encontrado foi a impossibilidade de quantificar os ganhos de cada propriedade, uma vez que os residentes eram resistentes a este tipo de informação.

6.3 Sugestões para futuras investigações

Os estudos científicos na área do turismo ainda são muito limitados, se comparados com pesquisas em outras áreas. Felizmente, esta realidade está

mudando gradativamente, na medida em que cada vez mais pesquisadores vêm contribuindo com estudos que enfocam este fenômeno. A seleção do tema de pesquisa desta investigação surgiu justamente por entender-se da necessidade de aproximação do turismo às questões ligadas à comunidade-anfitriã e às práticas de capital social. Espera-se, portanto, que esta pesquisa possa ter contribuído para uma melhor compreensão destas questões, bem como incentivar outras pesquisas que possibilitem valorizar o tema. Como sugestão para futuras investigações, acredita-se que sejam válidos estudos empíricos analisando uma região por completo, se possível, para que se possa identificar melhor o grau de capital social existente e sua representatividade a nível regional. Da mesma forma considera-se relevante pesquisas semelhantes em áreas onde o turismo já está consolidado, ou seja, em locais de alto fluxo de visitantes, uma vez que os impactos na comunidade provavelmente serão maiores o que favorece uma melhor identificação do nível de tolerância da comunidade anfitriã.

REFERÊNCIAS

ABU-EL-HAJ.Jawdat. **O Debate em Torno do Capital Social: Uma Revisão Crítica**.Revista Brasileira da Informação Bibliográfica em Ciências Sociais.BIB,Rio de Janeiro,nº47,1º semestre de 1999.pp.65-79.

BENI, Mário Carlos.**Análise estrutural do Turismo**.6.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo,2001.

BENI, Mario Carlos. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. 2.ed.rev.São Paulo:Aleph,2003.

BENI, Mário Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2.ed. São Paulo: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991

CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. 3.Santa Cruz do Sul:EDUNISC,2002.

DENCKER,Ada de F.M..**Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**.3.ed.São Paulo:Futura,2000.

DENCKER,Ada.**Metodologia Científica**. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi.Turismo. Como Aprender,como ensinar.São Paulo:Editora SENAC,2001.

DIAS,Célia Maria de Moraes(org).**Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**.Barueri,S.P.: Manole,2002.

FEPAM. **Diretrizes ambientais para o desenvolvimento dos Municípios do Litoral Norte**. Fundação Estadual de Proteção Ambiental. Cadernos de Planejamento e Gestão-nº.1.Porto Alegre:FEPAM,2000

GALLARDO, José López. O caso de La Alpujarras.In:**Turismo e desenvolvimento local sustentável: elementos para um debate**. Revista eletrônica do programa Delnet de apoio ao desenvolvimento local.Granada,

Espanha:Centro Internacional de Formação da OIT.nº24,abril-maio,2004.p.42-48.Disponível em:
<<http://learning.itcilo.it/delnet/doc/portugues/6.pdf>>.

GOELDNER,Charles R.; RITCHIE,J.R.Brent.;McINTOSH,Robert W. **Turismo: Princípios, práticas e filosofias**.Tradução Roberto Cataldo Costa.8.ed.Porto Alegre: Bookman,2002.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <http://www.googleearth.com> acesso em julho,2006.

HALL,Michael.Mudando Lugares, mudando modos de pensar. In,HALL,Michael. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. Trad. Edite Sciulli. São Paulo:Contexto,2001,p.224-241.

IGNARRA,Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em fevereiro, 2007.

LAHORGUE,Maria Alice.**Pólos,parques e incubadoras: instrumentos de desenvolvimento do século XXI**.Brasília: ANPROTEC/SEBRAE,2004.

LEMOS,Leandro.Os sete mitos do Turismo: a busca de alguns conceitos fundamentais.In: Susana Gastal (org).**Turismo: 9 propostas para um saber**.Porto Alegre:EDUPURS,2000,p.77-91.

LEMOS. Leandro de. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph,2005.

LAKATOS, Eva Maria;MARCONI.Marina de Andrade.**Fundamentos de metodologia científica**.5.ed.São Paulo:Atlas,2003.

MAGGI, Eraclides Lumertz (org).**A integração na busca do desenvolvimento sustentável do litoral**.COREDE Litoral,2002.

MARTELETO,Regina Maria.SILVA.Antonio Braz de Oliveira.**Redes e Capital Social:o enfoque da informação para o desenvolvimento local**.Ci.Inf.Brasília.v.33.n.3.p.41-49.dez.2004.

MINISTÉRIO DO TURISMO.**Boletim de desempenho econômico do turismo**.Fev.2007.Ano IV.n.13.Disponível em:<
<http://institucional.turismo.gov.br/>>.

MIRANDA, E. E. de; GOMES, E. G. GUIMARÃES, M. **Mapeamento e estimativa da área urbanizada do Brasil com base em imagens orbitais e modelos estatísticos**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.urbanizacao.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 25 junho. 2006.

MOLINA, Sergio. **Turismo, metodologia e planejamento**. Bauru-S.P.: EDUSC, 2005.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MORAES, Jorge Luiz Amaral. **Capital Social e Políticas públicas para o desenvolvimento regional sustentável**. Revista Científica Ciências Administrativas. Fortaleza, v.9 n.2 p.196-204, dez. 2003.

OMT (org). Capítulo 15 – Planejamento turístico e desenvolvimento de destinos. In, OMT (org). **Turismo internacional: uma perspectiva global**. Trad. Roberto Cataldo Costa. 2.ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003, p.213-224

PEREIRA, Vilma Aguiar. **O Turismo na perspectiva da preservação da cultura e do Meio Ambiente: Unidade de Análise no Distrito de Morro Azul. Três Cachoeiras- RS**. Criciúma: 2005. Dissertação (Mestrado) Ciências Ambientais. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2005.

PUTMAN, Robert D. Putman. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço: Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2.ed. São Paulo: Ucitec, 1999.

ROSS, Glenn F. **Psicologia do Turismo**. Tradução Dinah Azevedo. São Paulo: Contexto, 2001.

RUANO, Miguel. **Ecourbanismo: Entornos Humanos Sostenibles: 60 Projectos**. Barcelona: Gustavo Gili, SA, 1999.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do Meio Ambiente**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2002.

SANCHO PÉREZ, Amparo (org). **Introdução à metodologia de pesquisa em turismo**. Trad. Gleice Regina Guerra, Thais Spiezzi Rinaldi. São Paulo: Roca, 2005.

SANTOS, Eurico de Oliveira. **O agroturismo e o turismo rural em propriedades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Pallotti, 2004.

SECRETARIA DA COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **RUMOS 2015: Estudo sobre desenvolvimento regional e logística de transportes no RS**. Porto Alegre, 2005.

SILVA, Jorge Antônio Santos. **Turismo, desenvolvimento e crescimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster**. Tese (doutorado). Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. 480f. v. 1v. 2. São Paulo, 2004.

SWARBROOKE, John. **The development & Management of Visitors Attractions**. Oxford: Butterworth – Heinemann, 1995.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável. Conceitos e impacto ambiental**. 3.ed. Trad. Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2002. 140p.

TAVARES, Hermes Magalhães. **Desenvolvimento “endógeno”, novos desequilíbrios e a necessidade de políticas regionais**. Instituto de pesquisa e Planejamento Urbano. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi Trigo (org). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

THOMAZI, Silvia. **Cluster de Turismo: Introdução ao Estudo de Arranjo Produtivo Local**. São Paulo: Aleph, 2006.

VASCONCELLOS, Carla P. **Governos Municipais: Desempenho Institucional e Capital Social**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

WORLD TRAVEL & TOURISMO COUNCIL. Disponível em: <http://www.wttc.org>. acesso em abril 2006.

ZIMERMANN,A. ***Turismo Rural: um modelo brasileiro***. Florianópolis: Ed. do Autor, 1996.

ZIMERMANN,A. ***Turismo no espaço rural***. Disponível em: <http://www.zimmermann.com.br/> acesso em março, 2006

Notas

MOESCH, Marutska. ***Turismo, Arquitetura a Patrimônio Histórico***. Unisinos, nov. 2005.

ANEXOS

ANEXO A :QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA DEMANDA E OFERTA

Questionário de avaliação da demanda e oferta turística do roteiro turístico de Morro Azul – Três Cachoeiras.

Data / Horário _____

01. Qual o município de sua residência?

02. É a primeira vez que você participa deste roteiro turístico?

- () sim _____ vezes
 () não

03. Você já participou de outros roteiro de turismo rural?

- () sim
 () não

04. Você considera a região de fácil acesso?

- () sim
 () não

05. Que meio de transporte você utilizou para deslocar-se até a região do passeio?

- () ônibus de linha regular
 () ônibus de excursão
 () carro particular
 () outro _____

06. Quanto a receptividade da comunidade, você considerou-a:

- () Muito Satisfatória

- () Satisfatória
 () Insatisfatória
 () Muito insatisfatória

07. As refeições realizadas durante o roteiro foram:

- () Muito Satisfatórias
 () Satisfatórias
 () Insatisfatórias
 () Muito Insatisfatórias

08. Você adquiriu algum produto típico comercializado na região?

- () Sim
 () Não

09. No caso de resposta anterior positiva, que produto (s) você adquiriu?

1. _____
 2. _____
 3. _____
 4. _____
 5. _____

10. De maneira geral,você considerou o roteiro:

- () Muito Satisfatório
 () Satisfatório
 () Insatisfatório
 () Muito Insatisfatório

11. Você gostou de todas as propriedades envolvidas no roteiro?

- () Sim
 () Não

12. Você considera que a comunidade de Morro Azul está unida para o desenvolvimento do turismo na região?

- () Sim
 () Não

13. Você considerou que a comunidade está bem qualificada para receber os turistas?

Sim

Não

14. Ao visitar as pousadas, você achou que estas estão devidamente equipadas para atender as suas necessidades?

Sim

Não

15. Você pretende realizar este roteiro novamente?

Sim

Não

16. No caso de resposta anterior positiva, você teria interesse em pernoitar na região?

Sim

Não

17. Em caso de permanência por mais de um dia na região, você acha que deveriam ser incluídas visitas em outras propriedades para diversificar as visitas?

Sim

Não

18. Você pretende divulgar este roteiro para familiares e/ou amigos?

Sim

Não

ANEXO B: Entrevista com membros da comunidade de Morro Azul, integrantes do “Roteiro de Turismo Rural Vale do Paraíso

Tabela 28:Idades dos entrevistados

| | |
|--------------|-------------------|
| Pergunta 1 : | Qual a sua idade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>40 anos</i> |
| B | <i>54 anos</i> |
| C | <i>63 anos</i> |
| D | <i>67 anos</i> |
| E | <i>70 anos</i> |
| F | <i>70 anos</i> |
| G | <i>51 anos</i> |

Tabela 29:Escolaridade dos entrevistados

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 2 : | Qual a sua escolaridade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>quarta série ensino fundamental / quinta série</i> |
| B | <i>Superior/ 1º grau</i> |
| C | <i>Quarta série ensino fundamental</i> |
| D | <i>Curso profissionalizante técnico</i> |
| E | <i>Primeiro grau e segundo grau incompleto</i> |
| F | <i>Oitava série/ ensino superior completo</i> |
| G | <i>Oitava série</i> |

Tabela 30: Tempo de moradia

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 3 : | A quanto tempo a Sr(a) reside na comunidade de Morro Azul? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Desde que nasci. Eu saí um tempo, fui pra Porto Alegre em fevereiro de 1983, mas eu nunca me desliguei daqui, a gente nunca se desfez da propriedade porque na realidade a gente sempre gostou muito daqui. Então a gente nunca vendeu nada, a gente comprou apartamento, ficou lá um tempo até que os filhos se “colocaram” e depois a gente ta mais aqui do que lá. Então a gente vai de vez em quando pra ajudar quando a filha tem plantão pra ajudar a cuidar da neta.</i> |
| B | <i>Desde que nasci.</i> |
| C | <i>A vida toda</i> |
| D | <i>67 anos.</i> |
| E | <i>Vivemos sempre aqui, desde que nascemos</i> |
| F | <i>A vida toda.</i> |
| G | <i>Desde que nasci.</i> |

Tabela 31: Atividade econômica

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 4 : | Qual a principal atividade econômica desenvolvida na sua propriedade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Banana e cana-de-açúcar – cachaça / agricultura familiar</i> |
| B | <i>Banana e agricultura familiar</i> |
| C | <i>“ meu marido cria gado e arrenda terras eu sou funcionária pública aposentada.”</i> |
| D | <i>Agricultura (banana), gado.</i> |
| E | <i>O gado, só que eu sou professora aposentada e ele é aposentado também. O seu marido é aposentado como agricultor? não. Ele é aposentado como músico porque aqui no Morro Azul tem uma banda, né... e ele é aposentado pela banda. E quando vocês foram para Porto Alegre, continuaram com o gado aqui em Morro Azul? Sim, continuou sempre, porque o meu marido vinha todas as semanas pra cá, e sempre tinha</i> |

| | |
|---|---|
| | <i>alguém pra dar uma olhada. A gente também planta para consumo próprio.</i> |
| F | <i>A cana- de- açúcar e banana</i> |
| G | <i>Plantação de banana.</i> |

Tabela 32:Infra-estrutura das propriedades

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 5 : | Você Considera sua propriedade adequada para receber turistas? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>No começo não estava, mas até que agora, então cada vez a gente está aprimorando mais. Acho que ta dentro do esperado, mas ainda tem coisa para fazer.</i> |
| B | <i>Ainda falta muita coisa, eu sinto que ainda tenho que me preparar mais para receber os turistas, melhorar a entrada, a estrada também está muito precária. E a gente sente que os turistas querem ver “coisas” e a minha parte aqui é de contar a nossa história, como funcionava o engenho de cana.</i> |
| C | <i>Eu acredito que falta muita coisa mas por enquanto eu acho que vai se levando...</i> |
| D | <i>Eu acho que tinha que ter mais melhoras...ainda não está como a gente “gostava” que fosse.O que a senhora acha que seria necessário fazer para melhorar a sua propriedade? Uma melhora geral, jadinagem...a gente é só nós dois, aí a gente não dá conta de cuidar de tudo como precisa, né. Eu acho que tinha que ter boas melhoras.</i> |
| E | <i>Eu acho que ainda tem muita coisa pra fazer, se eu tivesse mais condições e apoio financeiro saberia como investir na propriedade.</i> |
| F | <i>Eu acho que sim. Tem coisas que a gente quer melhorar né...porque a gente sempre pensa em melhorias, mas eu acho que, quanto a pousada a propriedade está bem.</i> |
| G | <i>“Sim. Não está bem completa ainda, mas já recebeu grupos.”</i> |

Tabela 33: Atrativos turísticos das propriedades conforme a comunidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 6: | Quais os principais atrativos turísticos de sua propriedade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>A pousada, tem a trilha das grutas na mata que envolve turismo religioso. E na pousada tem um campinho de futebol, cancha de bocha.</i> |
| B | <p><i>“tem a casa do Filó, a gente está começando as trilhas no mato, tem cachoeira, tem passeio no morro, sobe o morro, na trilha, e aí lá em cima tem vasto um potreiro que tem gado, tem um vista bonita.</i></p> <p><i>No filó é assim... a gente revive o tempo passado, a vinda dos imigrantes pra cá, como eles viviam (...) os imigrantes italianos chegavam aqui, eles sentiam necessidade de se encontrar... eles trabalhavam na lavoura, então eles sentiam necessidade se encontrar pra terem aquele calor de onde eles vieram, matar a saudade... então aí os homens se reuniam numa casa, sem luz elétrica, tudo com lampião e aí eles rezavam, cantavam- os homens... e as mulheres faziam filó, faziam trança de palha, faziam bordados, tricot, crochê, mas muita reza e muito canto. Aqui a gente encena... quando chega o pessoal a gente encena com lampião... “sejam bem vindos...” aquela coisa bem italiana... aí eles chagam, sentam... no que eles sentam a gente já serve vinho. Aí eles então degustam o vinho... aí a gente começa a contar a história (até é o Ari que conta) como é que chagam... ele conta bem e aí depois a gente reza. E diz “eles rezavam assim...” e aí a gente reza Ave Maria, Santa Maria, o Santo Anjo... tudo em italiano. A gente tem um grupinho que eu rezo e ele respondem e a gente canta - e quem faz parte deste grupo? o grupo é eu, meu marido, a minha empregada com o marido. A minha empregada já vem vestida típica, com o balaio cheio de pão e vinho e vem um gurizinho também com a enxadinha na mão (filho dela)... vem o marido com a enxada nas costas e ela com o cesto de queijo e vinho pra fazer a merenda... senta e abre aquele cesto e eles degustam... fazem como se estivessem na roça mesmo (ele “bota” as ferramentas no chão e come)... nisso eu estou sentada e passo o cesto também para o pessoal e aí a gente canta o canto italiano... a aí eu faço todo mundo cantar... todo mundo canta... fica até lindo! – e tem mais alguém junto cantando ou somente a</i></p> |

| | |
|---|--|
| | <p>senhora? Sou eu e mais duas que são minhas amigas da comunidade – mas a propriedade delas fazem parte do roteiro? Não. (...) e depois a gente encena como eles faziam as casas antigamente...os homens com serrote...cantando cantos da Itália. – e qual seria o tempo de duração de um filó? Pra começar...o filó se eles “querem” vai festa a noite inteira porque começa aquilo ali né... aí a gente canta,aí a gente passa um pratinho com polenta mole com molhinho aí eles levantam e já tem uma mesa posta com o vinho e tem um pote de pão torrado e uma pastinha...enquanto eles comem a polenta nós cantamos o canto da polenta... todo mundo canta...é aquela festa!</p> <p><i>Aí quando termina isso a gente diz “bom agora terminou o filó...agora vocês vão embora”...aí a gente abre uma porta ...ali tem um fogão...tem uma mesa farta...lá tem: assado de porco,salame frito,queijo,pães,pizza,torta doce,torta salgada, tem de tudo...é uma mesa, assim, farta que eles chegam e ficam doidos...e aí degustam e tomam vinho e comem até não quer mais.Tem dia que saem até a uma hora da manhã...porque tem que ser “de noite, né” começa ali pelas oito horas...Aí eles fazem aquela festa...vão para o salão dançar.. o pessoal se anima... aí quando eles vão embora...aí eles tomam o brodo..que é aquela sopa de uma galinha bem velha..uma canjinha. – e dentro do roteiro de um dia, como funciona o filó? Não funciona. São grupos especiais para o filó. Tem uns grupos que querem visitar e aí a gente mostra a casa...ela tem um porão onde era feita a cachaça...é só visitaçãoo..o filó só funciona a noite...funciona a parte do roteiro.</i></p> <p><i>Faz parte do roteiro apenas visitaçã na minha propriedade, quando precisam eu também sirvo o café rural e refeição quando as “outras não fazem”.</i></p> |
| C | <i>A parte do moinho. Quando vem a turma do turismo a gente moí o milho e eles adoram.</i> |
| D | <i>O engenho, a tafona e a venda de artesanato.</i> |
| E | <i>Basicamente é o engenho e a fabricação da cachaça. Também estou pensando em fazer pesca, estou fazendo um açude para isso.</i> |
| F | <i>A trilha nas cachoeiras e o café rural.</i> |
| G | <i>Carrinho de lomba, passeio à cavalo, perna-de-pau,trilha, cachoeira,café rural.</i> |

Tabela 34: Melhorias realizadas

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 7: | Você precisou realizar algum tipo de melhoria para torna-la adequada para receber turistas? Que tipo de melhoria? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Praticamente aconteceu com o que eu já tinha, açude, peixes, praticamente não precisei fazer nada.</i> |
| B | <i>Sim, principalmente a casa porque era uma casa que não tinha condições da gente fazer um de fazer o café, porque ela tava muito velha, comida pelos cupins, o forro...tudo...aí a gente fez toda a pintura como era antes, aí a gente tirou todo o forro que estava estragado e colocou outro novo...é...muita coisa que tinha dentro, coisas velhas, camas...a gente tirou tudo fora. Deu um trabalho danado! Ainda não está bem como a gente quer, precisava ainda mais melhoras.</i> |
| C | <i>A gente ainda não estava preparado para receber os turistas. A gente teve que melhorar o engenho, fazer bancos, melhorar a limpeza na propriedade, coisas que a gente não percebia que tinha que ser feito, mas agora a gente vê que fica bem melhor.</i> |
| D | <i>Sim. A gente fez a churrasqueira, a cancha de bocha, a gente restaurou toda a casa, , tudo...porque quando a gente ficou com a casa tivemos que mexer em todo o telhado, porque é uma casa que tem cento e dois anos, uma casa bem antiga, então a gente teve que mexer em todo telhado...a casa “tava” muito demolida, então a gente restaurou toda ela. E assim...colocar lareira, esse tipo de coisa a gente fez também. O forno a gente fez, o tanque, restauração do balcão, construímos um banheiro novo né... porque tinha só o banheirinho original, aquele antigo, então a gente acha assim... que o banheiro é um cartão de visitas né...fizemos um banheirinho bom.</i> |
| E | |
| F | <i>“A gente fez um açude nos fundos que tem peixe..da janela da casa pode pescar..vai ser colocado um monjolo.”</i> |
| G | <i>Não porque o moinho já tem a cinqüenta anos, já tava feito no tempo do falecido meu pai, depois caiu em herança e a gente “garrou” e comprou deles né e veio tocando.</i> |

Tabela 35: Retorno financeiro

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 8: | Você já recebeu retorno financeiro, desde o início de sua participação no roteiro? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Olha...quase tudo que a gente gasta para fazer o café é coisas que a gente colhe, que a gente faz na propriedade,daí a gente não depende muito de mercado, aí no fim dá lucro. O pão, a rosca, a batata, a maioria das coisas que a gente faz é transformado de coisas que a gente colhe.</i> |
| B | <i>“Já recebi...é pouco né...mas eu não fiz assim ...pra ganhar dinheiro. Eu tenho um gosto pela cultura,resgate das raízes, o nosso interesse foi este... porque a gente começou assim motivado porque a gente foi num filó de Veranópolis”.</i> |
| C | <i>Eu estou bem contente, para início estou bem contente. E o que eu gosto é assim... que as pessoas vêm geralmente pra se hospedar ou pra almoçar porque nós fizemos assim, não só pra se hospedar,se a pessoa ou grupo quiser fazer um almoço ali pode vir. Então... o ano passado nós fizemos pra vários grupos: clube de mães,terceira idade, pastoral da criança...Qual o número máximo de pessoas que vocês servem o almoço?Até trinta, trinta e cinco pessoas, porque nós aumentamos a área já para comportar mais gente. E quais os pratos que são servidos?Então é assim...geralmente é o prato típico: é a polenta com farinha daqui, massa caseira e galinha e gente faz também um outro tipo de carne, ou uma carne de panela ou salsicha e salada e acompanha o suco. Também tem o vinho artesanal produzido aqui que é cobrado a parte.</i> |
| D | <i>Olha...algum a gente têm recebido.</i> |
| E | <i>Isso que é... assim, como vou te dizer,tu trabalha, trabalha e não é o esperado, mas como nos disseram no curso que vai dez anos, e como só estamos uns três então até ta bom. Se tivesse grupo toda semana consegue! Mas você acha que já representa uma melhora na renda familiar? Ah...ajuda! porque se for depender só da agricultura não dá.</i> |

| | |
|---|---|
| F | <i>É, na verdade o retorno não é muito,mas foi bom porque as pessoas que vêm aqui pelo roteiro divulgam, e acaba vindo outras pessoas também.</i> |
| G | <i>Aqui não teve muito, eu trabalho mais porque gosto mesmo, eu gosto que o pessoal visite a minha propriedade.</i> |

Tabela 36:Acessibilidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 9: | Quanto ao acesso a sua propriedade, você acha que necessita de alguma melhoria? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Até ali a pousada as estradas estão boas.</i> |
| B | <i>Médio, poderia ser melhor.</i> |
| C | <i>Muito...muito mesmo. O acesso da nossa propriedade...as estradas, elas são muito estreitinhas, curvas fechadas, quando dá uma chuva forte fica ruim, os bueiros entopem...quando vem um ônibus grande, ele custa a fazer as curva, a subir, então precisava assim...de um alargamento, de uma de material, porque não tem material, né...deu uma passadinha com a patrola e ta no barro. Então é difícil. Com é que vai vim turista com as estrada ruins?</i> |
| D | <i>“A gente fez a entrada lá na porteira...para o ônibus entrar...a gente fez um aterro bem grande.(...) a primeira vez o ônibus “pifou”, não pode entrar. A gente vai melhorar a estrada...a cada dia a gente pretende melhorar”</i> |
| E | <i>Olha...por um momento a gente vai levando conforme a,né.mas o senhor acha que poderia melhorar para receber turistas? Hoje em dia pra melhorar alguma coisa...olha...não ta fácil.</i> |
| F | <i>Pra este tipo de turismo ta bom, talvez seja necessária um pequena melhora. Claro que nós não queremos o asfalto lá no meio do nosso roteiro, porque lá tem que ser natural, tem que ser rústica.</i> |
| G | <i>Teria que melhorar um pouco, acho que o município deveria dar mais atenção, porque o turismo ta ajudando o município, então teria que ter mais atenção com as propriedades.</i> |

Tabela 37: Produtos comercializados

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 10: | Você comercializa algum produto típico de sua propriedade? Qual (is)? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim. Assim, que a gente faz... o pão, a gente faz o cuzcuz, a gente faz o Biju (o biju é a fibra do aimpim cozido no forno), a gente faz o doce caseiro, geléias, chimias, mel, queijo, salame, rosca, amendoim, rapadura, o vinho que a gente mesmo ta fazendo já faz uns anos, o licor, cachaça, muita coisa assim que a gente faz que as pessoas adquirem e gostam. Depois quando vem grupos eles encomendam para outros grupos.</i> |
| B | <i>Sim. Licores, goiabada, chimia, merengue, bolacha, queijo, ovos.</i> |
| C | <i>Sim. Eu vendo queijo e ovos.</i> |
| D | <i>Sim. Licor de figo, licor de banana, licor de jabuticaba, queijo, feijão, farinha de milho e doces em geral, cucas, bolos.</i> |
| E | <i>Sim. Olha.... aqui agente vende a parte do mel, cachaça, farinha, feijão (quando tem), pão, bolo, broa.</i> |
| F | <i>Não vendo nada, apenas o artesanato.</i> |
| G | <i>Sim, a gente vende o feijão, derivados da cana, melado, cachaça.</i> |

Tabela 38: Cursos na área de turismo

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 12: | Você recebeu algum tipo de curso voltado ao turismo? Em caso de resposta positiva, você achou válida a participação neste (s) curso? Por quê? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Fiz esses cursos que são dados aqui na comunidade e um em Torres no Sebrae, todos que a comunidade fez. Fiz esses cursos que são dados aqui na comunidade e um em Torres no Sebrae, todos que a comunidade fez.</i> |
| B | <i>Fizemos, vários cursos. Veio um professor de Porto Alegre dar cursos pra gente, de como fazer, como receber as pessoas. A EMATER dá assistência direto pra gente, sobre alimentação, sobre a higiene, um monte de cursos... a gente fez curso de culinária pra aprender fazer mais coisas boas para o café, a gente ta sempre se aperfeiçoando.</i> |

| | |
|---|--|
| C | <i>Olha a gente teve uns curso aqui. Eles têm falado muita coisa...a gente nem se lembra de tudo. A gente aprende muita coisa.</i> |
| D | <i>Sim, a gente fez vários seminários, seminário em Dois Irmãos, em Porto Alegre, agora teve em Triunfo... quando tem esses cursos de melhoramento a gente participa. Curso especial de turismo só de três dias de duração. Pra mim acrescentou ...porque a gente é um casal que mora no interior e quase não tem atividade...aí a gente motiva as pessoas, por exemplo, na casa de cultura a gente aquele prazer de mostrar para as pessoas que a gente tem aquele interesse de mostrar com era o passado...o resgate...então eu me sinto bem porque eu noto que eles acham bom, acham bonito aquilo que a gente faz.</i> |
| E | <i>Sim, fiz vários cursos, fiz o da Ulbra, fui em uma conferência em Antônio Prado e participei de uma jornada de turismo também. Eu aprendi que não importa o que os outros pensam de você, o importante é fazer aquilo que gosta e se tiver que mudar alguma coisa, que mude pra melhor, foi isso que eu aprendi.</i> |
| F | <i>Sim participamos de todos que foram feitos aqui. Aprendemos a preparar a propriedade para receber os turistas.</i> |
| G | <i>Sim, eu tive até em um curso Minas Gerais. A gente aprendeu a não perder a produção porque antigamente se perdia muito por falta de conhecimento, a gente não sabia como transformar a produção rapidamente e muita coisa se estragava. A gente aprendeu também sobre comportamento, como receber as pessoas, dialogar e ter carinho pelo que faz. Aí tu vê que as pessoas vêm aqui e saem muito contentes.</i> |

Tabela 39: Importância dos cursos

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 13: | Você considera importante que sejam oferecidos cursos de aperfeiçoamento com frequência? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim.</i> |
| B | <i>Olha...eu acho que nunca é demais. Tudo que a gente aprende ainda é pouco</i> |

| | |
|---|---|
| C | <i>É bom.</i> |
| D | <i>Claro! Cada curso que tu vai aprender mais, tem que ir atrás e fazer tudo que é curso que tiver, tem que sempre se aperfeiçoar, porque o mundo todo ta bem informado e se tu ficar mal informado, tu ta “ralado”.</i> |
| E | <i>Sim, só acho que falta um pouco de atenção do poder público. Não estou criticando nem um prefeito, nem outro, mas em geral, acho que falta um pouco da parte do município no início não teve a mínima participação, tudo nasceu da comunidade.</i> |
| F | |
| G | <i>Sim, porque a gente sempre vai aprendendo mais...eu gosto muito quando tem esses cursos...de participar!</i> |

Tabela 40: Incentivos financeiros

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 14: | Você recebeu algum incentivo de órgãos público e/ou privados para desenvolver o turismo em sua propriedade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim. A EMATER sempre deu muito incentivo, a ULBRA também nos ajudou, foi importantíssima, o Sindicato do Trabalhadores rurais também nos dão muita força.</i> |
| B | <i>Até nessa altura ainda não recebemos nada ainda.</i> |
| C | <i>Não, não recebemos nada mesmo.</i> |
| D | <i>Não. A ULBRA, a EMATER e a prefeitura, porque eu tenho um contrato com o município que eu trabalhava vinte horas na prefeitura, aí a prefeitura... nós pedimos né.. para abrir a casa de cultura para atender os turistas...então a prefeitura nos cedeu duas tarde, então duas tardes, segunda e quinta eu trabalho na casa de cultura por conta prefeitura e um dia inteiro eu trabalho na creche de Três Cachoeiras. Então vocês pediram e a prefeitura entrou com esse apoio? Sim e também ela fez os folders, o Banner, foi tudo a prefeitura.</i> |
| E | <i>A EMATER nem se fala, sempre ajudou.Mas financeiro foi tudo comigo!</i> |
| F | <i>Nada, agora que o município está ajudando um pouco na divulgação. Mas nós acabamos divulgando o nome</i> |

| | |
|---|--|
| | <i>do município e não da comunidade de Morro Azul, então eu acho que falta um pouco de incentivo por parte do poder público, enquanto eu vejo que outros municípios estão investindo alto.</i> |
| G | |

Tabela 41: Participação na elaboração do roteiro

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 15: | Você participou da elaboração do roteiro de turismo rural de Morro Azul? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim desde o começo, eu fui a pioneira, eu tenho anotado no meu caderninho... o primeiro passeio de Morro Azul passou aqui em casa... primeiro roteiro que teve em 12 de julho de 2003, eu recebi trinta e dois carros aqui, na minha casa que era horrível de velha.</i> |
| B | <i>Particpei desde o lançamento.</i> |
| C | <i>Sim a gente fez tudo junto.</i> |
| D | |
| E | <i>Desde o começo. Nós fomos um dos primeiros e estamos até hoje.</i> |
| F | <i>Sim.</i> |
| G | <i>Sim. A gente ta sempre aqui. No início eu não participava do roteiro, mas ajudei nas reuniões.</i> |

Tabela 42: Relações sociais na comunidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 16: | Você conhece todos os demais participantes do roteiro? Em caso de resposta positiva, você possui um bom relacionamento com todos os outros envolvidos? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim, conheço. Olha... eu tenho algumas pessoas que eu fico muito descontente.</i> |
| B | <i>Sim. Olha... eu até agora não tenho nada pra dizer de ninguém.</i> |
| C | <i>Conheço, todos eles. Não tem pessoas assim que a gente vê que trabalham querendo puxar um pouquinho o tapete.</i> |
| D | <i>Sim, conheço. No momento em que tem uma excursão eu ligo para os outros e aviso. E a senhora já</i> |

| | |
|---|--|
| | conhecia todo mundo antes da elaboração do roteiro? <i>Sim porque aqui é interior e aí a gente se conhece. Sim com todos. Eu já tive um desentendimento mas já foi resolvido.</i> |
| E | <i>Sim, inclusive nós temos uma comissão que fiscaliza o funcionamento, porque temos que manter a qualidade do roteiro. Sim, a gente tem um bom relacionamento com todo mundo só que existe entre os participantes, às vezes, desentendimentos, mas isso ocorre em todo lugar, porque sabe...quando envolve dinheiro...tem aquela disputa. Mas o nosso relacionamento é muito bom.</i> |
| F | |
| G | <i>Sim, conheço todo mundo. Olha, eu consigo me integrar com todo mundo só porque às vezes eu fico chateado porque tem umas pessoas que não participam de todas as reuniões e acham ruim que eu participe.</i> |

Tabela 43: Realização de reuniões

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 17: | A comunidade envolvida realiza reuniões freqüentes para discutir questões voltadas a melhoria do turismo na região? Em caso positivo, você participa destas reuniões? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim, eu participo de todas.</i> |
| B | <i>Sim, sempre vamos.</i> |
| C | <i>Sim a gente vai em todas, só um dia que dê problema aí a gente não vai.</i> |
| D | <i>Nós temos uma reunião a cada última segunda-feira do mês. Nem todas porque fica um pouco distante.</i> |
| E | <i>Sim. Nem todas. Algumas eu fui.</i> |
| F | <i>Sim.</i> |
| G | <i>Sim, a gente faz junto com a EMATER e a prefeitura, inclusive quando as estradas estavam péssimas...nós solicitamos ajuda. Sim, todas, eu participo.</i> |

Tabela 44: Participação nas decisões

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 18: | Você considera importante à participação de todos os proprietários nas decisões referentes ao desenvolvimento do turismo na região? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim. Eu acho que todos devem participar, é muito importante. Inclusive a casa de cultura era do meu sogro aí nós conseguimos ajeitar o inventário e vender para o clube.</i> |
| B | <i>Sim. Tudo ajuda...a turma toda junta.</i> |
| C | <i>Eu acho porque tem pessoas que fazem parte do roteiro e quase nunca vão numa reunião. Então...eu acho que deveriam ir.</i> |
| D | <i>Sim, a gente convida, mas sempre tem uns que não podem.</i> |
| E | <i>Claro que é importante porque se não começa a puxar um pra lá outro pra cá e depois que não vai quer mudar alguma coisa, por isso tem que ir sempre.</i> |
| F | <i>É importante sim que todos decidam juntos.</i> |
| G | <i>Ah...com certeza porque todo mundo tem que acompanhar e se atualizar.</i> |

Tabela 45: Impactos sociais do turismo na comunidade

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 19: | Você acha que a elaboração do roteiro interferiu nas relações da comunidade? Em caso de resposta positiva, quais foram as mudanças? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Mudou...como é que se diz...a visão de certas pessoas porque...como é que se diz...muitos não acreditavam ou achavam que ia trazer desvantagem, porque pra muitos o turismo rural mostra coisas que nós não deveríamos mostrar. Com certeza teve mais união da comunidade.</i> |
| B | <i>Sim. Porque aquelas pessoas que eram mais contra o turismo agora estão aderindo. Essas pessoas que estão no Roteiro eram contra...e agora parece que eles sentem falta... quando não vem turista.</i> |
| C | <i>Interferiu bastante, né...porque a comunidade toda foi convidada para fazer parte, a comunidade toda foi</i> |

| | |
|---|--|
| | <i>convidada a melhorar suas propriedades, o Morro Azul como todo ficar melhor com o turismo. Então você acha que o turismo uniu a comunidade? uniu muito</i> |
| D | <i>Sim. Olha...eu pra mim o que eu vou dizer... eu acho que a gente veio a trazer cada vez mais amizade entre a turma toda.</i> |
| E | <i>Eu acho que foi muito bom, mas acho que as pessoas têm que se unir e andar mais sozinhas, porque só esperam pelos grupos que vêm da agência. Tem umas coisas que eu fico muito chateada porque as vezes algumas pessoas não fazem propaganda de todas as propriedades. As pessoas têm muito medo...eles têm medo da fiscalização do Ibama.</i> |
| F | <i>Eu acho que uniu o grupo...é claro, todo grupo tem seus altos e baixos, mas eu acho que foi um exemplo para a comunidade e agora até outras pessoas estão querendo entrar.</i> |
| G | <i>Eu acho que uniu muito. Nós sempre fomos uma comunidade que se destacou na produção, desde o tempo em que era distrito de Torres e depois que passamos a pertencer a Três Cachoeiras estamos nos destacando novamente, porque a gente tá trabalhando com uma coisa que está tão divulgada no Brasil e no mundo, que é o turismo né... e nós temos coisas bonitas pra oferecer, porque o turismo não é só cidades e prédios.</i> |

Tabela 46: Concorrência entre a comunidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 20: | Em sua opinião, existe algum tipo de concorrência entre as propriedades que fazem parte do Roteiro? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Existe.</i> |
| B | <i>Sim.</i> |
| C | <i>Até que era bom se tivesse mais concorrência, eu acho que se tivesse um pouco mais as pessoas melhorariam mais ainda as propriedades.</i> |
| D | <i>Eu acho que não... pode ser que algum lugar também tem alguém que seja melhor do que os outros, mas pra mim é tudo igual, tudo bom.</i> |
| E | <i>Sim, principalmente entre as propriedades que fazem</i> |

| | |
|---|---|
| | <i>o café, têm ciúme uma da outra porque uma faz mais, a outra faz menos...</i> |
| F | <i>Sim, tem algumas pessoas que são difíceis.</i> |
| G | <i>Acho que não.</i> |

Tabela 47: Concorrência direta com os interesses dos entrevistados

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 21: | Você considera que alguma das propriedades envolvidas no roteiro pode ser um concorrente direto aos seus interesses? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Ah...eu acho que tem uma propriedade que faz as coisas iguais as minhas...aí eu acho ruim.</i> |
| B | <i>Sim.</i> |
| C | <i>Eu pra mim tá tudo bom...</i> |
| D | <i>Sim.</i> |
| E | <i>Eu acho que não.</i> |
| F | <i>Não.</i> |
| G | <i>Olha, comigo não. Até acho que eu gostaria que tivesse, aí eu ia me obrigar a melhorar.</i> |

Tabela 48: Elaboração do roteiro

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 22: | Em sua opinião, o roteiro foi elaborado de forma justa, beneficiando igualmente todos os envolvidos? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Sim</i> |
| B | <i>É que na verdade o roteiro é curto, as pessoas vêm com pressa, acho que as pessoas poderiam ficar mais aqui.</i> |
| C | <i>Quando foi feito foi.</i> |
| D | <i>Sempre tem algumas coisas que dá pra melhorar.</i> |
| E | <i>Olha... pra mim tá bom.</i> |
| F | <i>Talvez alguma leve a melhor, mas isso é relativo, estamos só no começo. O nosso prazo é dez anos para estar bem, mas em três anos nós já melhoramos, mas eu vejo que já tem gente ganhando um rendimento muito bom.</i> |

| | |
|---|------------------|
| G | <i>Sim, foi.</i> |
|---|------------------|

Tabela 49: Inclusão de outros membros da comunidade no roteiro

| | |
|--------------|---|
| Pergunta 23: | Você acha que os demais proprietários da comunidade, que não fazem parte do roteiro, deveriam ser incluídos? Por quê? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Poderiam, eu sempre digo que o sol nasceu pra todos, sempre concordei com isso.</i> |
| B | <i>Olha... eu não sei se agora, talvez esperar um pouco mais...andar um pouco mais...porque nós já temos um grupo que já está trabalhando a alguns anos talvez mais tarde.</i> |
| C | <i>Olha daí teria que ser outro roteiro porque de um dia só fica muito pouco. Poderia ser o dia todo, nós até estamos pensando em fazer porque daí tem o almoço na pousada.</i> |
| D | <i>Pois olha...isso aqui...a pessoas pra se organizar pra chegar nessa altura aqui eles têm que fazer muita coisa.e eu acho que muita gente demais ainda nem é conveniente</i> |
| E | <i>Neste mesmo roteiro fica difícil porque o tempo é curto.E se tivesse um tempo maior a senhora concordaria? Sim.</i> |
| F | <i>Eu acho que pode entrar, cabe mais pessoas e é melhor.As propriedades podem intercalar entre uma e outra para caber bem no mesmo roteiro.</i> |
| G | <i>Eu acho que eu gostaria, porque tudo agrega valores, tudo é incentivo pra comunidade, né...só que tem que ter outro tipo de roteiro por causa do tempo.</i> |

Tabela 50: Benefícios do turismo para a comunidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 24: | Em sua opinião, quais os principais benefícios que o turismo oferece para a comunidade de Morro Azul? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Agrega valores na renda familiar...as pessoas ficam animadas e não saem para a cidade, ficam aqui. Tem pessoas que já viram que deu resultado aí elas querem é pensar no turismo.</i> |
| B | <i>Ele trouxe mais prazer de morar no interior, aquela expectativa que sempre vem gente, gente de fora visitar a gente.</i> |
| C | <i>Benefícios...primeiro: começando pela propriedade, olha a organização que fica, a prefeitura também acaba na obrigação de dar uma melhorada nas estradas, coisa que nunca era feita, tu vê as pessoas que trabalham melhorar a auto estima, as pessoas se visitam mais para discutir coisas em grupo, dar idéias, a gente sempre aprende alguma coisa..</i> |
| D | <i>A gente aprende muita coisa...eles vêm aprendendo da gente e a gente vem aprendendo deles.A pessoa vai entrando em contato um com o outro.Isto é que é interessante, eu pra mim isso, é uma coisa boa. Eu acho que o tempo isso pode trazer um bom futuro para os mais novos.</i> |
| E | <i>Deixa eu te dizer... a organização da comunidade,as campanhas,a limpeza e também eu acho que as pessoas cuidam mais as propriedades, mas as próprias propriedades que não estão participando também acabam cuidando mais porque vêem as pessoas chegando.</i> |
| F | <i>Deu auto-estima pra gente.Muitas coisas as pessoas não sabiam que tinha aqui no nosso lugar e agora o pessoal conhece, ninguém conhecia a cachaça do Morro Azul ,agora muita gente conhece.</i> |
| G | <i>Pra mim é que divulgou o Morro Azul, nosso nome já está ficando conhecido, apesar de pouca gente, é um grupo que culturalmente demonstrou que tem possibilidade de mostrar um trabalho feito aqui. Eu acho que na verdade a comunidade é muito boa.</i> |

Tabela 51: Principais impactos negativos do turismo na comunidade

| | |
|--------------|--|
| Pergunta 25: | Quais os principais problemas que o turismo trás para a comunidade? |
| ENTREVISTADO | |
| A | <i>Pode trazer no futuro. E atualmente, tem algum? Olha...problema acho que não traz nenhum.</i> |
| B | <i>Problemas...Eu acho que as pessoas que vieram aqui até agora foram sempre pessoas boas, mas no meio das boas pode vim alguém ruim, mas até agora foi tudo bem. O pessoal fica com medo de aumentar o roubo, mas eu acho que isso ta se espalhando para todo lugar e não é por causa do turismo.</i> |
| C | <i>Pra mim não tem nenhum problema, não tem como trazer problema a gente trabalhando direitinho.</i> |
| D | <i>Eu acredito que não tem problema nenhum.</i> |
| E | <i>Pode trazer uma falta de liberdade só. Daí a pessoa não tem mais aquela liberdade que tinha antes: eu vou onde eu quero, quando eu posso. Mas como os planos que foram feitos com dia marcado para as pessoas virem, aí fica bom pra gente.</i> |
| F | <i>Se aumentar muito, muito, vai ter que aumentar a fiscalização do meio ambiente, o que é natural, mas eu acho que não seria exatamente um problema.</i> |
| G | <i>Problemas...as pessoas acham que os “estranhos” vão entrar nas propriedades e vai dar roubo e vai aumentar a fiscalização do IBAMA.</i> |